

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



**A IMIGRAÇÃO CHINESA EM PORTUGAL E A SUA
INTEGRAÇÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL NA
SOCIEDADE PORTUGUESA**

俞怡婧 (YU YIJING)

Trabalho final orientado pela Professora Doutora Catarina
Gaspar, especialmente elaborado para a obtenção do grau de
mestre em Língua e Cultura Portuguesa (PLE/PL2)

(Dissertação de Mestrado)

2015

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças à ajuda de muitas pessoas, por diferentes razões, eu gostaria de agradecer especialmente:

À minha orientadora, Professora Doutora Catarina Gaspar da faculdade de letras da Universidade de Lisboa, por tudo o que me ensinou durante os meus dois anos de mestrado e pela sua orientação e apoio incondicional deste trabalho intenso. Agradeço-lhe todas as suas sugestões e indicações dadas, que foram essenciais para esta produção escrita.

Ao meu querido amigo, Rui Barreiro, por todas as correcções gramaticais que fez ao meu trabalho e por todo o tempo que dedicou altruistamente ao melhoramento das minhas expressões portuguesas. Sem a sua ajuda generosa, muito dificilmente este estudo se tornaria para realidade.

À minha querida amiga e colega, Peng hui, por passar comigo na zona “Martim Moniz” a fazer questionários e entrevistas com os imigrantes chineses, pela sua amizade e companhia, pelos seus conselhos e por todo o apoio.

A todos os participantes chineses e portugueses dos questionários, pelo seu tempo e auxílios e pelas suas opiniões e conversas dadas que me inspiraram e contribuíram bastante para o desenvolvimento deste estudo.

Aos meus pais, por todo o amor, confiança e apoio precioso, em todos os momentos da minha vida.

Em especial ao meu namorado, Taylor, pelo seu carinho e confiança que sempre demonstrou, pela sua paciência, compreensão e encorajamento constante durante o processo desta tese e por tudo o resto não dito.

A todos aqueles que colaboraram e participaram para a realização desta dissertação, o meu profundo agradecimento.

Resumo

No mundo de hoje, mesmo que a maioria das pessoas convivam num território chamado “país”, existem numerosos conjuntos de pessoas a fazer movimentos migratórios transfronteiriços. Com a sua população enorme total, a China tornou-se no país com mais emigrantes no mundo. Especialmente época recente, com o desenvolvimento económico chinês e o desenvolvimento das políticas de favorecimento aos imigrantes na Europa, a população dos imigrantes chineses nos países europeus está a aumentar em grande escala. Entre eles está Portugal, que também acolheu bastantes imigrantes chineses, país onde são mais de 20 mil.

Neste estudo analisam-se principalmente a situação actual, as causas, os modos e as teorias da migração internacional, os fluxos migratórios da China e a sua distribuição mundial, na Europa e, em particular, em Portugal. Este contexto permite entender a imigração chinesa em Portugal, a sua evolução histórica e as características da comunidade. Foram ainda feitos dois questionários para recolher dados concretos sobre a integração linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.

Portugal está a tornar-se cada vez mais multicultural. Com o crescimento notável da população dos imigrantes chineses, os estudos sobre esta comunidade tornam-se essenciais tanto no aspecto social, como no aspecto linguístico e cultural.

Palavras – chave: migrações internacionais; imigrantes chineses; comunidade de acolhimento; integração linguística; integração cultural.

Abstract

In today's world, even though most people live together in exclusive areas referred to as "countries", many of them still participate in cross-border migration. With its massive total population, China has become the country with the most emigrants in the world. Especially recently, with rapid Chinese economic development and the creation of policies favoring migrants in Europe, the population of Chinese immigrants in European countries is increasing on a large scale. Among them is Portugal, which has received quite a few Chinese immigrants, totaling to over 20 thousands now.

This study mainly analyzed the current situation, the causes, the methods and theories of international migration, migration flows from china and its global distribution in Europe, particularly in Portugal. This context allows us to understand Chinese immigration in Portugal as well as its historical development and community features. There were also two questionnaires which were made to collect concrete data on the linguistic and cultural integration of Chinese immigrants in Portuguese society.

Portugal is becoming increasingly multicultural. With the remarkable growth of the population of Chinese immigrants, studies of this community have become essential not only for the social aspect, but also in regards to linguistics and local culture.

Key-words: international migration; Chinese immigrants; host community; linguistic integration; cultural integration

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 As migrações internacionais.....	5
1.1. Migração Internacional.....	6
Migrantes laborais.....	9
Migrantes de Estudo.....	10
Migrantes em reagrupamento familiar.....	11
Migrantes de investimento.....	11
Refugiados Internacionais.....	12
Migrantes Irregulares.....	13
1.2. Situação atual das Migrações Internacionais à escala global.....	14
1.3. Causas e modos de Migração Internacional.....	16
1.4. Teorias de Migração Internacional.....	20
1.4.1. Teoria “Push-Pull”.....	21
1.4.2. Teoria Económica Neoclássica.....	22
1.4.3. Teoria da Nova Economia das Migrações.....	23
1.4.4. Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado.....	24
1.4.5. Teoria do Sistema Mundial.....	25
1.5. Teorias sobre o período após a migração internacional.....	26
1.5.1. Teoria de redes.....	26
1.5.2. A teoria da Causalidade Cumulativa.....	27
1.5.3. Teoria da Mudança Cultural Migratória.....	28
1.6. Teorias sobre integração de migração internacional.....	28
Capítulo 2 Emigração Chinesa.....	31
2.1. Fluxos Emigratórios da China.....	31
2.2. Distribuição e desenvolvimento de emigrantes chineses.....	35
2.3. Imigração chinesa na Europa.....	47
Capítulo 3 Imigração Chinesa em Portugal.....	51
3.1. Contexto de Imigração de Portugal.....	51
3.1.1. Fluxos migratórios para Portugal.....	51
3.1.2. Análise de Situação de imigrantes de Portugal.....	54
3.2. Evolução da Imigração chinesa em Portugal.....	60
3.2.1 Dos anos 20 aos anos 70 do século XX: Os primeiros chineses em Portugal.....	61
3.2.2 Dos anos 70 aos anos 80 do século XX: A descolonização, os chineses imigrados de Moçambique para Portugal.....	62
3.2.3 Dos anos 80 ao início do século XXI: O boom da imigração chinesa.....	64
3.2.4 De 2012 até hoje: <i>Golden Visa</i> e Investimento.....	67
3.3. Os Imigrantes Chineses em Portugal.....	69
3.3.1. Os macaenses em Portugal.....	69
3.3.2. Os comerciantes da Província Zhejiang e o fenómeno da “migração em cadeia”.....	70

3.3.3. Os estudantes de intercâmbio.....	73
3.3.4. Os migrantes de investimento e a sua indústria.....	75
3.4. A análise das características de imigrantes chineses em Portugal.....	77
Capítulo 4 A integração linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.....	85
4.1. A situação de integração linguística dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.....	85
4.2. A situação de integração cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.....	87
4.3. O grau de aceitação pela população portuguesa.....	91
Conclusão.....	94
Bibliografia.....	97
Anexos.....	107
Anexo I.....	107
Anexo II.....	111

Índice dos Gráficos

I – A população de imigrantes recebidos dos dez principais países de imigração em 2013.....	15
II – Fluxos migratórios mundiais em 2010.....	16
III – Os seis passos migratórios.....	19
IV – As atitudes de emigração da população de património líquido elevado da China.....	35
V – A distribuição de emigrantes chineses no mundo.....	36
VI – O déficit migratório na China.....	39
VII – População estrangeira residente em Portugal.....	56
VIII – População de nacionalidade estrangeira, por grupos de nacionalidade, 2011.....	57
IX – Principais profissões da população de nacionalidade estrangeira, 2011.....	59
X – Principal profissão da população estrangeira, por nacionalidade, 2011.....	59
XI – Nível dos salários por nacionalidade, média 2002-2008.....	79
XII – Percentagem dos trabalhadores que recebem o salário mínimo.....	79
XIII – Evolução do salário médio por nacionalidade (crescimento acumulado).....	80

Índice dos Quadros

I – Os três fluxos emigratórios da China desde 1949.....	33
II – Tabela de visão geral de políticas europeias de imigração de investimento.....	40
III – Evolução da população estrangeira em território nacional.....	55
IV – Ranking das nacionalidades mais representativas, 2011.....	57
V – A população estrangeira em Portugal 2011.....	78

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

ACIDI – Alto Coissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
(*UNHCR – United Nations High Commissioner for Refugees*)

AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal

ARI – Autorização de Residência para Atividade de Investimento

CE – Comunidade Europeia
(*EC – European Community*)

CEE – Comunidade Económica Europeia
(*EEC – European Economic Community*)

CEI – Centro de Estudos Interculturais

CESAP – Comissão Económica e Social para a Ásia e o Pacífico
(*ESCAP – Economic and Social Commission for Asia and the Pacific*)

DAES-NU – Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas
(*DESA-UN – Department of Economic and Social Affairs of United Nations*)

DE-DAES-UN – Divisão de Estatística do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas
(*SD-DESA-UN – Stastics Division of Department of Economic and Social Affairs of United Nations*)

DP-DAES-NU – Divisão de População do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas
(*PD-DESA-UN – Population Division of Department of Economic and Social Affairs of United Nations*)

FIM – Feira Internacional de Macau

HNWI – High Net Worth Individual

INE – Instituto Nacional de Estatística de Portugal

IPIM – Instituto de Promoção do Comércio do Investimento de Macau

IPM – Instituto Politécnico de Macau

IRN – Instituto dos Registos e Notariados

L2 – Língua segunda

LE – Língua Estrangeira

MIPEX – Migrant Integration Policy Index

OIM – Organização Internacional para as Migrações
(*IOM – International Organization for Migration*)

OIT – Organização Internacional do Trabalho
(*ILO – International Labour Organization*)

ONU – Organização das Nações Unidas
(*UN – The United Nations*)

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PCC – Partido Comunista da China

PIB – Produto Interno Bruto

RAEM – Região Administrativa Especial de Macau

SEF – Serviço dos Estrangeiros e Fronteiras

UE – União Europeia

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Introdução

Já é longa a história das migrações no mundo, dos primeiros movimentos migratórios até hoje, às migrações internacionais. Na sociedade moderna, com o desenvolvimento do processo de globalização, as migrações internacionais já se tornaram num fenómeno social perceptível, que afecta diversos países, em vários aspectos. Segundo as características diferentes de migrantes internacionais, podemos dividi-los em seis tipos principais: migrantes de trabalho, migrantes de estudo, migrantes em reunião familiar, migrantes de investimento, refugiados internacionais e migrantes irregulares. De um modo geral, os fluxos de imigração são principalmente “de países em desenvolvimento para países desenvolvidos” e “de países em desenvolvimento para países em desenvolvimento (que tenham um maior potencial, note-se)” (IOM, 2013:36). Diferentes comunidades de imigrantes têm diferentes motivações e modos de migração, pelo que, hoje em dia, num plano internacional já existem várias teorias sobre os estudos migratórios.

Considerando os estudos de migração internacional, a China tornou-se no centro de atenção de todos como um novo país de emigração, com um elevado interesse e prospectos académicos. Desde o estabelecimento da “nova China” (1949) até agora, destacaram-se três fluxos migratórios oriundos da China. O primeiro fluxo migratório aconteceu depois de 1978, num período em que a China implementava a política “Reforma e Abertura”, deixando as portas fechadas e fazendo numerosos chineses sair do país e ir para o estrangeiro. O segundo fluxo aconteceu nos anos 90 do século XX e foi motivado pelo desejo de estudar no estrangeiro; trata-se por isso de um fluxo de imigrantes com alguma qualificação e que são maioritariamente jovens e adultos em idade activa. O terceiro fluxo migratório da China começou em 2007 e dura até agora. Este fluxo é diferente dos dois primeiros pois muitos dos migrantes estão ligados ao investimento financeiro. De uma perspectiva regional sobre a distribuição, a Ásia e a América do Norte são os principais destinos tradicionais para os imigrantes chineses. No entanto, recentemente, com a chegada da crise da dívida, muitos países europeus começaram a estabelecer novas políticas de imigração para atrair investimento, o que consequentemente tem aumentado significativamente o número de imigrantes chineses na Europa. Segundo os dados estatísticos do Relatório sobre Migração Chinesa Internacional (*Annual Report on Chinese International Migration*, 2014:14), até ao fim de 2013, a população dos imigrantes chineses da Europa rondava os 3 a 3,6 milhões.

Portugal, sendo um país do sul da Europa, também recebeu um grande número de imigrantes chineses. De acordo com os dados mais recentes do Serviço dos Estrangeiros e Fronteiras (SEF), até 2014 o número de cidadãos chineses legalmente residentes em Portugal era 21,402, representando 5% do número oficial de estrangeiros em Portugal.

Segundo a nossa pesquisa, os chineses vieram para Portugal já há centenas de anos. De acordo com a linha temporal, há quatro fases na evolução histórica dos imigrantes chineses para Portugal. A primeira fase pode ser definida durante os anos 20 para os anos 70 do século XX. Nesta fase, a maioria dos imigrantes chineses vieram de “Qingtian” e “Wenzhou” da Província Zhejiang da China. A segunda fase migratória chinesa foi dos anos 70 aos anos 80 do século XX. De facto, com a descolonização em 1975, abre-se em Portugal o ciclo de imigração liderada pela comunidade africana e, simultaneamente, também veio uma comunidade chinesa da África, maioritariamente de Moçambique. Durante os anos 80 até ao início do século XXI, o número da população de imigrantes chineses em Portugal mostrou um crescimento notável, sendo considerado este período como a terceira fase. As origens dos imigrantes chineses em Portugal, durante este período, organizam-se em cinco subgrupos, a saber: os comerciantes vindo de Zhejiang, Guangdong e Fujian; os descendentes dos retornados de Moçambique; os imigrantes vindo de outros países da Europa para expandir os seus negócios; os imigrantes de Macau; e os estudantes e trabalhadores de intercâmbio.

A quarta fase pode ser definida de 2012 até agora, sendo marcada pela criação da Autorização de Residência para Atividade de Investimento (ARI)¹, vulgarmente designada como Programa “Golden Visa”, que trouxe um grande número dos novos imigrantes chineses. Até 31 de Julho de 2015, segundo os dados mais recentes do SEF, já há 2430 investidores a obter vistos desta natureza, entre os quais os chineses ocupam 80,53 % do número total, ou seja, há quase 2 mil imigrantes chineses a vir para Portugal por causa deste tipo de visto.

Com variadas origens, motivações e profissões, os imigrantes chineses também têm algumas sub-comunidades diferentes. Entre os primeiros imigrantes (antes dos anos 80 do século XX) e os imigrantes novos (depois dos anos 80) existem diferenças significativas em vários aspectos. Neste estudo, procurámos estudar a evolução desta comunidade em Portugal e através dos dois questionários realizados separadamente, a chineses e a portugueses, analisa-se a situação da integração

¹ Cf. http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/apoioCliente/detalheApoio.aspx?fromIndex=0&id_Linha=6269 (acesso em 15/09/2015).

linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.

Portugal está cada vez mais multicultural. Com o crescimento notável da população dos imigrantes chineses, os seus estudos são essenciais e significativos tanto no aspecto social, como no aspecto linguístico e cultural.

O tema das migrações internacionais já se tornou popular desde o século XX, mas os estudos específicos sobre a imigração chinesa apenas começaram após os anos 80. Com a execução da política “Reforma e Abertura”, em 1978, na China, mais migrantes chineses começaram a sair da China e a migrar para outros países, promovendo assim também as pesquisas sobre os imigrantes chineses. Por outro lado, é peculiar notar que Portugal, tal como outros países do sul da Europa, possui uma longa história de fluxos migratórios. Historicamente, sempre foi um país de emigração e começou, apenas após a descolonização de 1975, a tornar-se gradualmente num país de acolhimento para imigrantes.

Como já foi dito antes, segundo o Relatório Anual Sobre Migração Internacional Chinesa, em 2014, o número total dos emigrantes chineses, no mundo, ronda os 50 milhões. Segundo os dados do SEF de Portugal, o número total dos imigrantes chineses em Portugal excedeu os 20 mil. Trata-se efetivamente de uma pequena parte dos imigrantes chineses contabilizados ao nível mundial, pelo que não tem sido objecto de muitos estudos académicos internacionais. Como há muito mais população chinesa na América do Norte e na Ásia, o foco de estudos sobre a imigração chinesa também se concentrou naquelas zonas. Relativamente a Portugal, sendo um pequeno país do sul da Europa, foi muitas vezes incluído em estudos sobre os imigrantes chineses, numa perspectiva europeia. De facto, existem poucos estudos que se concentram na imigração chinesa em Portugal. Os que existem são geralmente centrados na perspectiva portuguesa, o que restringe um pouco o seu ponto de vista. Na perspectiva da comunidade chinesa não abundam os estudos. Como um indivíduo desta comunidade, sinto-me compelida a fazer este trabalho, para enriquecer o que, espero, seja uma colecção crescente de estudos sobre a imigração chinesa, apoiados numa visão de dentro da comunidade chinesa. Assim, considere este o maior objectivo deste estudo.

Neste estudo foram aplicadas as seguintes teorias: Teoria “push-pull”; Teoria económica neoclássica; Teoria do mercado de trabalho segmentado; Teoria de redes; Causação cumulativa; e Teoria do multiculturalismo. Iremos desenvolver-las mais adiante, na quarta parte do primeiro capítulo, intitulada “Teoria de Migração Internacional”. Houve uma preocupação em tentarmos sustentar o nosso estudo num

quadro teórico diverso, que permite entender a evolução das relações entre a comunidade chinesa e a comunidade de acolhimento, numa perspectiva linguística e cultural.

A dissertação “A imigração chinesa em Portugal e a sua integração linguística e cultural na sociedade portuguesa” conta com quatro partes principais. No primeiro capítulo, introduzem-se as tipologias, a situação actual, as causas, os modos e as teorias principais de Migração Internacional. No segundo capítulo, analisam-se os três principais fluxos emigratórios da China, a sua distribuição e o seu desenvolvimento, tendo em conta os imigrantes chineses na Europa. No terceiro capítulo, que é a parte principal deste estudo, focamo-nos no contexto da imigração de Portugal, em particular, os quatro momentos na história de imigração chinesa em Portugal, os grupos de imigrantes chineses que deles resultaram e as características e actividades das comunidades chinesas, em Portugal. Na quarta e última parte, mostram-se os resultados de dois questionários sobre a integração linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa. Um questionário foi especialmente feito para os chineses e o outro para os portugueses. A sua análise, no final, demonstra que os valores tradicionais chineses têm um grande impacto nas acções dos imigrantes chineses.

Neste estudo, é inevitável haver algumas limitações. Por um lado, como não há muitos documentos históricos sobre a situação dos primeiros imigrantes chineses em Portugal, as informações adoptadas sobre este aspecto são um pouco unilaterais; por outro lado, os questionários feitos apenas dizem respeito a uma pequena parte das opiniões da sociedade portuguesa; os próprios dados são por si só limitados, mas acreditamos que podem servir como uma amostra válida para o estudo deste tema.

Capítulo 1 As migrações internacionais

No mundo de hoje, mesmo que a maioria das pessoas conviva num território chamado “país”, existem numerosos conjuntos de pessoas a fazer movimentos migratórios transfronteiriços, com razões muito variadas e assumindo formas distintas, seja migração legal ou ilegal. Como referimos na introdução, os processos económicos e sociais associados à globalização estão relacionados com os fenómenos de migração internacional que afectam inúmeros países no mundo, em áreas diferentes: demografia, economia, sociedade, cultura, política, etc. Se nos centrarmos nas grandes metrópoles internacionais é claramente visível todo um conjunto sociocultural único com diversas características e combinações. Este impacto é facilmente detectado por parte dos locais, nos seus canais de média, nos seus comportamentos sociais e nas adaptações culturais.

Segundo os dados estatísticos da Divisão de População do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas, a população de migrantes internacionais, em 2010, já chegou aos 214 milhões, o que representa 3,1 % de população mundial nesse ano. Em 2013, os migrantes internacionais aumentaram para 232 milhões, representando 4,2 % da população mundial nesse ano (UN, 2013:1). Isto quer dizer que, no mundo, uma entre cada 25 pessoas é migrante internacional. Nos países desenvolvidos e industrializados, esta proporção é tendencialmente maior, provavelmente uma em cada 10 pessoas é migrante (Li Minghuan, 2011:1). Pode concluir-se que esta era é uma “era de migrantes”. O ex-secretário-geral da ONU, Kofi Atta Annan uma vez fez um elogio ao espírito migratório, referindo que a ambição de ter uma vida melhor tem sido sempre o motor do progresso humano. Historicamente, a migração tem melhorado o bem-estar, não só de migrantes individuais, mas da humanidade como um todo (Annan, 2006). É verdade também que os migrantes são alguns dos membros sociais mais criativos e mais dinâmicos. Olhando para a história, os migrantes desempenham um papel muito importante tanto na promoção económica, como na construção das nações. As grandes migrações também constituem uma série de problemas e desafios para os países. Alguns migrantes quando chegam aos países de acolhimento são vítimas da violação dos direitos humanos, discriminação e dificuldades acrescidas na integração da sociedade. Os países onde se registam fortes surtos de emigração, sentem igualmente grandes dificuldades pois perdem população em grande número, e perdem também talentos e recursos humanos qualificados. Em suma, não podemos ignorar o problema das migrações. Dentro deste âmbito, destacam-se como temas principais de estudo: como enfatizar o papel positivo de migrantes na sociedade e

como tratar os desafios sociais, linguísticos e culturais que eles impõem, a fim de promover a integração de todos os povos e a sua coexistência harmoniosa.

1.1. Migração Internacional

Na história mundial, as migrações surgiram em diferentes regiões do globo, com motivações diferentes, entre elas, destacamos as necessidades de ordem demográfica, política (por exemplo, a existência de guerras) e económica. Depois do período das Descobertas, por exemplo, houve cerca de 12 milhões de pessoas forçadas migrarem da África para o continente americano. Um elevado número de europeus também emigraram para as colónias (Segal, 1995:4). Estes surtos migratórios em direcção aos países colonizados abrandaram após estes países declararem a sua independência. No entanto, hoje em dia muitos destes países voltam a ser o destino da migração de muitos europeus, sobretudo por motivações profissionais e também pessoais (relações familiares).

Um outro período de um grande fluxo migratório mundial começou quando os Estados Unidos da América se estabeleceram como uma potência industrial. Desde os anos 50 do século XIX até à Grande Depressão dos anos 30 do século XX, milhões de trabalhadores deslocaram-se da Europa do norte, leste e Europa do sul em direcção aos Estados Unidos para procurar novas oportunidades de vida. Na esperança de viver o “The American Dream”. (Koser, 2007: 3).

Depois disso, a taxa de migração baixou muito durante as duas guerras mundiais por causa da Grande Depressão entre estes dois eventos bélicos e também por causa da economia e das políticas restritivas de migração. Após a 2ª Guerra Mundial, os países da Europa, em geral, o Japão, a Rússia, e, em menor escala, os EUA e a Austrália tinham uma grande necessidade de força laboral para a reconstrução das suas infraestruturas e para o fomento da economia. Isto levou a que muitos países tenham criado políticas favoráveis à imigração, o que teve consequências nos números registados nos fluxos migratórios da época. Naquela época, numerosos imigrantes deslocaram-se para países da Europa para participarem na reconstrução.

Os fluxos migratórios para os Estados Unidos continuaram até os anos 90 do século XX, mas na Europa notou-se um acentuado decréscimo nos anos 70. Nos dias de hoje, o centro da economia mundial tem estado com maior foco na Ásia, contudo, de uma maneira peculiar e contrária aos registos históricos observados, a população

trabalhadora asiática denota um grande número de emigrantes, que continua a aumentar. (Koser, 2007:4).

Antes analisarmos os fenómenos associados às migrações internacionais, temos de ter pelo menos uma ideia clara sobre a definição de migração internacional e sobre quais são as suas tipologias específicas.

Muito antes do conceito de nação alguma vez existir, os ancestrais humanos já tinham começado a migrar, procurando oportunidades a construir casas e atravessando as fronteiras geográficas e humanas de maneiras diferentes. Contudo, no sentido moderno, migração internacional apareceu apenas depois do conceito de “nação” e de “fronteira”, tornando-se um fenómeno social especial, gradualmente entrando na visão de toda a gente e formando a um tópico específico. A palavra “Immigrant” foi primeiro adoptada em inglês (americano), nos anos 80 do século XVIII, para distinguir os pioneiros de fase inicial com os “newcomers” (imigrantes novos).

Em 1953, o Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da Divisão de Estatística das Nações Unidas apresentou pela primeira vez uma série de recomendações padronizadas para como proceder em relação à “Migração Internacional - Estatísticas” (*International Migration Statistics*, 1953). O documento propunha que “os migrantes devem incluir dois tipos de pessoas, um é que já residiram no país por mais de um ano e com a finalidade de residência a longo prazo, e outro tipo é que já residiram no país por mais de um ano e com a finalidade de obter cidadania (incluindo os que já têm nacionalidade de país de destino e os que ainda não possuem dupla-nacionalidade)” (ESCAP, 2006:3).

Em 1998, o Departamento de Assuntos Económicos e Sociais da Divisão de Estatística das Nações Unidas lançou um outro documento com as “Recomendações sobre Estatísticas de Migração Internacional”, no qual se dá uma breve definição sobre migrantes internacionais. Nesse documento, entende-se que a designação ‘migrante internacional’ refere-se a qualquer pessoa que muda de país de residência, mas por lazer, negócios, tratamento médico ou motivos religiosos durante um período curto não incluem. No documento, migrantes internacionais são divididos em dois grupos, “migrantes a longo prazo” e “migrantes a curto prazo”.

Migrantes a longo prazo’ refere-se às pessoas que viajam para o país de destino e por lá permanecem pelo período de mais de um ano (12 meses). Neste caso, assume-se que o país de destino se torna o novo país de residência. Para o país de origem, este tipo de pessoas são emigrantes de longo prazo; na perspectiva do país

de destino, estes são imigrantes de longo prazo.

Por outro lado, a designação 'migrantes a curto prazo' abrange as pessoas que migram para outro país, num período superior a três meses, contudo inferior a um ano (12 meses). Como as razões para esta migração são geralmente lazer, férias, negócios, tratamento médico ou motivos religiosos, estes indivíduos não se incluem, para fins estatísticos como migrantes.

A Organização Internacional para as Migrações (*International Organization for Migration* - IOM) é uma organização internacional com grande influência, cujo propósito é servir os migrantes e obter o benefício comum. Esta organização também criou uma descrição para os que considera como migrantes internacionais: "Os migrantes internacionais são as pessoas que saem dos seus países de origem, atravessando as fronteiras nacionais, com finalidade de residirem num outro país e já residiram por algum tempo ou se pretenderem residir permanentemente no país de imigração" (Li Minghuan, 2011: 4-5).

É de frisar que o conceito de "migração internacional" definido pelas organizações acima mencionadas tem três elementos básicos: primeiro, o atravessar as fronteiras nacionais, ou seja, as linhas que delimitam territorialmente o país de origem; em segundo lugar, quanto tempo os migrantes residem no país de destino; e finalmente, o motivo da migração.

Depois da Segunda Guerra Mundial, com o crescimento contínuo de migração internacional, a sua classificação começou a ganhar especificidades e mais tipologias. Por exemplo, de acordo com a quantidade de migrantes, este fenómeno pode ser dividido em migração individual ou migração em grupos; de acordo com a duração do tempo, pode ser designado migração permanente ou migração temporária; se se tiver em conta a distância em relação ao país de origem, podemos distinguir migração de curta distância ou migração de longa distância, ou ainda migração continental e migração transoceânica; olhando para a perspectiva jurídica, pode ser dividida em migração legal e migração ilegal; tendo em conta a iniciativa e a motivação, podemos considerar migração voluntária e migração forçada, etc.

Alguns estudiosos internacionais também criaram as suas classificações associadas à migração internacional. Peter Stalker (1994:4) distingue cinco tipos de migrantes internacionais: colonos (*settlers*), trabalhadores contratados (*contract workers*), profissionais (*professionals*), trabalhadores em situação irregular (*undocumented workers*), refugiados e requerentes de asilo (*refugees and asylum seekers*). Stephen

Castles (Castles & Miller & Haas, 2013) considera que migrante internacional pode ser classificado em oito tipologias diferentes, que são: migrantes laborais temporários, migrantes altamente qualificados, migrantes ilegais, refugiados, requerentes de asilo, migrantes forçados, reunião de família e retornados. Peterson (1958), por sua vez, refere cinco tipos de migração: migração primitiva (*primitive migration*), migração forçada (*forced migration*), migração incitada (*impelled migration*), migração livre (*free migration*) e migração em massa (*mass migration*).

Neste trabalho, em consonância com as teorias apresentadas, considero relevantes as características dos migrantes internacionais e, por isso, vou usar seis tipos principais para classificar os imigrantes: migrantes laborais, migrantes de estudo, migrantes em reagrupamento familiar, migrantes de investimentos, refugiados internacionais e migrantes irregulares.

Migrantes laborais

Sem dúvida nenhuma, os migrantes laborais constituem o primeiro género de migrantes. A desigualdade de diferença de riqueza entre o norte e o sul no globo atraiu migrantes de áreas de rendimentos mais baixos para áreas onde o rendimento é mais elevado. As várias conexões económicas na conjectura mundial contemporânea inevitavelmente causaram fluxos de força laboral. Sassen (1999) considera que as migrações resultam em parte da globalização económica. Igualmente, o desenvolvimento dos *media* de terceira geração associados às tecnologias de informação e comunicação, bem como o transporte cada vez mais conveniente e acessível provocam a saída mais fácil das pessoas do seu país de origem para procurarem melhores oportunidades de trabalho. O fluxo de mão-de-obra global traz um mercado capital mais livre, ativo e mais desenvolvido, mas, em certa medida, também é causador de perdas de capacidade laboral nos países onde o valor salarial é mais baixo, contrariamente ao países de rendimentos superiores que estão numa posição favorável. Desta situação resulta um desenvolvimento ainda mais desequilibrado, pois as zonas ricas ficam mais ricas e zonas pobres tornam-se mais pobres. Isto reflecte-se numa grande desigualdade global que cada vez mais fica maior; é um círculo vicioso.

A Professora Doutora Minghuan Li, especializada em estudo de migração da China na Universidade Xiamen, mencionou, no seu livro “Estudo sobre políticas de migração internacional” (2011), que os migrantes laborais podem ser divididos em sete categorias: migrantes qualificados (*skilled migrant workers*), migrantes contratados (*contract migrant workers*), migrantes sazonais (*seasonal migrant*

workers), migrantes temporários (*temporary migrant workers*), migrantes envolvidos em projectos (*project-tied migrant workers*), trabalhadores fronteiriços (*frontier workers*) e trabalhadores itinerantes (*itinerant workers*). (Li Minghuan, 2011: 7-8)

Em 18 de dezembro de 1990, as Nações Unidas aprovaram a “Convenção Internacional sobre a protecção dos direitos de todos os trabalhadores migrantes e membros de suas famílias” (*International Convention on the protection of the rights of all migrants workers and members of their families*). Esta é a primeira convenção que em nome das Nações Unidas foi criada para proteger os direitos de trabalhadores migrantes. Em 2000, a ONU passou a celebrar a efeméride, definindo o dia 18 de Dezembro como o Dia Internacional de Migrantes.²

Migrantes de Estudo

Incluem-se neste grupo os estudantes que desejam efectuar os seus estudos num país estrangeiro, depois de admitidos por uma instituição de ensino no país de destino, podendo então candidatar-se a uma vaga do curso pretendido naquele país. Em geral, as pessoas saem do país para frequentar tipos diferentes de educação, e o tempo utilizado pode corresponder a um período curto ou longo (pode durar entre algumas semanas até alguns anos), estas pessoas são designadas por estudantes estrangeiros ou estudantes que estudam no exterior. No âmbito do nosso estudo, entende-se que migrantes de estudo são apenas os que ficam em países estrangeiros mais de um ano.

As principais razões para estudar no estrangeiro são as seguintes:

- Alargar os seus horizontes e experiências;
- Aprender a língua e adquirir conhecimentos culturais do país de destino;
- Procura de melhores condições de educação (entre os estudantes que vêm de países em desenvolvimento para países desenvolvidos, de notar que esta razão é a mais comum);
- Por factor de emprego, para obter um potencial trabalho melhor no futuro, ao preparar-se com o diploma de uma escola famosa no estrangeiro;
- Por razões diplomáticas; os governos podem enviar estudantes, oficiais ou soldados para outro país a fazer intercâmbios para aprofundar a cooperação;
- Cultivar as capacidades para viver de forma independente e autónoma;

² Cf. <http://www.un.org/en/events/migrantsday/> (acesso em 20/09/2015).

A estas razões, acrescem outras com forte relação com a migração, cujos casos são os destacados abaixo:

- Os adolescentes que vivem no estrangeiro com os pais;
- Os estudantes que se candidataram a visto de estudante e querem obter o título de residência do país que o acolheu ;
- As pessoas que querem conhecer bem a sociedade local e acumular mais experiência para residência permanente no futuro;
- Os menores que têm família monoparental e que vão para o estrangeiro para ficar com o seu responsável legal.

Migrantes em reagrupamento familiar

A migração associada ao reagrupamento ou reunificação familiar é uma das formas recorrentes associada à migração permanente. A reunificação familiar permite que um membro da família que é cidadão ou residente legal em outro país, possa propor os seus membros da família directa a uma candidatura de um visto deste tipo, o que, por sua vez, lhes permitirá migrarem para dito país. Os conceitos para definir quais são os membros da família imediata variam bastante, consoante a legislação de cada país, mas geralmente incluem: cônjuge, ascendentes e os filhos, descendentes (OI/ACIDI, 2005).

A migração por reunificação familiar é uma parte importante das migrações internacionais. Na Declaração dos Direitos Humanos de 1948 é claramente indicado que a família é a unidade mais básica da sociedade e que os membros da família têm o direito de viver juntos, devendo este direito ser respeitado e garantido pelo Estado e sociedade. Na Convenção Europeia dos Direitos Humanos, em 1953, também foi referido que a vida privada e familiar de todas as pessoas deve ser respeitada e os direitos das famílias migrantes também devem ser protegidos e suportados. Sob a proposta apresentada pela ONU, a UE e a Organização Internacional do Trabalho muitos países já têm restrições menos limitadas sobre imigrantes em reagrupamento familiar e tentam garantir os direitos fundamentais de migrantes de se reunir.

Migrantes de investimento

A migração associada a investimentos significa que os investidores que têm certos ativos e cumprem determinadas condições, investem capitais em projectos comerciais, adequados e aprovados pelo país de destino, tendo como contrapartida a possibilidade de obter o direito de residência para acesso permanente ao país de destino. Os migrantes de investimento têm de cumprir dois requisitos: um é investir

uma certa quantia de capital no país de destino e outro é criar postos de trabalho. Os fundos de investimento possuem geralmente um limite de tempo mais curto e o capital investido é usado para promover o desenvolvimento económico do país de destino e aumentar o número de postos de trabalho. Os vistos deste tipo correspondem à possibilidade que é dada ao investidor e aos membros da sua família direta de poderem obter a cidadania do país de investimento. Desta forma, poderão usufruir de todos os benefícios dos outros cidadãos. Toda a família pode entrar e sair do país de investimento livremente.

Sendo a migração de investimento uma nova forma de se proceder à formalização da transferência de residência de maneira bastante directa e burocraticamente facilitada, ela tem tido um desenvolvimento rápido. Como os investidores podem trazer um impulso directo à economia, isto fê-la tornar-se muito popular em vários países, por exemplo, Austrália, Canadá, Estados Unidos da América, Nova Zelândia, Singapura e na Europa, Chipre, Espanha, Grécia, Hungria, Itália, Portugal etc., todos estabeleceram políticas de imigração para atrair investidores. Correspondentemente, a classe rica vindo de países em desenvolvimento, como o Brasil, a China, a Índia etc., sai dos seus países, trazendo grande quantidade de capital e talentos.

Por outro lado, tem-se vindo a registar uma tendência nos países desenvolvidos para limitar as condições de imigração de investimento, evitando assim uma mudança abrupta na realidade socioeconómica, industrial e até mesmo para filtrar o tipo de investidores que poderão usufruir destas políticas.³

Além disso, com o intensificar da crise económica, os preços imobiliários na Europa baixaram e um grande número de países europeus estabeleceu políticas de imigração para atrair os investidores, tornando o imobiliário um dos principais focos no mercado recente de imigração de investimento.

Refugiados Internacionais

Os refugiados internacionais estão associados a duas situações principais: um dos casos é aquele em que os refugiados abandonam o país de origem por causa de desastres e catástrofes naturais, que os impelem a ir para o estrangeiro em busca de ajuda e protecção.; o outro caso é o dos refugiados que sofreram perseguição racial, religiosa ou política e que por isso se viram forçados a fugir do seu país e pedir asilo

³ Por exemplo, em 2008, Canadá estabeleceu novas políticas de imigração, estipulando que a quantidade de capital a investir aumentou e os investidores devem ter pelo menos dois anos de experiência de gestão, mostrando capacidade de operar e gerir um empreendimento, e o seu objecto de investimento tem de ser uma instituição aprovada pelo Departamento de Imigração de Canadá.

em outro país (Li Minghuan, 2011: 13). De acordo com a Convenção de Genebra relativa ao Estatuto de Refugiados, assinado pela ONU em 1951, a definição de refugiado é a de alguém que receando com razão de ser perseguido em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontra fora do país de que tem a nacionalidade e não pode lá regressar, ou, em virtude daquele receio não quer pedir a protecção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar.⁴

Segundo as disposições do direito internacional, cada estado soberano pode verificar a autenticidade dos estrangeiros ou apátridas que pediram o asilo. Uma vez que o estatuto de refugiado do requerente é identificado pelo país de acolhimento, o país receptor deve agir em conformidade com os princípios humanitários, respeitando os direitos fundamentais dos refugiados no país para viver, trabalhar e praticar a sua religião. Geralmente existem três soluções para problemas de refugiados, os quais são o repatriamento voluntário em vez de deportação, integração na comunidade de acolhimento e a reinstalação num país terceiro.

Migrantes Irregulares

Khalid Koser (2007) refere que os migrantes irregulares são aqueles que deixam os seus países exatamente pelas mesmas motivações que quaisquer outros migrantes, contudo, a forma como o fazem é classificada como ilegal. Apesar de ser difícil conhecer números exactos de imigrantes ilegais, há um número crescente de migrantes deste tipo devido ao aumento das restrições aos movimentos legais, principalmente nos países de destino. Mais pessoas do que nunca desejam migrar, mas há proporcionalmente menos oportunidades legais para que eles façam isso. Khalid Koser também propôs que ele prefere usar palavra “migrantes irregulares” ao invés de “migrantes ilegais” (Koser, 2007:54). Ele considera que definir as pessoas como ilegais nega sua humanidade, pois um ser humano não pode ser considerado ilegal pois é um ser humano que não pode ser facilmente esquecido. O autor defende que os imigrantes são pessoas e eles têm direitos independentemente do seu estatuto legal. Outra crítica é a conotação do termo “ilegal” com a criminalidade. A maioria dos migrantes irregulares não são criminosos, embora, por definição, por terem violado as regras e regulamentos administrativos sejam considerados como tal.

⁴ Convenção de Genebra relativa ao Estatuto de Refugiados , 1951
http://www.jrsportugal.pt/images/memos/convencao_genebra_estatuto_refugiados.pdf (consultado em 05/04/2015), cerca de 140 países já assinaram esta convenção.

A razão porque os imigrantes se tornaram irregulares é principalmente por que são não documentados (*undocumented*), ou “não autorizados” (*unauthorized*) (Koser, 2007:55).

Relativamente às estatísticas da quantidade de migrantes irregulares é impossível aferir a um número oficial preciso. Muitos dos migrantes irregulares são não documentados. Além disso, a mobilidade da população e a alteração constante dos países de destino e de passagem torna cada vez mais difícil fazer o trabalho estatístico dos migrantes deste tipo. No entanto, pelo menos uma coisa é certa é que com o crescimento contínuo de quantidade de migrantes internacionais, a escala e a quantidade dos migrantes irregulares também está a aumentar.

1.2. Situação atual das Migrações Internacionais à escala global

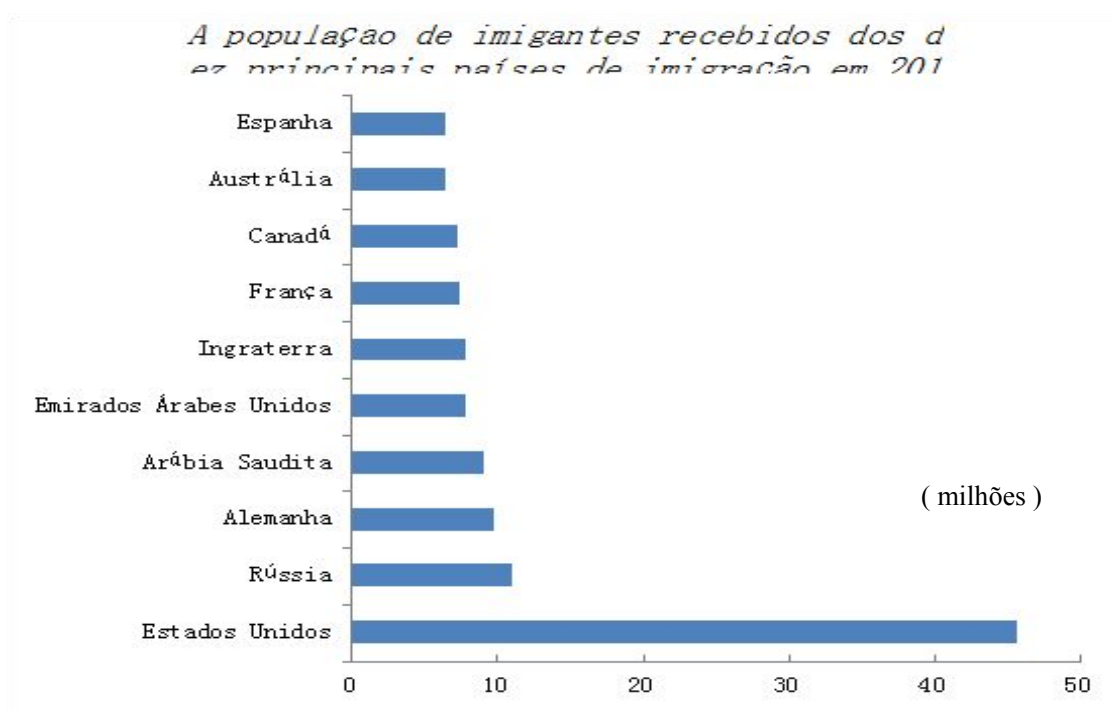
O mundo já entrou na era de globalização e cada vez é maior o número de países que aumentaram a comunicação económica e cultural. Há mais movimentos de população do que nunca, com níveis de imigração que já alcançaram uma escala sem precedentes. Segundo os dados estatísticos das Nações Unidas, a população de migrantes mundial, em 2013, já chegou a 232 milhões, o que corresponde a 4,2% da população total mundial. Nessa data houve um aumento de 18 milhões em relação aos 214 milhões de 2010 e aumentando 37 milhões em relação aos 195 milhões de 2005. De 2000 a 2013, a população de migrantes mundial tem crescido 2,2% por ano.⁵

Os Estados Unidos são o país que atrai mais migrantes em todo o mundo; entre cada cinco migrantes um imigra para os Estados Unidos. Até ao ano 2012, os Estados Unidos já possuíam 45,785 milhões de imigrantes. Os outros países que também atraem imigrantes em elevado número são a Rússia, Alemanha e a Arábia Saudita.

⁵ Cf.

http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/migration/migrationreport2013/Full_Document_final.pdf (acesso em 06/04/2015)

Gráfico I:



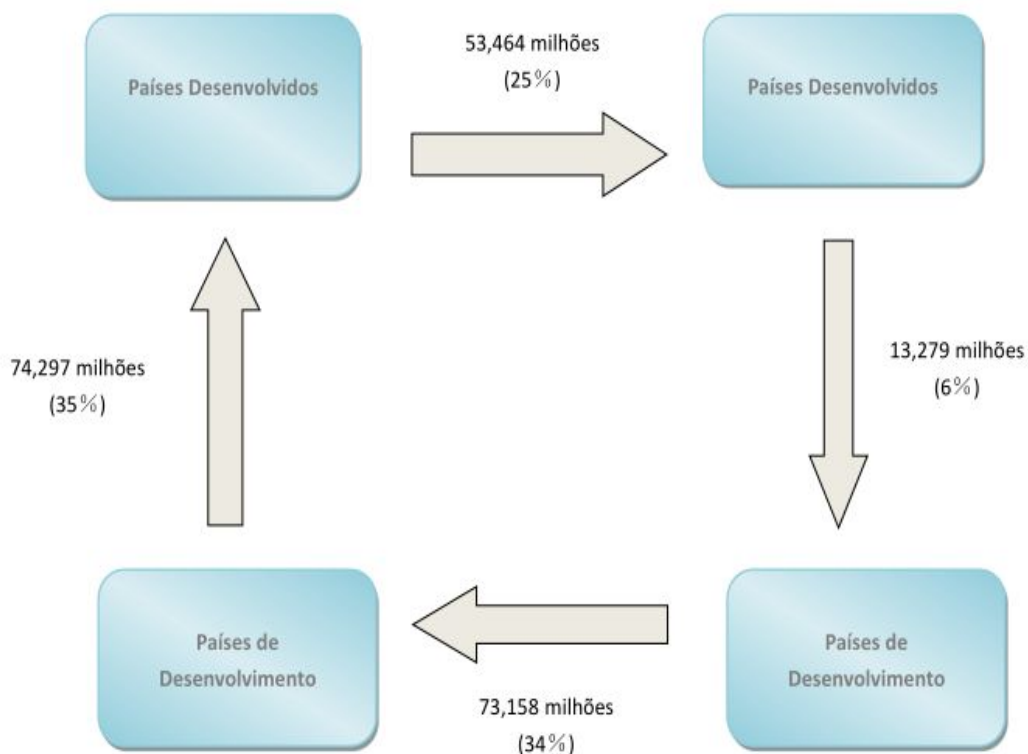
Fonte: ONU, Divisão de População, Wallchart – Migração, 2013

De um modo geral, os fluxos de imigração são principalmente “sul-norte” e “sul-sul”, no entanto, os imigrantes “norte-sul” têm tendência para crescer.⁶ Até o fim do ano 2010, o número de imigrantes que se deslocaram de países de desenvolvimento para países desenvolvidos (“sul-norte”) atingiu o maior registo, aproximadamente 74,297 milhões, representando 35% do total de imigrantes e os imigrantes que migraram de países em desenvolvimento para países em desenvolvimento (“sul-sul”) rondam os 73,158 milhões, sendo 34% do total. Segundo as projecções estatísticas de UNHCR, quase metade de imigrantes “sul-sul” são refugiados (UNHCR, 2013). Além disso, a quantidade de migrantes que passaram de países desenvolvidos para países desenvolvidos (“norte-norte”) ronda os 53,464 milhões, o que representa um quarto do total de migrantes. Mais reduzido é o número de migrantes que fluem de países desenvolvidos para países em desenvolvimento (“norte-sul”), representando 6% do total dos migrantes (Wang, 2014: 5-6).

⁶ Aqui os conceitos de “norte” e “sul” de países vêm das classificações de UNDESA: parte “sul” inclui cinco áreas de desenvolvimento, que são a África, a América do Sul (não incluindo América do norte), as Caraíbas, a Ásia (não incluindo o Japão) e a Oceânia (não incluindo Austrália e Nova Zelândia); e parte “norte” refere-se os países de zona desenvolvida tais como, por exemplo, a Austrália, os Estados Unidos, a Alemanha, a Inglaterra, o Canadá e o Japão, etc.

Gráfico II:

Fluxos Migratórios Mundiais em 2010



Fonte: International Organization of Migration, World Migration Report, 2013

1.3. Causas e modos de Migração Internacional

Os migrantes internacionais resultam das ações de migração internacional e existem por causas diversas que justificam as migrações internacionais. Em geral, antes de alguém empreender a ação de migrar é necessário bastante tempo a considerá-la, para ter motivação suficiente, pesando os prós e contras entre emigração e residência e considerando os riscos que podem surgir e os resultados esperados; é necessário avaliar se os benefícios compensam os custos. Só depois é que a migração tem lugar. Segundo as opiniões de Cang e Xu (2013), mais especificamente, as causas e os modos de migração internacional podem ser divididos segundo as seguintes classificações:

I. Factores de ambiente natural

i. O clima, não só directamente afecta os corpos humanos mas também afecta o solo, a vegetação e a hidrologia duma área, tendo uma influência importante para a produção e a vida dos seres humanos.

ii. A distribuição e a variação de água decide em grande medida áreas adequadas para o assentamento humano, e demais decide as direcções e as escalas de migração humana.

iii. O solo é uma das condições mais essenciais de produção agrícola.

iv. O mineral é uma fundação de manufatura e de produção de recursos.

II. Factores socioeconómicos

i. Factores económicos: são os factores principais e que mais contribuem para a migração humana. Com o desenvolvimento contínuo de economia global, os movimentos humanos são cada vez mais afectados pela economia. A desigualdade entre as áreas ricas e as pobres faz mais pessoas migrar para zonas desenvolvidas para melhorar as condições da vida.

ii. O desenvolvimento dos meios de transporte e das telecomunicações encurta a distância entre regiões e reduz as dificuldades de migração.

iii. A educação muda as atitudes e as expectativas das pessoas, fazendo mais gente migrar para mudar a vida ou para obter educação melhor.

iv. Casamento e família: casamento é um factor principal que induz os jovens a migrar e os factores de família (por exemplo, reunião familiar) desempenham um papel importante na deslocação de menores e de idosos.

III. Factores políticos

i. O estabelecimento de políticas de migração pode afectar em grande medida a escala de migração humana. Políticas positivas e de apoio podem promover a migração; pelo contrário, políticas não favoráveis e mais restritivas impedem a migração.

ii. A guerra: é a destruição da vida humana e do ambiente, pelo que é um dos elementos geradores de uma grande quantidade de refugiados de guerra. (Por exemplo durante a segunda guerra mundial,

a quantidade de migrantes na Europa atingiu mais de 30 milhões. E no fim do século XX, as guerras tribais ocorridas em Ruanda, região de Congo, África e o conflito nos Balcãs da Europa causaram milhões de refugiados).

iii. As mudanças políticas também podem gerar um grande grupo de pessoas a migrar. (Cang & Xu, 2013:8)

Em resumo, os factores socioeconómicos são os mais importantes causadores de migrações internacionais na sociedade moderna. Sassen considera que a globalização da migração é resultado pelo menos parcialmente da globalização económica, uma vez que a conexão económica inevitavelmente causou fluxos de população. (Sassen, 1999). A diferença de rendimentos entre as regiões leva as pessoas a saírem de áreas onde os tectos salariais são baixos para zonas tradicionalmente mais ricas. Ao mesmo tempo, a globalização constantemente alimenta as diferenças entre os países, o que impulsiona as pessoas a cada vez mais optarem pela migração como solução para as suas vidas económicas. (Zhong, 2013: 16).

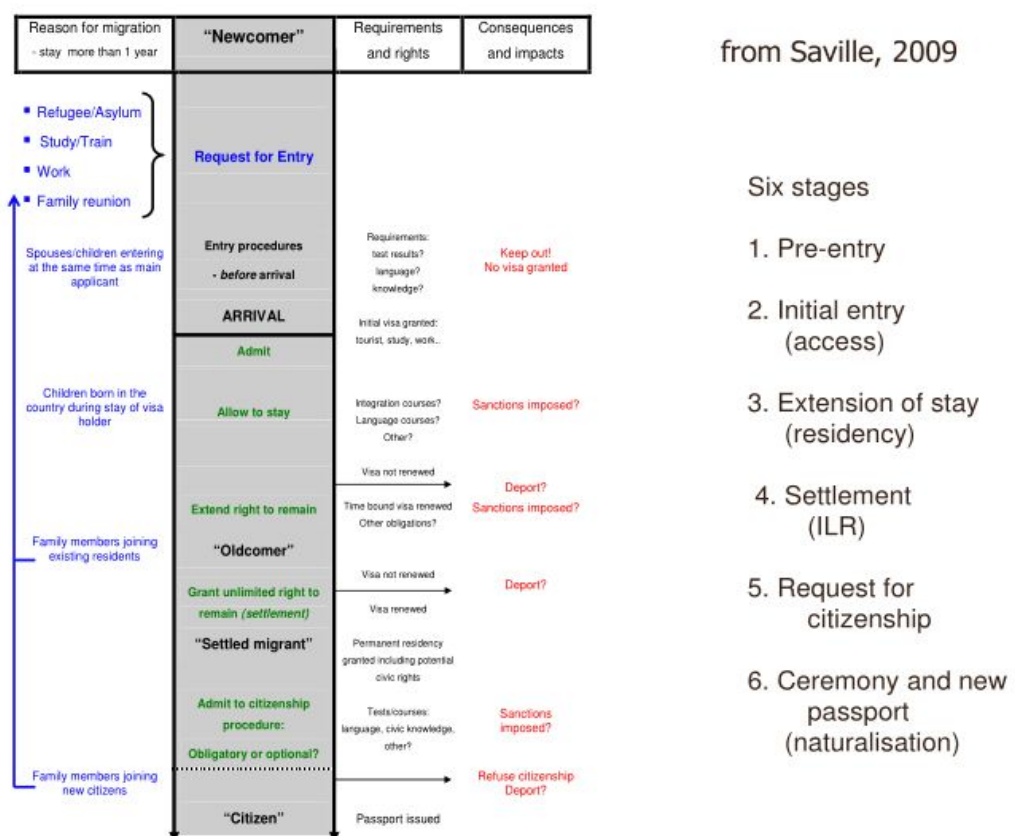
Rosemary Sales refere no seu livro *Understanding Immigration and Refugee Policy: Contradictions and Continuities* (2007) que é necessário considerar três níveis de análise para as razões das migrações. O primeiro é o nível individual, que inclui a história de família, a identidade social e a condição social de cada um; elementos que condicionam a decisão se vai ou não migrar ou como é que vai migrar. O segundo nível é o estrutural, que se relaciona com o sistema de migração, incluindo as relações entre país de origem e país de destino, os requisitos de acesso de país, o direito de residência, os direitos enquanto cidadão, os benefícios de emprego e os direitos dados aos membros da família. A mudança de modo de migração não só se reflecte sobre escolhas individuais, mas também releva que os factores estruturais estão fora do controlo pessoal. O terceiro nível é o que diz respeito aos intermediários, isto é, a rede migratória e as agências, incluindo as organizações oficiais nacionais, as agências intermediárias de imigração, as organizações de promoção, as agências de recrutamento e as redes de carácter mais informal (Sales, 2009:41-59).

Em geral, as causas de migração são complicadas e diversificadas. Na maioria dos casos, verifica-se que não existe uma única causa, mas sim uma combinação complexa de uma variedade de razões, por isso, precisamos de considerar com perspectivas abrangentes quando analisamos as causas.

Nick Saville indicou no seu estudo sobre as migrações. *The migrant's 'journey' to citizenship* (2009), que o processo pode ser dividido em duas partes. Uma é a *physical journey*, isto é, *mechanisms to manage international travel and the movement of migrants*, referindo-se principalmente às formas de legalização que os migrantes têm de seguir, por exemplo, obtenção de passaporte, de visto, controle de fronteira, etc. A segunda parte é designada pelo autor como a *metaphorical journey*, uma vez que se relaciona com *different mechanisms needed to address many complex issues*, incluindo como gerir a chegada e a integração dos recém-chegados em comunidades de acolhimento de forma mais eficaz (*how to manage arrival and integration of newcomers into host communities more effectively*). (Saville, 2009:3)

Saville também mencionou as seis fases do ciclo migratório, como se pode observar no seguinte gráfico:

Gráfico III: Os seis passos migratórios



Podemos ver no gráfico que a análise de Saville sobre os seis passos migratórios é de facto muito específica, desde a entrada até à obtenção da cidadania. Böhning (1984), por sua vez, sugere apenas quatro tipos de imigrantes, que correspondem a quatro fases no processo de migração, adoptando uma posição mais geral e ampla:

1) Os migrantes trabalhadores estrangeiros são geralmente migrantes temporários, cujos objectivos são ganhar muito dinheiro rapidamente, melhorar a vida da família no seu país de origem e aumentar a poupança pessoal. Geralmente, pensam voltar para os seus países de origem, depois de ganhar dinheiro suficiente.

2) Após um período de tempo, alguns migrantes voltam para os seus países de origem, mas outros decidem prolongar a residência por causa de boas condições de vida e dos rendimentos altos. Nesta fase, eles desenvolvem a sua rede social e chegam mesmo a integrar-se na comunidade de acolhimento, a ponto de formarem laços, casando-se e consolidando uma família (inclusive com filhos).

3) Os migrantes candidatam-se a reagrupamento familiar e decidem ficar no país de acolhimento por um período longo, o que se associa a uma maior integração linguística e cultural na comunidade de acolhimento. As comunidades étnicas começam a aparecer e desenvolvem vários grupos sociais, pois correspondem a uma fase de melhor integração na sociedade.

4) Os migrantes começam a querer usufruir dos seus direitos civis e estatuto jurídico. Nesta fase, a maioria deles tem a sua situação jurídica legalizada e autorização de residência no país de acolhimento, no entanto, a integração ou a marginalização em relação à comunidade de acolhimento vão ser condicionadas pelas políticas de cada país ou pelos diferentes graus de aceitação da sociedade. Por vezes, alguns são excluídos, ficando marginalizados e incorrem em dificuldades sociais e económicas por causa disso, formando minorias dentro da sociedade.

Estas quatro fases aplicam-se aos migrantes em geral, especialmente, aos que são migrantes laborais. Em outros casos, como por exemplo, os refugiados internacionais a situação é diferente (Zhong, 2013: 17-18).

1.4. Teorias de Migração Internacional

Para entender melhor a migração internacional e as tendências internacionais e os assuntos-chave, é necessário ter um conhecimento geral das principais teorias sobre a migração no âmbito geral, algo bastante vantajoso para o estudo deste tema assim como uma fundamentação teórica para o tema da imigração chinesa em Portugal.

A teoria mais antiga sobre os motivos para os movimentos migratórios é a teoria “push-pull”, que foi apresentada pelos demógrafos, geógrafos e economistas do século XX, com base no estudo de E. G. Ravenstein (1885), tendo um impacto profundo para os estudos de gerações futuras. Há que destacar também os primeiros estudos sobre a migração e os fluxos migratórios, na década de 1960, associados a Larry Sjaastad (1962), entre outros, que, em conjunto com o surgimento de teoria económica neoclássica, transformou os estudos sobre os motivos migratórios.(Bansak& Simpson& Zavodny, 2015:33)

Posteriormente, as teorias sobre as causas dos movimentos migratórios proliferaram, dando origem a vários conceitos, modos e quadros de análise. As teorias principais são: a teoria “push-pull”, a teoria económica neoclássica, a teoria da migração de nova economia, a teoria do mercado de trabalho segmentado e a teoria do sistema mundial. Algumas são um resumo e generalização apoiadas em dados empíricos; algumas explicam o fenómeno migratório pelo comportamento humano; e outras, usando um quadro de análise macroscópica, continuam a adicionar emendas e aprofundam os estudos dos motivos migratórios.

1.4.1. Teoria “Push-Pull”

No início do século XIX, E.G.Ravenstein tentou explicar as causas e regras de migração no seu livro “The law of migration” (1885). Ele considerou que as migrações não acontecem sem razão e que, em princípio seguem uma determinada regra. Os motivos que condicionam a decisão de emigrar ou não resultam da função “push-pull”. Neste modelo, o poder “push” refere-se a todos os tipos de força repulsiva que se associam ao país de origem, colocando em causa a sobrevivência e o desenvolvimento local. Esta repulsa e vontade de sair do país de origem pode ser motivada por uma guerra, um tumulto, um flagelo ou a deterioração do meio ambiente, em suma, pode ser qualquer factor que tem uma influência negativa ou acidente e infortúnio sofrido por um grupo pequeno (Li Minghuan, 2000:13).

Em contrapartida, o poder “pull” refere-se às atracções que o país de imigração possui, incluindo as oportunidades de emprego, a estabilidade social, a conveniência de transporte e o elevado estatuto da sua identidade cultural, entre outros aspectos.

A teoria “push-pull” é usada principalmente para estudar as motivações da imigração e evidencia os aspectos negativos do país de emigração e os aspectos positivos do país de imigração que influenciam a migração. Geralmente é considerado que os países de origem possuem alguma força “push” que empurra os seus residentes a

emigrar; e os países de imigração possuem alguma força “pull” que atrai os migrantes. A teoria “push-pull” é um modelo teórico sobre mecanismos externos e internos que se centra no desenvolvimento e diferença de ambiente natural, economia social e indivíduos migrantes. Esta teoria teve um impacto grande em estudos posteriores, pois ela estabelece um quadro simples e flexível, que permite aos investigadores terem um espaço bastante livre para “preencher” de argumentos, razões e motivos. No entanto, enquanto teoria de análise também tem algumas fragilidades, entre elas o facto dos estudos que a ela se associam serem estudos comparativos qualitativos, nos quais é difícil determinar as forças e as proporções de efeito de factores “push-pull”. Como tal, à luz desta teoria só se podem explicar os fenómenos migratórios de forma mais geral, não analisando detalhadamente as proporções de efeitos de cada factor e da forma concreta como é que eles se influenciam uns aos outros. Além disso, a teoria “push-pull” também não pode explicar todas as acções migratórias: algumas migrações obrigatórias não têm relação directa com força “push”, nem força “pull”, então é necessário analisar cada caso especificamente.

Em estudos mais recentes, no final do século XX, os investigadores já não procuram e enumeram os factores de “push” e “pull”, mas analisam com maior afinco quais os factores e sob que circunstâncias se originam as forças “push” e “pull” e como vão ter diferentes efeitos, em objectos e contextos diversos.

1.4.2. Teoria Económica Neoclássica

A teoria económica neoclássica foi apresentada por Larry Sjaastad em 1962. Depois, também Michael Todaro (1968) tentou analisar os motivos de acção migratória do ponto de vista económico. Este último autor salienta que uma pessoa racional pesaria os custos e os benefícios económicos da emigração; se os benefícios forem significativamente maiores do que os custos, então muito provavelmente essa pessoa irá optar pelo caminho da emigração. Macroscopicamente, a migração internacional é um processo de ajustamento causado pelo desequilíbrio na distribuição de oferta e procura global de recursos humanos. Nos países desenvolvidos há uma falta de trabalhadores de muitos sectores da indústria e, por vezes, nos países em desenvolvimento existe demasiada população e bastante qualificada para os sectores que estão em falta nos países desenvolvidos. É nesta contradição de oferta e procura que ocorrem as migrações de população internacional. Microscopicamente, as diferenças de rendimentos atraem as pessoas a migrar de zonas onde se auferem menores rendimentos para zonas de maiores rendimentos, somente se o preço e a demanda se equilibrarem, as tendências de

migração irão abrandar.

Nesta perspectiva económica, as migrações internacionais são uma escolha para maximizar os interesses pessoais e são um comportamento de investimento em capital humano. Às vezes escolhemos migrar para os lugares mais promissores em vez de os lugares de maior rentabilidade e a longo prazo, estes serão os lugares onde provavelmente se irá registar um maior retorno. Geralmente, a aprendizagem e o domínio da língua de acolhimento estão associados a uma melhoria da condição socioeconómica do imigrante, associada a melhores oportunidades no mercado laboral.

A teoria económica neoclássica foi fundada com base em fortes dados estatísticos, o que lhe conferiu um grau de grande credibilidade. Lentamente, esta teoria sobrepôs-se à teoria migratória e influenciou as ciências sociais, mas também existem algumas vozes que a questionam, por exemplo, alguns críticos têm apontado que as diferenças de rendimentos são uma das causas de migração, mas não são a única causa. Por vezes, os motivos económicos não são mesmo a principal razão. Além disso, nem todos os migrantes conseguem fazer ou fazem um cálculo preciso de custos e benefícios da sua saída do país de origem.

1.4.3. Teoria da Nova Economia das Migrações

A teoria da migração de nova economia, também conhecida como teoria da migração laboral é baseada na teoria económica neoclássica, cujos representantes são Oded Stark (1993) e J. Edward Taylor (1999). Nesta teoria é considerado que as opções dos migrantes são opções racionais sob o ponto de vista económico, mas difere da teoria económica neoclássica na medida em que considera que as famílias são as unidades principais de migração. Esta teoria enfatizou a função da família como agente ativo para a migração, prestando mais atenção às conexões entre os migrantes e o ambiente que os rodeia. Aliás a teoria de migração da nova economia também considerou o papel dos vários mercados nas decisões de emigração, não só os mercados laborais, de capital, mas também os de segurança, etc. (Qiu, 2005:8). Esta teoria aceitou as ideias que a ação colectiva das pessoas pode maximizar o rendimento esperado e minimizar os riscos potenciais, considerando que as ações migratórias não só visam maximizar os interesses individuais, mas também aumentar as fontes de capital e de controlo de risco para as suas famílias.

Além disso, Oded Stark (1993), ressaltando o exemplo do México, refere que a mesma diferença de ganhos tem significados diferentes para pessoas que vivem em

regiões diferentes e têm um estatuto social diferente. Assim, pode dizer-se que os motivos de migração não são apenas as diferenças do “rendimento absoluto” entre dois sítios, mas também o sentimento de privação relativa produzido com base na comparação com o grupo de referência. Tal como 100 dólares de diferença, para as famílias de baixa rentabilidade, 100 dólares terão mais significado trazendo mais valor, mas para as famílias mais ricas, 100 dólares provavelmente torna-se mais insignificante. Na mesma região, as famílias de rendimento baixo possuem mais motivações para migrar do que as famílias de rendimento alto. Ademais, quando o desenvolvimento social é relativamente lento, é mais fácil para as pessoas seguir o *status quo*. Quando a sociedade sofre mudanças drásticas, as pessoas estão acostumadas a escolher as pessoas com quem estão familiarizadas, cujas condições não são tão boas quanto a deles, mas são agora muito superiores em referência, um forte sentimento de perda produz-se, sendo uma motivação para que eles migrem e persigam um novo estatuto social. (Stark, 1993)

Em comparação com a teoria económica neoclássica, esta teoria tem-se desenvolvido bastante pois não generalizou as causas das migrações simplesmente à diferença de ganhos pessoais e considerou que as diferenças de rendimentos não são a razão principal de migração internacional. Na verdade, o acesso ao capital, as oportunidades, o novo ambiente e um novo contexto cultural também são factores importantes para migração. A teoria da migração de nova economia frisa de forma bastante clara a função da família e as conexões entre imigrantes e o contexto social. Esta teoria compensou algumas das deficiências da teoria económica neoclássica, mas não resolve os problemas fundamentais existentes, sendo assim as suas áreas de utilização limitadas.

1.4.4. Teoria do Mercado de Trabalho Segmentado

A teoria do mercado de trabalho segmentado, também conhecida como a teoria do mercado de trabalho duplo, foi apresentada pelos economistas americanos P. Doeringer e M. Piore nos anos 60 do século XX. (Reich & Gordon & Edwards, 1973 : 362) Segundo esta teoria por causa da função da sociedade e de factores sistemáticos formaram-se diferentes segmentos no mercado de trabalho. Como diferentes pessoas têm acesso diferente a informação e diferentes habilidades, então elas vão separar-se de acordo com as suas qualificações nos seus empregos, profissões e rendimentos. Esta segmentação é complementar com a que é feita segundo a raça, o sexo, entre outros aspectos.

Michael Piore (1971) trabalhou também as questões de origem de migração

internacional quando analisou a estrutura do mercado nos países desenvolvidos. Segundo o autor, existem necessidades de mercado de trabalho duplo nas sociedades de países desenvolvidos modernos, isto é: o trabalho superior com alta receita, alta segurança e ambiente de trabalho de grande bem-estar; e o trabalho inferior, com baixo rendimento, baixa estabilidade e alta taxa de substituição. Como os trabalhadores locais de países desenvolvidos não querem entrar no mercado inferior precisam, por isso, dos imigrantes estrangeiros para preencher estas vagas. Este facto está também relacionado com a estratificação de classe no mercado de trabalho. As necessidades de trabalho de economia baixa atraem muitos imigrantes vindos de países em desenvolvimento e, hoje em dia, também por causa destas necessidades e demandas do sistema económico dos países de acolhimento promove-se a migração internacional. (Fu, 2008: 62-64)

Com base na teoria do mercado duplo, Alejandro Portes e Robert Bach (1985: 203) apresentaram a “Teoria de mercado triplo” através dos seus estudos na imigração mexicana e cubana nos EUA. Esta teoria indica que além de mercado de trabalho superior e mercado de trabalho inferior, ainda existe mais uma classificação que é o enclave étnico. Os autores consideram que o círculo económico formado com base no próprio desenvolvimento do enclave imigrante tem um apelo especial para seus moradores originais: por um lado, a operação do círculo económico precisa de trazer novos trabalhadores baratos para aumentar a competitividade de seus produtos. Por outro lado, com a formação de círculos económicos, o estatuto dos empresários imigrantes torna-se mais proeminente e outros imigrantes obtêm um maior acesso a aprendizagem e experiência sociocultural pelo contacto com os emigrantes que já estão no país há mais tempo.

1.4.5. Teoria do Sistema Mundial

A teoria do sistema mundial foi apresentada pelo sociólogo Immanuel Wallerstein no seu livro “*The Modern World System*” em 1974. Alguns dos aspectos principais nesta teoria são que a circulação internacional de mercadorias, de capital e de informação acaba por promover a migração internacional. Os fluxos migratórios internacionais são o resultado direto da globalização económica de mercado. Esta teoria analisou macroscopicamente os impactos do desenvolvimento da integração económica global no mercado de trabalho, especificamente os impactos das diferenças de níveis económicos entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento com os fluxos migratórios. É considerado que a origem da migração provém do desequilíbrio do desenvolvimento da economia global (Hao, 2011: 52-53).

Wallerstein também apresentou os conceitos de Estado como “núcleo” (*core*), “semiperiferia” (*semiperiphery*) e “periferia” (*periphery*). Ele crê que desde o século XVI, o sistema do mundo é composto por “núcleo – semiperiferia - periferia ” (*core – semiperiphery – periphery*), os três círculos concêntricos. Os países de núcleo são os países mais desenvolvidos em capital, tecnologia e mercado, os países de periferia são os países em desenvolvimento nestes três aspectos e os países de semiperiferia são os que ficam entre os de núcleo e os de periferia, existem “ritmos cíclicos” entre estes três (Lechner, 2001). Os países de periferia que têm contacto com os de núcleo eram suas colónias e geralmente têm muitos migrantes lá. Os países de periferia precisam de depender nos países de núcleo e os seus povos também vão escolher estes países como países de emigração. Inversamente, os países de núcleo procuram terras, matérias-primas, recursos humanos e mercados de consumo nestes países de periferia. Quando os países de periferia começam a ser influenciados e controlados pelo mercado, as migrações aparecem. Wallerstein considera que as relações entre núcleo e periferia são de facto os fenómenos da exploração capitalista. Hoje em dia os sistemas migratórios internacionais frequentemente têm a ver com os sistemas coloniais do passado, por isso, as pessoas migram dos seus países para os antigos países colonizadores, fortalecendo o poder de países de núcleo e reduzindo o impacto dos países de periferia. Essas desigualdades do poder e da economia no processo da globalização irão intensificar mais os graus da globalização (Santos, 2005). A teoria do sistema mundial ajuda para observar as direções migratórias e através de análise de ligações entre dois países podemos explicar claramente os factores históricos de migração internacional.

1.5. Teorias sobre o período após a migração internacional

Após o movimento de migração, podemos questionarmo-nos como é que os imigrantes ficam? Como é que se desenvolve o seu processo de migração? Este é também um tema de grande preocupação para os investigadores e que se relaciona com as teorias sobre a forma como se desenvolve a migração internacional. Existem três principais pontos de vista: a teoria de redes, a causalidade cumulativa e teoria da mudança cultural migratória.

1.5.1. Teoria de redes

A teoria de redes foi apresentada pelo presidente da Associação Sociológica dos Estados Unidos, Professor Doutor Douglas S. Massey, em 1987, com base na teoria

do capital social e da teoria da causalidade cumulativa. O sociólogo francês Pierre Bourdieu define o capital social como o agregado dos recursos efectivos ou potenciais, cuja essência são as redes interpessoais (Herman, 2006: 198-201). As redes de migração podem ser várias combinações de relações entre os imigrantes recém-chegados e os seus antecedentes. Estas relações variam entre ligações do âmbito familiar, partilha da mesma terra natal ou amizades. As redes podem oferecer diferentes formas de apoio uns aos outros por exemplo arranjar emprego, oferecer residência ou emprestar dinheiro etc. (Guo, 2009: 114).

Os investigadores também notaram que as políticas de reunião familiar deram luz verde para a imigração, facilitando a extensão da rede de imigração, o que resultou num efeito multiplicador visível. Os estudos de Jasso e de Rosenzweig (2013) indicaram que cada imigrante novo em média após dez anos de imigração irá trazer 1,2 imigrantes novos. Isto indica que as redes migratórias possuem características dinâmicas de auto-perpetuação. Além disso, podemos ver que após vaga de imigração, os precursores tornaram-se os recursos dos retardatários, podendo ajudá-los a migrar e fornecer-lhes informações do país de destino. Esse tipo de imigração promoveu a expansão e o maior desenvolvimento das redes, assim adjuvando a migração transnacional a expandir a ampliar a sua escala (Li Minghuan, 2000: 14).

O Diretor do Centro de Pesquisa para a Imigração e Cidadania da Universidade Complutense de Madrid, Joaquín Arango esteja talvez muito certo quando refere que nos estudos contemporâneos da migração internacional, o mais característico desta época é o estudo das redes de Imigração, compreendendo o papel que estas redes desempenham ajuda a explicar e perceber o fenómeno da imigração dos tempos modernos. (Arango, 2003: 19)

1.5.2. A teoria da Causalidade Cumulativa

A teoria de causalidade cumulativa foi originalmente apresentada pelo economista sueco Gunnar Myrdal (1956) e é uma teoria económica que pesquisa “o efeito de ressalto” do desenvolvimento desigual nos países menos capacitados. Douglas Massey desenvolveu mais ainda esta teoria, através do seu estudo sobre as causas dos fenómenos migratórios que continuam a ocorrer. Esta teoria está também relacionada com a teoria *habitus* de Pierre Bourdieu, por isso é também chamada de *habitus* (Massey, 1998: 289).

Considera-se que as ações de migração têm a sua auto-perpetuação. Mesmo

quando as ações migratórias fazem transições internas para um hábito descontrolado e derivado, que implica que o ambiente e os objetos externos mudem, as ações migratórias continuaram a ocorrer, não sendo afectadas por essas mudanças.

1.5.3. Teoria da Mudança Cultural Migratória

Internacionalmente existem vários géneros de teorias sobre culturas migratórias, por exemplo, entre eles está a teoria de mudança cultural migratória, a teoria de aculturação, a teoria de modelo cultural nacional e a teoria de enclave socioeconómico nacional (Zhang, 2009). A teoria da mudança cultural migratória analisa as migrações internacionais e a forma como os imigrantes acabam por se deixar influenciar pela cultura, costumes e valores do país de destino. Como consequência dessa influência, as suas ações e modos de viver, assim como os valores adaptam-se consoante as suas influências, o que provoca alterações na sua identidade cultural. Surgem práticas culturais de mistura, que se diferenciam das do país de origem e também das do país de acolhimento, pois o indivíduo irá sempre manter resquícios da sua cultura original. Ele é então um agente de interligação destas duas culturas. Esta forma de cultura é muito particular e tem um espectro geralmente pequeno, pois os imigrantes vêm de diferentes países de origem para diferentes países de destino, o que garante que estes diferentes grupos migratórios possuam as suas diferentes culturas, distintas umas das outras. Algumas culturas migratórias possuem características de inovação, dedicação e alta tolerância, que são visíveis nas segunda e terceira gerações, que foram criadas nesta determinada cultura especial e se tornaram os seus portadores, constantemente influenciando os outros membros da rede migratória.

1.6. Teorias sobre integração de migração internacional

Após os imigrantes entrarem nos seus países de destino, como é que eles se adaptam em diferentes ambientes e culturas? Sobre as questões de integração de migração internacional, a academia tem estado sempre em discussão. Querem estes imigrantes tentar integrar-se na sociedade corrente principal, aceitando assimilando e aculturando-se ou querem manter as suas características culturais, apoiando o multiculturalismo? A seguir iremos conhecer as duas escolas principais sobre a integração migratória, que são a teoria de assimilação e a teoria do multiculturalismo.

O estudioso famoso da escola Chicago, Robert E. Park definiu como “assimilação

social” um processo de uma cultura comum, formada entre os grupos de imigrantes, que convivem juntamente, mas são de origens e de tradições culturais diferenciadas. Robert E. Park destaca ainda que a comunidade desta cultura poderá atingir um nível tão elevado que seja suficiente para o país se renovar culturalmente (Walter, 1942: 35). No âmbito das teorias de assimilação, considera-se que os imigrantes devem passar por três fases de transição de identidade no país de destino, que são a residência, adaptação e assimilação. Em contraponto com a assimilação está o multiculturalismo e o pluriculturalismo. O que estes conceitos enfatizam é que os imigrantes de diferentes identidades étnicas e de diferentes origens culturais sentem grandes dificuldades no processo de assimilação e, em vez de ser assimilados, deve ser encorajada a sua integração de forma a que várias culturas coexistam de forma pacífica e integrada numa região, cidade ou país. Hoje em dia, o Canadá e a Austrália são os exemplos típicos de multiculturalismo, porém, alguns países europeus advogam discretamente a adoção de uma política multiculturalista. A diversidade cultural e étnica muitas vezes é vista como uma ameaça para a identidade da nação, mas também pode ser vista como fator de enriquecimento e abertura de novas e diversas possibilidades.

Para ilustrar melhor estas duas escolas, o melhor exemplo é os Estados Unidos. Milton M. Gordon dividiu o desenvolvimento de relações étnicas da sociedade dos EUA em três frases: anglo-saxão, “melting pot” e multiculturalismo. Desde a era em que era uma colônia do Reino Unido, os ingleses e os protestantes eram os principais grupos de imigração para os EUA. Eles respeitavam a sua própria língua, região e identidade cultural e menosprezavam os elementos culturais de outros grupos, determinados a estabelecer um domínio cultural anglo-saxão forçando a assimilação da sua cultura pelos terceiros. Este modo chegou ao seu nível mais alto durante os movimentos de “americanização” durante a Primeira Guerra Mundial. Porém, com uma maior frequência de imigrantes não ingleses a chegar aos EUA, começou a existir um modo mais tolerante de relações étnicas, que se designou por “melting pot”. Esta teoria tornou-se imediatamente muito popular, enfatizando a integração e a absorção de vários factores culturais e características e subvertendo o entendimento da cultura americana e ampliando o seu conceito em detrimento da transformação da cultura local em cultura anglo-saxónica. A seguir, com os grupos de imigrantes mais diversificados a aparecerem, vêm ao de cima as características do multiculturalismo, ou seja, a “salad bowl”. Isto significa que os grupos de imigrantes que partilham mesmos valores e culturas convivem juntos e ainda mantêm a interação frequente com os outros, embora mantenham os seus próprios sistemas incluindo língua, religião, costumes e identidade etc. Assim, é o conceito de multiculturalismo bastante distinto pela diversificação e a tolerância que preconiza (Liu, 2015: 34).

A teoria “assimilação” e a teoria “multiculturalismo” podem ser generalizadas na integração política e social dos imigrantes, na dinâmica de integração, importa também sublinhar a importância da integração linguística e cultural. A língua faz parte da identidade e da cultura do povo que a fala, dominar suficientemente a língua do país de acolhimento é condição essencial para uma integração com sucesso. Proporcionar aos imigrantes a aprendizagem da língua, quer em contextos formais, quer informais, é fundamental. Numa outra perspectiva, a integração dos imigrantes exige também a aprendizagem dos hábitos culturais e tradições da sociedade de acolhimento (Marques, 2005). A falta dos conhecimentos linguísticos e culturais do país de acolhimento tem sido um dos maiores obstáculos na integração dos imigrantes novos.

Estas teorias mencionadas tentam explicar os motivos, os processos e as integrações de migração internacional de vários aspectos seja numa perspectiva macroscópica, seja microscópica, ou do ponto de vista de país de origem ou do ponto de vista do país de destino. Estas teorias podem ser tratadas como a interpretação integrada de fenómenos migratórios complexos, basicamente descrevendo o processo de desenvolvimento e evolução da migração internacional. No entanto, as teorias são apenas as teorias e no final têm de ligar-se à realidade para analisar circunstâncias específicas, por isso de um modo geral servem como fundamentação teórica para este estudo.

Capítulo 2 Emigração Chinesa

Quando os estudos de migração internacional se desenvolveram, a China, como um país novo de emigração está cada vez mais em evidência, atraindo interesse e académico, o que tem resultado num aumento de estudos sobre os emigrantes chineses.

De facto, a história de emigração chinesa começou muito cedo, desde o período Qin e Han (220 d.C.) até à atualidade. Os emigrantes chineses estão presentes em todos os lados do mundo. Os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, entre outros, tornaram-se os países de destino preferido dos emigrantes chineses, todavia, recentemente, esta tendência tem mudado um pouco, sendo dada primazia à Europa e outras zonas ricas de Ásia, América Latina, África e às ilhas de Pacífico Sul. Com o desenvolvimento contínuo de economia chinesa, há mais e mais chineses a sair do país, que se juntam aos fluxos de emigração chinesa.

Este capítulo vai tratar separadamente os três principais fluxos emigratórios da China Continental, a distribuição e o desenvolvimento de emigrantes chineses e a situação geral de imigração chinesa na Europa.

2.1. Fluxos Emigratórios da China

O processo de emigração chinesa começou muito cedo, de acordo com os registos históricos, desde o período Qin e Han (de 221 a.C. a 220 d.C.) que houve chineses a migrar para a península coreana e para o arquipélago japonês. Durante a dinastia Sui e Tang (de 581 d.C. a 907 d.C.), o governo chinês encorajava o transporte marítimo, houve então muitos comerciantes chineses a levar seda, porcelana, chá, produtos de ferro e outras mercadorias para países do Sudeste Asiático e ali a fazer negócios. No período Song (de 960 d.C a 1279 d.C.), a indústria de construção naval já estava muito desenvolvida e os comerciantes chineses geralmente iam até ao Brunei, às Filipinas, e alguns foram mesmo para a Índia e para os países árabes para fazer negócios. Alguns deles escolheram ficar no local, casaram-se e criaram famílias novas no estrangeiro. Até à dinastia Ming (de 1368 d.C. a 1431 d.C.), com o desenvolvimento das fundações do capitalismo e da economia mercantil, as conexões entre a China e os países do sudeste asiático ficaram mais fortes. O

melhor exemplo foi o famoso navegador chinês Zheng He que naquela época fez sete viagens de navegação até ao sudeste asiático, sendo uma inovação na história marítima chinesa. Porém, no fim da dinastia Ming e início da dinastia Qing (de 1431 d.C. a 1684 d.C.), por causa da infestação de piratas e colonos ocidentais, o governo chinês implementou muitas vezes medidas que limitavam ou proibiam o comércio marítimo, o que afastou o povo chinês das navegações (Li Chuanyong & Li Tian, 1997: 16-17). .Nessa altura, praticamente cessaram os fluxos de emigração na história mais antiga da China.

Na época moderna, ou seja, desde a fundação da nova China em 1949 até ao presente, existiram três principais grandes fluxos emigratórios chineses. O primeiro fluxo emigratório aconteceu depois de 1978, no período em que a China implementava a política “Reforma e Abertura”, deixando as portas fechadas e fazendo numerosos chineses sair do país e ir para o estrangeiro. Há muitos chineses que foram atraídos pela diferença entre a economia chinesa e a de países desenvolvidos e que por esse motivo começaram a migrar para o estrangeiro. No início, os primeiros emigrantes chineses eram maioritariamente das áreas costeiras do sudeste da China, por exemplo de Zhejiang, Guangdong e Fujian, etc. As suas formas de emigração também eram muito tradicionais, dependendo principalmente das garantias e do suporte de amigos e familiares no exterior, isto é, dos que já haviam emigrado décadas atrás. Depois da China reduzir as limitações e alteração as regulamentações sobre a aprovação de pessoal no exterior, em 1985, o fluxo de emigração chinesa atingiu um pico sem precedentes. De facto, nas décadas anteriores, a China havia implementado rigorosas políticas de limitações sobre a migração populacional, negando ou limitando muito o acesso ao estrangeiro, mas quando estes limites foram levantados as pessoas depressa viram as diferenças nas condições de vida, o que, quase instantaneamente provocou uma onda migratória muito forte, fazendo mais gente emigrar para países desenvolvidos (Pieke & Benton, 1998: 25).

O segundo fluxo emigratório aconteceu nos anos 90 do século XX. Ele associou-se sobretudo ao desejo de estudar no estrangeiro e a uma emigração de indivíduos com qualificações, sendo maioritariamente jovens e adultos ainda novos. Após a graduação, muitos deles escolheram permanecer no estrangeiro. Entre estes estudantes e pessoais técnicos, a maioria deles eram intelectuais avançados que já tinham uma licenciatura feita nas universidades chinesas. Desde o final dos anos 80 até o final do século XX, muitos países desenvolvidos estavam com falta de mão-de-obra e muitos deles estabeleceram políticas favoráveis à imigração. Logo, os emigrantes chineses aproveitaram esta oportunidade para migrar e se estabelecerem

em países estrangeiros. Isto também causou preocupações internas na China, que se viu privada de muito talentos nacionais, pelo que posteriormente o governo chinês também estabeleceu políticas favoráveis para encorajar os estudantes a voltarem ao seu país.

O terceiro fluxo começou em 2007 e prolonga-se até à atualidade e é completamente diferente dos dois primeiros fluxos (sobre os três fluxos emigratórios da China veja-se o gráfico abaixo). De facto, neste fluxo emigratório em vez de serem os que têm mais dificuldades na China a emigrar para procurar melhor emprego e boas condições de vida, são, peculiarmente, os chineses ricos que estão a dominar este fluxo migratório. Trata-se de um fluxo emigratório que tem está relacionado com as elites chinesas. A sua migração está associada ao investimento económico, pois normalmente os emigrantes levam um grande montante de bens pessoais e riqueza para o estrangeiro. No “Relatório de Capital Privado da China em 2011” feito pelo Banco Merchants e Companhia Consultores de Gestão Bain, mostra-se que entre os empresários do continente chinês cujos bens pessoais já excedem cem milhões RenMinBi (RMB, ou Yuan), 27 % já emigraram e 47 % estavam a considerar essa hipótese. No “Livro Branco de Gestão dos Bens Privados da China em 2011 ” diz-se que no total de pessoas cujo capital privado excede os dez milhões de RMB, quase 60 % já concluiu a emigração ou está a pensar emigrar. (Tan & Li, 2013: 1)

Quadro I: Os três fluxos emigratórios da China desde 1949
(organizado pela autora)

	Duração	Países/Regiões de Destino	Forma e motivo de emigração
1º Fluxo	1978 - 1990	Hong Kong, Sudeste da Ásia, EUA, Canadá etc.	Emigravam por reunião familiar, procurando trabalho ou educação, etc.; residem permanentemente no estrangeiro e a maioria deles foram para trabalhar.
2º Fluxo	1990 - 2005	EUA, Canadá, Austrália, etc.	Por motivos de estudo e necessidade de trabalhadores técnicos; alguns deles obtiveram nacionalidade estrangeira; são emigrantes com qualificações altas.
3º Fluxo	2007 -	EUA,	Principal motivo são os

	actualidade	Canadá, Europa, Austrália, etc.	investimentos; a maioria de emigrantes são da classe rica da China, geralmente levando grande quantidade de capital para estrangeiro.
--	-------------	---------------------------------	---

Então porque é que recentemente há tantos chineses ricos emigrar? Combinado os pontos de vista dos meios de comunicação informação chinesa e as discussões nas comunidades locais, suponho que existem pelo menos as seguintes razões:

1) A economia orientada para a exportação da China está bloqueada e o modelo de crescimento económico apenas com a procura interna não tem tido sucesso. Além disso, a classe rica da China tanto no que diz respeito ao investimento interno quer em relação ao consumo sente-se insegura, por isso, opta por comprar uma “segurança” no estrangeiro.

2) Os problemas de educação dos filhos também são uma principal preocupação. Muitos pais chineses querem que os seus filhos concluam os estudos no estrangeiro, pois acham que é melhor aprender uma língua estrangeira e aprofundar a visão e o conhecimento internacional. Por outras palavras, a educação dos filhos é o segundo investimento a longo prazo.

3) Muitos emigrantes de classe rica são proprietários de entidades empresariais, mas os impostos são relativamente pesados e o controlo administrativo também é apertado, o que os leva a encontrarem uma solução na emigração.

4) Os problemas sérios de poluição ambiental e questões de segurança alimentar também constituem uma das preocupações principais dos emigrantes.

5) Os trabalhadores chineses geralmente têm muito *stress* de trabalho, o que facilmente causa problemas de saúde. Além disso, há alguma insatisfação com os recursos médicos e com as políticas de bem-estar nacionais, que também precisam de ser melhorados.

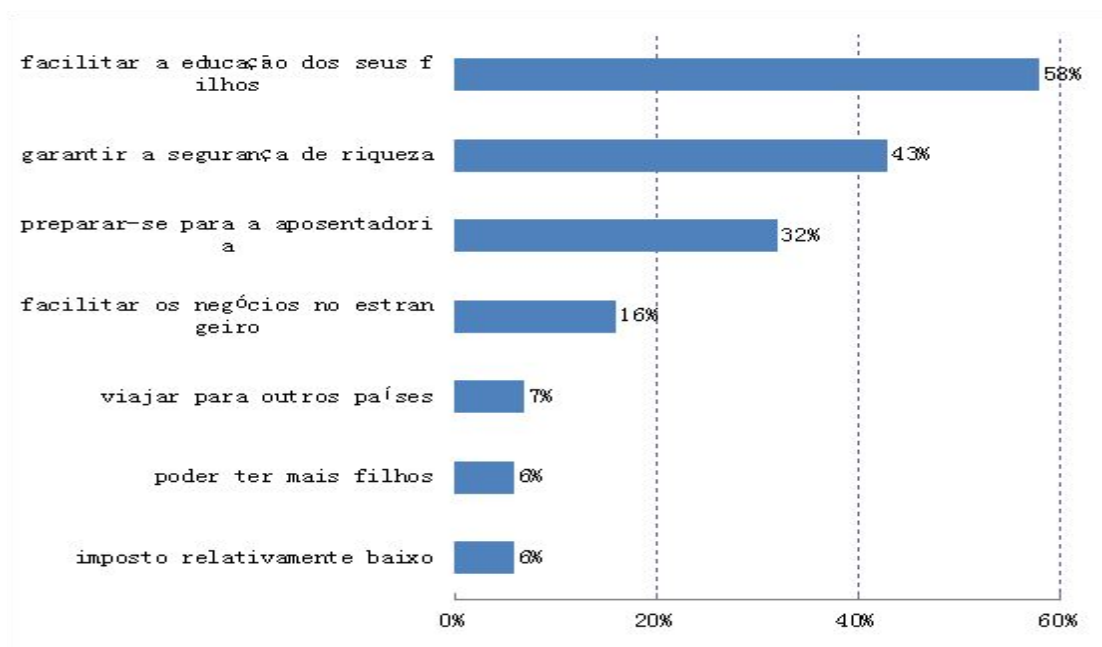
6) Ter outra identidade significa outro bilhete de acesso e outra possibilidade de vida, sendo mais fácil sair da China (não precisa de visto).

Abaixo transcrevem-se os dados de uma pesquisa sobre as atitudes de emigração da população da China (*high-net-worth individual (HNWI)*) (múltipla escolha).

Como se pode ver no gráfico abaixo, facilitar a educação dos filhos, garantir a segurança da riqueza e preparar-se para a aposentadoria são as principais três causas de emigração de investimento.

Gráfico IV:

As Atitudes de Emigração da População de Património Líquido Elevado da China



Fonte: Análise de Pesquisa feita por Banco Merchants e Companhia Consultores de Gestão Bain

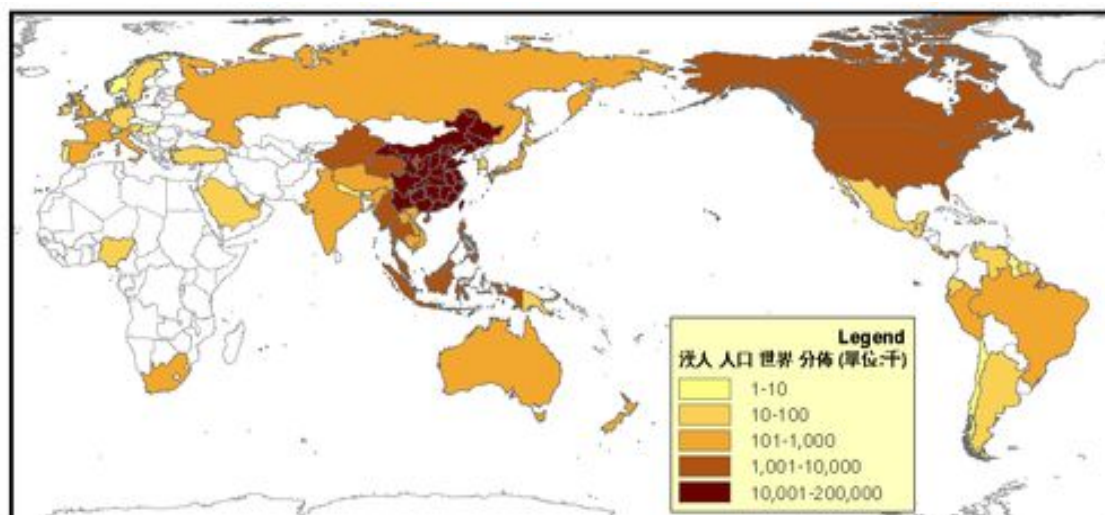
2.2. Distribuição e desenvolvimento de emigrantes chineses

A China tem um elevado número de emigrantes no estrangeiro, cuja distribuição geográfica é muito diversa. As diferenças entre as políticas migratórias, métodos de classificação e definição de lei, juntamente com a existência de imigrantes ilegais, dificulta muito a recolha estatística sobre os emigrantes chineses. Existem vários dados diferentes sobre isso. Entretanto segundo o oficial “Relatório Anual sobre Migração Internacional Chinesa em 2014”, até ano passado, o número total dos

emigrantes chineses são por volta de 50 milhões. O conjunto de emigrantes chineses tornou-se o maior grupo de emigrantes do mundo (Wang, 2014: 7).

Gráfico V:

A Distribuição de Emigrantes Chineses no Mundo



Fonte: <https://zh.wikipedia.org/wiki/%E6%B1%89%E6%97%8F> (acesso em 02/05/2015)

De uma perspectiva regional sobre a distribuição dos emigrantes chineses, a Ásia é a zona que tem o maior número de emigrantes. Em especial, o sudeste da Ásia é a região onde se concentram em maior número; nesta região, os emigrantes chineses correspondem a 73,5% de número total de emigrantes chineses no mundo (Zhuang, 2009: 62). A população chinesa corresponde a 6% da população total do sudeste da Ásia, sendo a Indonésia, a Malásia, Singapura e as Filipinas os países que contam com o maior número de emigrantes chineses.

A América do Norte também é um dos principais destinos para os novos imigrantes chineses. De acordo com os dados de recenseamento dos EUA em 2010, há mais de 4 milhões de emigrantes chineses nos EUA, sendo um maior grupo de emigrantes asiáticos (Wang, 2014: 8). A China já ultrapassou outros países, sendo o segundo maior país de origem de imigrantes, precedido apenas pelo México. Também no Canadá, a China também é o país de origem de um elevado número de imigrantes.

Recentemente, o número de imigrantes chineses tem aumentado significativamente também na Europa. Este tornou-se o destino preferido dos novos emigrantes

chineses. Até 2013, o número de emigrantes chineses na Europa atingiu mais de 3 milhões, principalmente distribuídos por: Inglaterra, França, Alemanha, Rússia, Itália, Holanda, Espanha e Portugal (Wang, 2014: 14).

A América Latina foi gradualmente tornando-se popular entre os emigrantes chineses. Desde os anos 70 do século XX que muitos países da América Latina têm reduzido as restrições à imigração e os imigrantes chineses têm aumentado gradualmente desde então (Wang, 2014: 17). Os países latinos eram tradicionalmente países de emigração, todavia a situação mudou nestas últimas décadas, sendo uma zona relativamente mais desenvolvida comparada com outros países ainda em desenvolvimento, onde a concorrência social é menos intensa. Nos últimos anos, o número de emigrantes chineses também tem aumentado na região das Caraíbas e nas ilhas do Pacífico do Sul, isto graças a um bom ambiente e à política estável, sem controlos cambiais e com “imposto zero”, o que atrai muitos chineses de classe rica.

Em suma, a emigração chinesa nestes últimos trinta anos tem características específicas. Por um lado, houve um crescimento rápido da quantidade de emigrantes chineses e uma promoção do seu nível educativo e económico. Recentemente, como os emigrantes novos de Hong-Kong e de Macau também estão a crescer, juntamente com o crescimento natural de população de emigrantes chineses, a população total tem crescido muito. Em comparação com os emigrantes antigos, os novos, em média, possuem um nível mais elevado de educação e de capital. Entre os novos emigrantes, há cerca de um terço vindo de Hong-Kong e de Macau ou estudantes oriundos da China Continental. Por outro lado, a situação de distribuição mudou bastante. Anteriormente, os imigrantes chineses estavam altamente concentrados no Sudeste da Ásia, enquanto que hoje em dia esse padrão foi transformado pelos novos emigrantes de grande escala. Os núcleos de emigrantes chineses estão presentes em quase todos os países de todos os continentes, com uma distribuição bastante ampla (Zhuang, 2010: 1).

Baseando-nos na situação atual e nas características de distribuição de emigrantes chineses, pode-se identificar as suas tendências de desenvolvimento nos próximos anos:

- 1) A sua escala ainda vai aumentar. Segundo as estatísticas das Nações Unidas, o número de emigrantes chineses em 1990 era de 4,09 milhões e em 2000 chegou a 5,49 milhões; em 2010 atingiu 8,76 milhões e em 2013 os 9,34 milhões. De acordo com este cálculo, desde o ano 1990 até ao ano 2000, em média o número aumentou em 140 mil por ano; logo, a taxa média de

crescimento anual foi 3,0 %; e desde o ano 2000 até ao ano 2010, o número aumentou em 327 mil anualmente, a taxa de crescimento foi de 4,8 %; coincidentemente, durante o período de 2010 a 2013, aumentou apenas 193 mil anualmente, com uma taxa de crescimento anual de 2,2%.⁷ Podemos ver que o número de emigrantes chineses cresce ano após ano, com o desenvolvimento económico chinês e o aumento dos rendimentos pessoais. Esta tendência, juntamente com o poder de repulsa da deterioração do meio ambiente por causa da poluição e o poder de atracção das políticas que beneficiam a imigração, a escala de emigração ainda vai aumentar.

2) O fenómeno de déficit migratório destaca-se. O déficit literalmente refere-se ao saldo negativo entre a receita e a despesa, aqui significa que os gastos ou despesas de emigração superam os ganhos ou receitas de imigração, quer dizer há sempre mais emigrantes do que imigrantes. Segundo as estimativas de UN-DESA, o número de imigrantes da China tem sido sempre baixo quando comparado com o número de emigrantes chineses, formando-se um déficit enorme. Em 1990, a população de emigrantes chineses atingiu os 4,086 milhões, e no mesmo ano, os imigrantes na China eram apenas 377 mil; logo, o déficit migratório daquele ano rondou os 3,709 milhões. Observando os dados de 2000 e de 2010, podemos ver que mesmo que o déficit migratório continua a aumentar. A população de imigração da China também está a aumentar gradualmente, mas muito menos do que a de emigração. Até 2013, o déficit migratório da China atingiu 8,494 milhões. (veja-se o gráfico abaixo).

O déficit migratório de hoje, especialmente o déficit de talento e o déficit de investimento geralmente traz grandes impactos negativos. A maioria dos emigrantes chineses de hoje têm idades compreendidas entre os 33 e os 55 anos. Tmab e maioritariamente são de classe média e alta, sendo os pilares da sociedade, cujas participações sociais são maiores do que outros, os seus impactos sociais também são relativamente maiores. A emigração deste grupo vai causar uma grande perda tanto na fortuna como no recurso humano. Simultaneamente, a China está na época de transformação social. Precisa-se mais gente, especialmente, apoios de classe média e classe alta. Podemos dizer que, a emigração recente não vai ajudar o desenvolvimento da sociedade chinesa.

⁷ Jornal Diário do Povo, 2014-06-19, edição 04, http://paper.people.com.cn/rmrb/html/2014-06/19/nw.D110000renmrb_20140619_6-04.htm (acesso em 16/05/2015)

Gráfico VI: O Déficit Migratório Na China

(Unidade: dez mil)

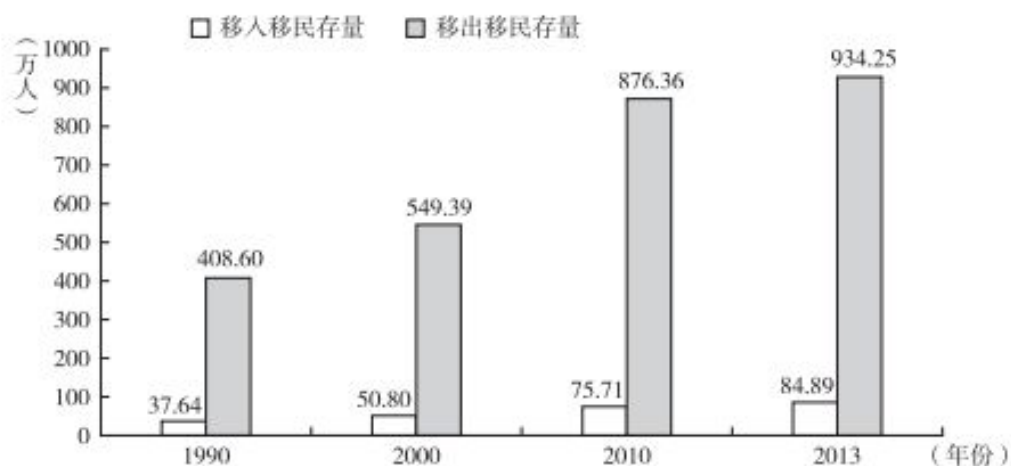


图7 中国“移民赤字”

Fonte: Relatório sobre Migração Chinesa Internacional 2014, P21

<http://www.scgti.org/zyx/%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E5%9B%BD%E9%99%85%E7%A7%BB%E6%B0%91%E6%8A%A5%E5%91%8A2014-%E6%80%BB%E6%8A%A5%E5%91%8A.pdf> (acesso em 18/05/2015)

3) A emigração de investimento ainda tem espaço de crescimento, a “era da Europa” está vindo. As razões de emigração variam-se uma às outras, como mostrado no gráfico anterior, há o facilitar a educação dos filhos, garantir a segurança de riqueza, preparar-se para a aposentadoria etc. Por causa da bolha económica imobiliária e as políticas novas de imposto imobiliário, existem grandes riscos nas estabilidade de valores imobiliários da China, mais juntamente com a valorização do RMB, é considerado que é bom transferir o seu capital para o exterior. Segundo os analistas de revista “Visão de Riqueza” da China, as proporções de riqueza no estrangeiro dos chineses ricos são por volta de 13%, inferior a 20%-30% que é a proporção em média no mundo, por isso no futuro ainda há grande espaço de crescimento potencial. O Boston Consulting Group estimou que nestes três anos o investimento chinês no exterior vai duplicar.

Com a chegada da crise da dívida, muitos países europeus começaram a estabelecer novas políticas de imigração para atrair investimento. Tal como a

Inglaterra, Holanda, Irlanda, Alemanha, Portugal, Espanha, Grécia etc. Um após o outro, vários países definiram políticas migratórias de investimentos, como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro II:

Tabela de Visão Geral de Políticas europeias de imigração de Investimento

País	Acções e Políticas Relacionadas	Condições de Investimento	Processo de Imigração
Inglaterra	Novas políticas migratórias estabelecidas a 16 de Março de 2011	① Possuir e investir £ 1.050.000 (um milhão e cinquenta mil), entre o qual pelo menos £ 750.000 (setecentos e cinquenta mil) têm de ser usados para investimento qualificado, ou seja na forma de compra de títulos e ações de bolsa ou investimento numa companhia registada na Inglaterra e o resto do capital o investidor pode utilizar livremente; o investimento tem de abranger cinco anos, mas se investir mais de 5 milhões de libras, a duração pode ser de três anos, se investir mais de 10 milhões de	Após a duração do investimento, pode obter a residência permanente.

		<p>libras, a duração torna a reduzir para dois anos.</p> <p>② Passar o teste de língua “life in the UK”.</p> <p>③ Oferecer prova de financiamento.</p> <p>④ Não ultrapassar um período cumulativo, fora da Inglaterra, de 180 dias.</p>	
Holanda	/	<p>① Criar uma empresa subsidiária na Holanda e transferir pelo menos 50 mil de euros como capital operacional de inauguração para a conta da empresa, não há requisitos de números de empregados nem volume de negócios.</p> <p>② A empresa principal tem de ter pelo menos três anos de funcionamento, cujo capital de registo acima de 1 milhão de euros, contando com o seu <i>website</i>.</p> <p>③ A idade do investidor deve estar entre 22-55 anos e ele deve possuir pelo menos o grau de</p>	<p>Pode se candidatar a residência permanente após 5 anos.</p>

		<p>licenciatura. Ambos o investidor e o/a seu/sua esposo/a não podem ser representativos legais da empresa, mas podem ser acionistas, cujas proporções não excedam 20%.</p>	
Irlanda	Plano de imigração de investimento de julho de 2013	<p>① Doar 500 mil euros para projetos públicos.</p> <p>② Investir pelo menos 1 milhão de euros em uma empresa irlandesa com a duração mínima de 3 anos.</p> <p>③ Investir pelo menos 2 milhões de euros em obrigações a prazo de pelo menos 5 anos.</p> <p>④ Investimento misturado: mínimo 1 milhão de euros, cuja metade de 500 mil pode usar para comprar propriedade e outra metade de 500 mil para investir em obrigações.</p>	<p>Durante o investimento pode ter um título de residência de 2 a 5 anos (incluindo os membros de família), e após 5 anos pode candidatar-se diretamente a residência permanente. Se a aquisição for bem-sucedida pode, então, pedir a nacionalidade.</p>
Alemanha	/	<p>Criar uma companhia na Alemanha, cujo capital de registo seja pelo menos 25 mil euros e depois de 3 anos, a empresa</p>	<p>Pode obter a residência após 3 anos.</p>

		funcionar corretamente de acordo com o seu plano comercial.	
Portugal	Política de “Golden visa” desde 9 de Outubro de 2012	<p>① Investir mais de 1 milhão de euros para empresas não listadas de Portugal.</p> <p>② Criar mais de 10 postos de emprego direto.</p> <p>③ Comprar pelo menos 500 mil euros de propriedade imobiliária em Portugal.</p>	<p>No início emite-se um ano de visto, e findo este período pode obter-se dois anos de residência; após estes dois anos pode renovar-se mais dois anos de residência.</p> <p>(para abreviar é um ciclo em 1+2+2 anos) Após estes cinco anos, pode obter-se residência permanente. Depois do 6º ano (um ano depois de residência permanente), pode pedir-se a nacionalidade portuguesa.</p>
Espanha	Em 28 de Setembro de 2013, estabeleceu-se a Lei de Apoio aos Empreendedores e a sua Internacionalização, ou seja a Lei dos Estrangeiros 14/2013.	<p>① Comprar no mínimo 2 milhões de euros de bónus espanhóis.</p> <p>② Depositar pelo menos 1 milhão de euros no banco da Espanha.</p> <p>③ Comprar pelo menos 1 milhão de euros de ações de companhias espanholas.</p> <p>④ Comprar no mínimo 500 mil euros de propriedade imobiliária na</p>	<p>Após 20 dias da aplicação obtém o visto de residência. No segundo ano, pode candidatar-se ao título de residência. No quarto ano, precisa de renová-lo e no sexto ano pode obter a residência permanente. No décimo primeiro ano pode pedir a nacionalidade espanhola.</p>

		<p>Espanha.</p> <p>⑤ Estabelecer uma nova empresa na Espanha e submeter um plano comercial que possa promover a economia espanhola. Este plano será considerado pelo governo espanhol tendo em conta o capital de investimento e os postos de empregos que vai oferecer. Então o governo decide se aprova ou não o seu pedido de residência.</p>	
Grécia	Em 8 de Junho de 2013, estabeleceu a lei nº 4/46/2013.	<p>Comprar no mínimo 250 mil euros de propriedade imobiliária.</p>	<p>Depois da compra de propriedade, pode candidatar-se ao visto de residência, cuja validade é de 5 anos.</p> <p>Contando que a propriedade ainda está no nome do investidor, este pode renovar a residência para si, o/a esposo/a, ou os filhos menores de 18 anos num período espaçado a cinco anos.</p>
Chipre	Em 15 de Abril de 2013, estabelece o plano de nacionalidade.	<p>① O investidor tem de ter mais de 18 anos e registo criminal limpo.</p>	<p>Durante 3-6 meses após a aplicação pode obter o visto de residência permanente. Depois de</p>

		<p>② Deve comprar no mínimo 300 mil euros de propriedade imobiliária no Chipre (as propriedades precisam de ser verificadas e aprovadas pelas autoridades)</p> <p>③ Deve ter em nome do investidor ou seu esposo(a), no mínimo 300 mil euros de capital e ter a prova de origem (depósito, propriedades possuídas e/ou ações de companhia etc.).</p> <p>④ Na primeira vez de entrada ou antes de entrar no Chipre, é preciso abrir uma conta bancária lá, o investidor e os seus membros de família têm de ter, cada, no mínimo 30 mil euros de quota de garantia e os seus filhos tem de ter no mínimo 12 mil euros de depósito como garantia.</p>	7 anos de residência pode pedir a nacionalidade.
Hungria	Em Dezembro de 2012, lançou o novo projeto de imigração.	Comprar no mínimo 250 mil euros de dívida nacional (isto é apenas aplicado às primeiras 1000 pessoas, tendo a	Pode obter visto de residência válido por cinco anos e depois pode renovar.

		próxima possibilidade de investimento que ser avaliada primeiro pelo governo húngaro).	
Letónia	Em 1 de Julho de 2010, a Letónia estabeleceu a nova lei de imigração.	Efetuar um investimento na sua cidade capital, Riga, na área de planeamento de Riga ou outras cidades principais da Letónia. O investimento tem de ser no mínimo de 100 mil lats (por volta de 143 mil euros) de propriedade imobiliária, cujo valor cadastral (o valor menor oficial) não seja inferior a 30 mil lats (por volta de 43 mil euros); se comprar a propriedade fora destas zonas, o limite do montante é 50 mil lats (por volta de 72 mil euros).	Toda a família do investidor, incluindo os filhos menores de 18 anos podem obter 5 anos de residência renováveis; se após estes 5 anos, permanecerem na Letónia pelo menos 4 anos e a duração de da saída mais longa não exceda seis meses, podem pedir a residência permanente cumprindo todos estes requisitos, além de um teste de língua.
Malta	Em 15 de Novembro de 2013, a Malta estabeleceu as novas alterações de Lei da Cidadania.	Investir no mínimo 650 mil euros.	Acesso direto de nacionalidade maltesa.

Fonte: (Wang 2014: 35-37)

Embora os países mencionados não tenham todos grandes áreas territoriais, todos têm um meio ambiente muito bom, sendo a maioria deles destinos de turismo e férias. Além disso, fazem parte do espaço Schengen da União Europeia, isto quer dizer que se se possuir uma identidade destes países ter-se-á acesso a todos os outros países que também façam parte do espaço Schengen. Isto, é claro, é também um ponto de

atração para os investidores chineses. Podemos assumir que, a Europa já se tornou um destino de grande atratividade para os imigrantes chineses.

2.3. Imigração chinesa na Europa

Segundo os dados estatísticos do Relatório sobre Migração Chinesa Internacional de 2014, até ao fim de 2013, a população dos imigrantes chineses da Europa rondava os 3 a 3,6 milhões, sendo um quinto da população de imigrantes chineses do Continente Americano e o dobro da população de imigrantes chineses na Oceânia; correspondia a 6 % de número total de emigrantes chineses no mundo.

O sociólogo Pieke (1998) considera que as origens da presença de imigrantes chineses na Europa remontam a duas fases. Antes da Segunda Guerra Mundial, os imigrantes chineses na Europa eram maioritariamente constituídos por trabalhadores temporários, entre eles, marinheiros chineses da costa do sudeste da China a que assinaram contratos de trabalho com companhias marítimas europeias. As localizações de trabalho eram principalmente as grandes cidades portuárias da Europa, por exemplo Londres, Liverpool, Roterdão, Amsterdão, Hamburgo, Antuérpia e Barcelona, etc. Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos trabalhadores chineses lutaram ao lado das populações locais contra as forças nazis. Após a guerra, houve vários chineses que ficaram na Europa a fazer negócios.

Em época posterior, começou gradualmente a aparecer um grupo de emigrantes chineses principalmente vindo das províncias de Guangdong (Cantão) e Zhejiang. Com a recuperação da economia europeia, os membros da família destes emigrantes anteriores também chegavam a Europa com o visto de reunião familiar. Este género de emigração teve origem na vinda dos trabalhadores de contrato temporário que depois traziam as suas famílias, amigos, ou mesmo pessoas da mesma terra natal. Podemos designar este processo como “migração em cadeia” (Pieke & Benton, 1998 : 26-27).

Os emigrantes chineses da segunda fase, ou seja, os que aqui chamamos de “novos emigrantes”, são maioritariamente constituídos por estudantes e altos quadros técnicos, que vieram para a Europa depois dos anos 80 do século XX. Com o aprofundamento da reforma e a abertura da China, há mais e mais emigrantes chineses a vir à Europa. Como já se disse acima, afectados pela crise económica, vários países europeus estabeleceram políticas imigratórias de investimento para

atrair o capital estrangeiro que estão a atrair pessoas da classe rica da China, que ponderam usufruir da oportunidade de imigração de investimento. Especialmente, estes últimos, podem considerar-se parte de uma terceira fase de imigração chinesa na Europa.

Atualmente, há mais de 3 milhões de emigrantes chineses espalhados por toda a Europa. Formaram-se vários conjuntos de chineses em países diferentes, sendo já uma parte essencial e especial da sociedade europeia. Na 15ª Conferência das Associações Chinesas no Exterior, na Europa, realizada em Berlim em Setembro de 2008, a Associação Unida das Comunidades Chinesas no exterior indicou na “Declaração dos Imigrantes Chineses na Europa” os dados de pesquisa sobre a situação geral dos imigrantes chineses: até 2008, existiam mais de 800 organizações chinesas na Europa e mais de 43 mil restaurantes chineses, 101 agências chinesas de jornais e revistas e 340 escolas de mandarim, cujos estudantes eram mais de 55 mil (Li Minghuan, 2009: 47). Com décadas de desenvolvimento, o poder económico geral de comunidade emigrante chinesa foi se intensificando, de ponto de vista da indústria, a restauração, o vestuário e processamento de couro ainda são as indústrias tradicionais da economia chinesa na Europa. Ora, entre eles a restauração ainda é o principal pilar. Ao mesmo tempo, com o aumento do número de novos imigrantes chineses, os setores económicos chineses também estão a ser ampliados, por exemplo, processamento e comércio por atacado de alimentação, comércio de importação e de exportação, supermercados, lojas, etc. Em alguns sítios, a actividade económica chinesa atingiu uma certa escala e ocupa algumas zonas ou ruas específicas, por exemplo, as quatro ruas dedicadas ao vestuário na zona 11 e as lojas de produtos de couro, em Paris. Também o vestuário e o couro se destacam em Madrid, em Roma e as lojas chinesas de mercadorias por atacado, na zona Martim Moniz em Lisboa, sendo este um espaço muito famoso como zona de diversas influências. Ao mesmo tempo, alguns emigrantes chineses também começam a ter novas ideias de operação e tentam enveredar por novas áreas, por exemplo, os seguros, as finanças, o imobiliário, as novas tecnologias, agências de viagens, lojas de jóias, empresas de contabilidade e empresas de advogados, entre outros (Yan, 2005: 1). Podemos dizer que, as motivações de desenvolvimento de economia chinesa vêm da manufatura associada à mão-de-obra barata chinesa. Com a grande concorrência do “made in china”, muitos imigrantes chineses na Europa viraram-se para a importação e exportação, comércio por grosso e retalho, sendo esta uma das áreas que mais rapidamente se desenvolveu na economia dos emigrantes chineses, especialmente na Europa do sul e leste. Estas indústrias tornaram-se as entidades económicas da sociedade chinesa (Li Minghuan, 2011a: 5).

Em geral, com a mudança da situação internacional e a melhoria das relações entre a China e os países europeus, o estatuto social dos imigrantes chineses mudou bastante. Primeiro, a comunidade de imigrantes chineses na Europa continua a crescer a um ritmo muito acelerado. Segundo os dados estatísticos do século XX, o número total de imigrantes chineses na Europa dos anos 50 estava perto de 10 mil; nos anos 60 cresceu para 50 mil; após os anos 70, os países europeus aceitaram um grande número de refugiados da Indochina cuja maioria era descendente de chineses. Desde então, o número total cresceu até 500 mil. É claro, a imigração continuou a ocorrer e nos anos 90 do século XX, a população total de imigrantes chineses da Europa já excedia um milhão. Desde o início do século XXI, a população chinesa continuou a aumentar, atingindo um valor de mais de 3 milhões pelo final de 2013 (Li Qirong, 2011: 27-28). É de notar que a população chinesa presente na Europa, com um nível de educação superior ao seu dispor já se preocupou em adquirir qualificações e conhecimentos técnicos, deixando para trás a ideia do pequeno lojista. A vinda de jovens alunos, ou de pessoas graduadas, aumenta ainda mais este número de chineses altamente qualificados e prontos para o mercado de trabalho atual. Desta forma, o estatuto social dos chineses na Europa também subiu. Esta consciencialização dos emigrantes chineses para um paradigma de integração social está-se a intensificar através da diversificação dos seus ramos de ação. Em Inglaterra, em 2010, houve no total oito candidatos de descendentes chineses a concorrer a deputados de parlamento, um esforço bastante visível de integração e ativismo social. Em França, em 2008, nas eleições municipais francesas entre as 20 zonas e a zona grande de Paris, houve 18 descendentes de chineses a candidatar-se ; Chen Wenxiong foi eleito como um conselheiro e o vice-presidente do distrito 13 de Paris, Yan Ruyu foi eleito conselheiro municipal e o vice-presidente da cidade Esbly que fica nos arredores de Paris a leste (Yao, 2009: 1-2). Estes exemplos demonstram que a consciência política dos emigrantes chineses é de facto activa e presente. De maneira um pouco expectável, os chineses de segunda e terceira gerações decidem participar nos assuntos políticos locais com maior determinação, expressando positivamente os seus direitos e as suas aspirações políticas.

Em conclusão, os grupos de emigrantes chineses continuam a aumentar e a diversificar-se social e profissionalmente. De um modo geral, pode olhar-se para os movimentos migratórios chineses como “pequenos núcleos migratórios de grande dispersão”. De facto, em toda a Europa, os imigrantes chineses estão espalhados por vários países e formam pequenos grupos. Cada um dos grupos possui as suas características derivadas da situação do seu país de acolhimento e da sua integração social, cultural e linguística. Atualmente, entre os estudos existentes sobre emigrantes chineses, a maioria concentra-se nos fluxos migratórios registados nas

zonas do sudeste da Ásia, América do Norte e Austrália. Contrariamente, como a Europa conta com vários países, todos estes com as suas políticas migratórias muito distintas e adaptadas aos parâmetros particulares de cada país, qualquer análise estatística é, por isso, muito difícil de se empreender. Assim, os estudos relativos à migração europeia ainda são bastante poucos. Contudo, acredito que com as novas realidades da migração chinesa esta área venha a ser também mais desenvolvida.

Capítulo 3 Imigração Chinesa em Portugal

3.1. Contexto de Imigração de Portugal

3.1.1. Fluxos migratórios para Portugal

Tal como outros países do sul da Europa, Portugal possui uma longa história de fluxos migratórios: anteriormente foi um país de emigração, com um total de três fluxos emigratórios historicamente importantes. Os primeiro e segundo fluxos foram por causa da expansão no exterior e as atividades da colonização. Desde o século XV e XVI, os portugueses já começavam a emigrar para o estrangeiro principalmente para a África, América, Goa, Malaca, Timor leste e Macau, etc. Desde o início do século XIX para a primeira metade do século XX, muitos portugueses migraram para Brasil, Angola e Moçambique. Nos anos 60 do século XX, muitos portugueses emigraram para outros países europeus ou para a América do Norte, sobretudo para os EUA. O número total de emigrantes do ano passado (2014) foi 49,572, duplicando o número total de 2008.⁸ Até agora, o país com mais emigrantes portugueses é o Brasil, ficando logo a seguir França, decrescendo então, a África do sul, Canadá e os EUA, respectivamente. Em termos acumulados (*stock*), estima-se que haverá hoje no mundo cerca de 2,3 milhões de portugueses emigrados, isto é, de pessoas nascidas em Portugal a residir no estrangeiro há mais de um ano. (Observatório de emigração, 2015: 29).

Embora Portugal seja um país de forte tradição de emigração, a imigração é um fenómeno bastante recente. Depois da Revolução dos Cravos de 1974 e do processo de descolonização, com o fim do Estado Novo e o reconhecimento da independência das colónias portuguesas, Portugal recebeu vários descendentes de portugueses, que ficaram conhecidos pelos “retornados” e muitos imigrantes oriundos das ex-colónias. Desde aquela época, Portugal começou a tornar-se também um país de imigração. Num contexto de imigração em Portugal, podem considerar-se quatro fluxos imigratórios.

① O Primeiro Fluxo Imigratório – desde 1974 para 1985 (Pós-colonial)

A primeira fase está ligada ao processo que viria a findar a soberania portuguesa em territórios ultramarinos da Ásia e África, que aconteceu de forma quase simultânea

⁸ Cf. <http://www.pordata.pt/Portugal/Emigrantes+permanentes+total+e+por+grupo+et%C3%A1rio-2522> (acesso em 30/09/2015)

com o encerramento dos movimentos migratórios transatlânticos que levavam os portugueses, essencialmente, para o Brasil. O início das guerras de libertação em Angola, Moçambique e Guiné deu origem a fluxos migratórios de dimensão significativa provenientes desses territórios e, em consequência, do recrutamento de cidadãos nacionais para estas guerras, surge a necessidade de mão-de-obra em território português: a população imigrante ocupou os postos de trabalho dos portugueses que cumpriam serviço militar e da população portuguesa que emigrou para outros países da Europa, para o continente Americano, entre outros espaços.

Com a descolonização, em 1975, abre-se em Portugal o ciclo de imigração liderada pela comunidade africana que, ao contrário do repatriamento, terá continuidade até aos dias de hoje. (Rodrigues et alii, 2013)

② O Segundo Fluxo Imigratório – de 1986 até ao fim dos anos 90 do século XX (Adesão à Comunidade Económica Europeia)

Em 1986, Portugal aderiu à Comunidade Económica Europeia (agora a União Europeia) o que fez aumentar os números de imigrantes. Houve vários imigrantes dos países PALOP⁹ e do Brasil a vir para Portugal. Do lado Europeu, o colapso de muralha de Berlim em 1989 acelerou as mudanças da Europa de Leste e o alargamento da União Europeia. Posteriormente, com a assinatura do Acordo de Schengen, tornou-se possível a vinda de um forte fluxo migratório de europeus do leste para a Europa ocidental, com o intuito de procurar melhores condições de vida e oportunidades de emprego. Este segundo fluxo migratório afectou vários os países da Europa, incluindo Portugal.

③ O Terceiro Fluxo Imigratório – desde o fim dos anos 90 do século XX até o início do século XXI (Crise Económica)

Em 1992, a Comunidade Económica Europeia (CEE) renomeou-se para Comunidade Europeia. Em seguida, a utilização de uma moeda comum e a adopção de políticas externas comuns, incluindo taxa de imposto, mercado comum, mesma política de agricultura e de pescas, por exemplo, o que teve um grande impacto na economia portuguesa. Desde 1986 a 1988 o Produto Interno Bruto (PIB) de Portugal cresceu 5 % por ano, mas após isso foi decrescendo continuamente até zero. Segundo os

⁹ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, incluindo Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné Bissau. Como partilham a mesma língua oficial (o português), alguns aspectos culturais e a história, foi fácil para estes países manterem a ligação a Portugal. Da mesma forma, também para os imigrantes desses países a integração foi facilitada por estas razões e também pelas fortes redes de ligação pessoal e familiar.

dados de Eurostat, em 1998 a taxa de desemprego de Portugal era de 5 % e em 2005 subiu para 8,6 %; em 2007 subiu para 8,9 % e em 2010 chegou a 12 %; em 2012 atingia uns periclitantes 15,9 %, muito superior aos 10,5 % a taxa média da Europa. A crise económica veio a ter algum impacto nos movimentos migratórios em Portugal, entre eles, a tendência para se emigrar para os outros países mais ricos. (Zhong, 2013: 49)

④ O Quarto Fluxo Imigratório – desde 2012 até agora (Imigração de investimento)

Influenciados pela crise económica, os países europeus tiveram de estabelecer políticas de imigração de investimento para atrair os investidores. Em 9 de Agosto de 2012, Portugal aprovou a nova lei de imigração, que é acção nº 29/2012 de agosto, sendo a emenda de acção 23/2007 de 4 de julho. De acordo com esta nova ação, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Ministério do Interior de Portugal estabeleceram em 3 de Setembro de 2012 a ordem nº 11820-A/2012, cuja validade começou a 8 de dezembro de 2012. Desde então, verificou-se a imigração de investimento de compra de propriedade que colocou o país, bem como esta política de investimento, no centro das atenções. Esta ação de imigração nova de investimento, associada à Autorização de Residência para Investimento, também apelidada por “Golden Residence Permit Program”, ou abreviando “programa de Golden Visa” / “visto dourado”.

Como já foi referido acima, este tipo de autorização tem paralelos em outros países do mundo, inclusive na Europa. No caso português, o "Golden Visa" é um caminho rápido para os investidores estrangeiros de países não pertencentes à União Europeia obterem uma autorização de residência permanente, válida em Portugal e que lhes permite também viajar livremente na maioria dos países europeus (no Espaço Schengen). Para a concessão desta autorização de residência, os cidadãos não comunitários só precisam de fazer um dos investimentos previstos na lei para obter uma autorização de residência em Portugal¹⁰.

Os requisitos para a obtenção do Golden Visa são:

- a. Aquisição de um imóvel no montante igual ou superior a 500.000 €
- b. Transferência de fundos superiores a 1.000.000 €
- c. Criação de pelo menos 30 postos de trabalho em Portugal

¹⁰http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/index.aspx?id_linha=4191&menu_position=4133#0 (acesso em 26/10/2015).

Depois de cumprir um destes três requisitos é permitido aos investidores candidatar-se a um visto de residência de Portugal e após cinco anos, pode obter um título de residência permanente. Se, após um ano de residência permanente, o investidor passa no teste de língua portuguesa e não tiver nenhum registo criminal pode obter a nacionalidade portuguesa. A obtenção da nacionalidade portuguesa estende-se ao/à esposo/a (com um casamento de pelo menos de três anos) e aos filhos menores de 18 anos.

Recentemente, o SEF (Serviços de Estrangeiros e Fronteiras) de Portugal publicou os dados estatísticos sobre esta autorização de residência: desde dia 8 de Outubro de 2012 até ao dia 31 de maio de 2015, o programa de “visto dourado” já aprovou no total 2384 requerentes, cujo investimento total já excedeu os 1448 milhões de euros. Os requerentes que foram aprovados por compra de propriedade são 2254, ocupando 95% dos requerentes totais; o seu montante de investimento total foi 1305 milhões de euros. A principal origem de investidores é a China, no total foram 1914 e os que obtiveram residências por reunião familiar são 3646. Este Programa de Golden Visa atraiu grande montante de capital e investimento, ativando novamente o mercado imobiliário nacional de Portugal e também promovendo grandemente o desenvolvimento de economia portuguesa. Estimando-se que até ao fim de 2015, o programa de visto dourado pode atrair no total 2 bilhões de euros para Portugal.

3.1.2. Análise de Situação de imigrantes de Portugal

Segundo os dados de inquérito à população estrangeira no território nacional do SEF, desde o ano 1980 até ao ano 2013, a população total dos estrangeiros em Portugal já cresceu de 50.750 para 401.320, ou seja o número de 2013 foi oito vezes de o de há 30 anos atrás. O Instituto Nacional de Estatística de Portugal (INE) indicou que, até ao fim de 2013, a população total de Portugal chegou a 10,427 milhões, significando que em 2013 a população estrangeira ocupava 3,8% da população geral portuguesa. De ponto de vista de alteração de população estrangeira, desde 1980 para 2004, o número de população estrangeira estava aumentado anualmente, mas em 2005, teve um decréscimo considerável (por volta de 7,27 %), depois disso, desde 2006 até 2009, a população cresceu um pouco e em 2010 voltou a descer.

Note-se que como a taxa de natalidade baixou e a população estrangeira aumentou, desde o ano 2010, que Portugal sentiu uma forte diminuição da população, o que poderá ser também resultado das atitudes negativas em relação à crise económica. Vale a pena a salientar que, os jovens graduados têm muitas dificuldades em encontrar postos de trabalhos apropriados, o que leva a que muitos deles emigre para o estrangeiro, à procura de novas oportunidades de emprego. Segundo os

dados do Eurostat, no primeiro trimestre de 2014, a taxa de desemprego de jovens portugueses entre 15 e 24 anos era de 37,5 %, um acréscimo de 1,4 % em comparação com o trimestre passado.¹¹

Quadro III: *Evolução da População Estrangeira em Território Nacional*

ANO	Títulos de Residência	Concessão e Prorrogação de AP's	Prorrogação de VLD's	TOTAL	VARIAÇÃO %
1980	50.750			50.750	
1981	54.414			54.414	7,22%
1982	58.667			58.667	7,82%
1983	67.485			67.485	15,03%
1984	73.365			73.365	8,71%
1985	79.594			79.594	8,49%
1986	86.982			86.982	9,28%
1987	89.778			89.778	3,21%
1988	94.694			94.694	5,48%
1989	101.011			101.011	6,67%
1990	107.767			107.767	6,69%
1991	113.978			113.978	5,76%
1992	123.612			123.612	8,45%
1993	136.932			136.932	10,78%
1994	157.073			157.073	14,71%
1995	168.316			168.316	7,16%
1996	172.912			172.912	2,73%
1997	175.263			175.263	1,36%
1998	178.137			178.137	1,64%
1999	191.143			191.143	7,30%
2000	207.587			207.587	8,60%
2001	223.997	126.901		350.898	69,04%
2002	238.929	174.558		413.487	17,84%
2003	249.995	183.655		433.650	4,88%
2004	263.322	183.833		447.155	3,11%
2005	274.631	93.391	46.637	414.659	-7,27%
2006	332.137	32.661	55.391	420.189	1,33%
2007	401.612	5.741	28.383	435.736	3,70%
2008	436.020		4.257	440.277	1,04%
2009	451.742		2.449	454.191	3,16%
2010	443.055		2.207	445.262	-1,97%
2011	434.708		2.114	436.822	-1,90%
2012	414.610		2.432	417.042	-4,53%
2013	398.268		3.052	401.320	-3,77%
2014	390.113		5.082	395.195	-1,53%

Fonte: SEF Estatística <http://sefstat.sef.pt/evolucao.aspx> (acesso em 15/06/2015)

Adicionalmente, podemos ver na distribuição de população estrangeira de 2013 em Portugal que, o número das mulheres é maior do que o dos homens. Geograficamente, Lisboa como o capital de Portugal, é o distrito que com mais

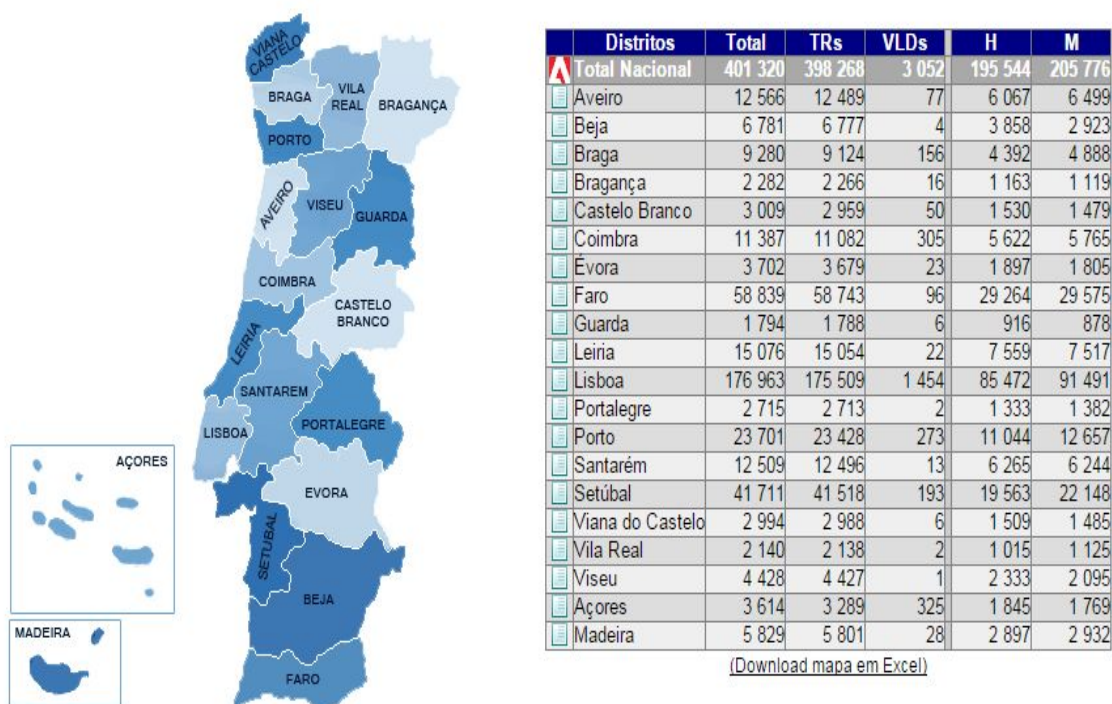
¹¹ A População portuguesa em 2013 reduziu-se 0,57%, segundo dados do Departamento Económico e Comercial da Embaixada da República Popular da China em Portugal, 2014, <http://pt.mofcom.gov.cn/article/jmxw/201406/20140600630379.shtml> (acesso em 28/06/2015).

população estrangeira (15,076), ocupando 44 % da população estrangeira total. Seguem-se Faro (58,839, 14,6 %) > Setúbal (41,711, 10,4 %) > Porto (23701, 5,9%) > Leiria (15,076, 3,7%) > Aveiro (12,566, 3,13%) > Santarém (12,509, 3,11%), entre outros distritos.

Gráfico VII:

População Estrangeira Residente em Portugal

Selecione o Ano: 2013 ▼

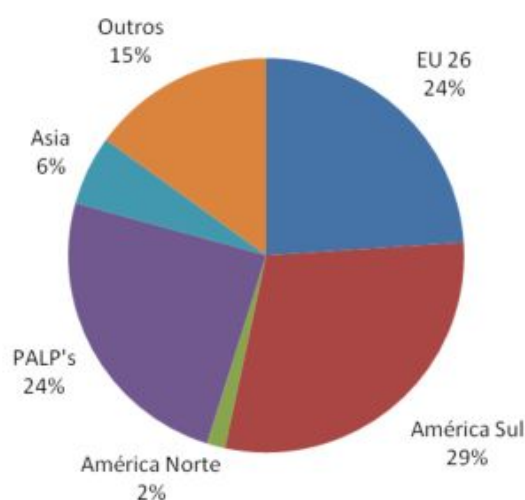


Fonte: SEF Estatística <http://sefstat.sef.pt/distritos.aspx> (acesso em 15/06/2015)

Segundo os dados do INE, a maior comunidade estrangeira residente em Portugal era a brasileira, com 109.787 pessoas (27,8 %), seguindo-se a cabo-verdiana, com 38.895 pessoas (9,9 %). A comunidade ucraniana era a terceira mais representada em Portugal, com 8,6 %, seguindo-se a angolana e a romena com 6,8 % e 6,2 % respectivamente. Integravam ainda o conjunto das nacionalidades mais representativas: Guiné Bissau (4,1 %), Reino Unido (4,0 %), França (3,6 %), China (2,9%), Espanha (2,7%), Moldávia (2,7%) e São Tomé e Príncipe (2,6%) (INE, 2012: 5).

Gráfico VIII:

População de nacionalidade estrangeira, por grupos de nacionalidade, 2011



Fonte: INE, A População Estrangeira em Portugal 2011, P5.

Quadro IV:

Ranking das nacionalidades mais representativas, 2011

País	2011 Nº	2011 %	2001 Nº	Variação 2001 -2011
1º Brasil	109 787	27,8%	31 869	244,5%
2º Cabo-verde	38 895	9,9%	33 145	17,3%
3º Ucrânia	33 790	8,6%	10 793	213,1%
4º Angola	26 954	6,8%	37 014	-27,2%
5º Roménia	24 356	6,2%	2 661	815,3%
6º Guiné-Bissau	16 360	4,1%	15 824	3,4%
7º Reino Unido	15 774	4,0%	8 227	91,7%
8º França	14 360	3,6%	15 359	-6,5%
9º China	11 458	2,9%	2 176	426,6%
10º Espanha	10 486	2,7%	9 047	15,9%
11º Moldávia	10 475	2,7%	2 984	251,0%
12º S. Tomé e Príncipe	10 408	2,6%	8 517	22,2%

Fonte: INE, A População Estrangeira em Portugal 2011, P6.

Face a 2001, as alterações mais significativas foram o forte crescimento da população brasileira, com um aumento de cerca de 78 mil pessoas bem como os acréscimos registados na comunidade ucraniana, que aumentou cerca de 23 mil cidadãos, na romena mais 21.695 pessoas, na chinesa um crescimento de 9292 pessoas e na moldava mais 7491 pessoas. Estas 3 últimas comunidades eram, em 2001, pouco expressivas não alcançando os 3000 residentes cada.

Em contrapartida, a comunidade angolana decresceu 27,2%, o que correspondeu a uma diminuição de cerca de 10 mil pessoas. Em 2001, esta comunidade ocupava o 1º lugar no conjunto da população estrangeira com um peso de 16 % de total de estrangeiros. Também a comunidade francesa registou um ligeiro decréscimo nos últimos 10 anos, menos cerca de 1000 cidadãos (INE, 2012 : 6)

O crescimento económico de Portugal atraiu vários imigrantes e também aumentou a população de trabalhadores domésticos. Nos países de imigração, geralmente os imigrantes moram próximo da zona de trabalho e concentram-se nas cidades e nas áreas comerciais; as suas vidas ligam-se muito às oportunidades de trabalho. O seu processo de migração não só os afectam a eles próprios, mas também toda a sociedade do país de acolhimento. Muitos imigrantes aceitam trabalhar em empregos muito duros. Coincidentemente, estes empregos normalmente não requerem experiência ou treinos especial, sendo trabalhos de qualificação baixa e geralmente não bem-pagos, nem com um ambiente agradável. Mesmo assim, a taxa de emprego dos imigrantes ainda é mais alta do que a dos povos locais. Estes são mais facilmente atraídos pelo mercado de trabalho; os homens concentram-se principalmente nos empregos de construção e as mulheres nos empregos de serviços. Abaixo apresentam-se alguns dados sob a forma de gráficos com as principais profissões da população estrangeira por nacionalidade em 2011.

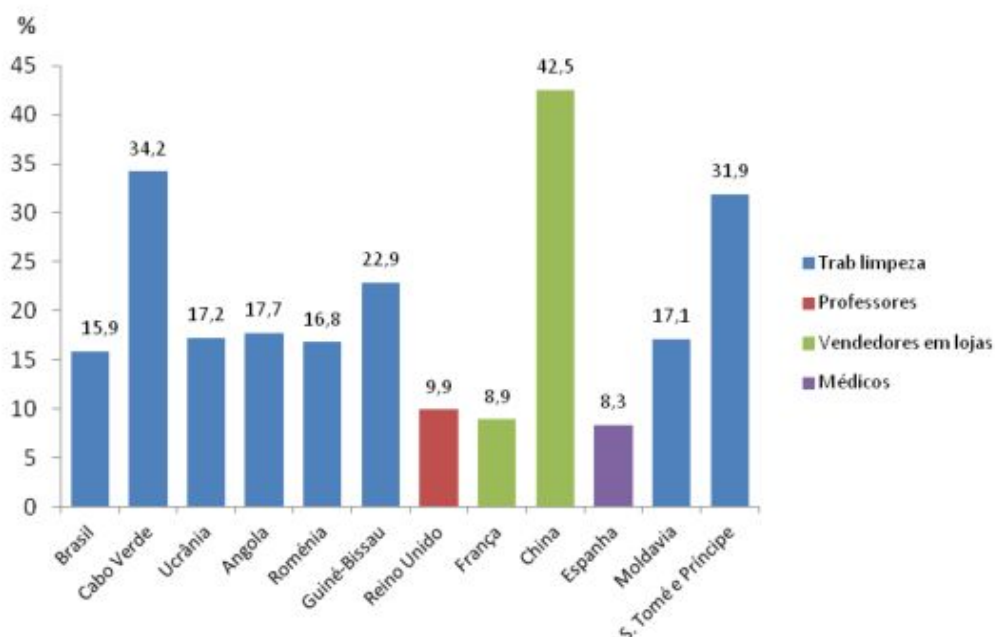
Gráfico IX:

Principais profissões da população de nacionalidade estrangeira, 2011



Gráfico X:

Principal profissão da população estrangeira, por nacionalidade, 2011



Fonte: INE, *A População Estrangeira em Portugal 2011*, pp.17-18.

Dos 196.296 estrangeiros empregados em 2011, cerca de 40 % dos quais concentram-se em apenas 5 profissões. A maior parte são trabalhadores de limpeza em casas particulares, hotéis e similares (15,2 %), seguindo-se os vendedores em lojas (8,8 %), os trabalhadores qualificados da construção (7,0 %), os/as cozinheiros (5,2%) e os empregados de mesa e bar (3,5%).

Os chineses distinguem-se das restantes comunidades estrangeiras pelo elevado número de vendedores em lojas com 42,5% e diretores e gerentes do comércio com 21,8%. Destacam-se ainda os estrangeiros da nacionalidade espanhola que estão associados a profissões como médicos e profissionais de enfermagem, com 8,3% e 5,8%, respetivamente. Também os nacionais do Reino Unido se destacam no que se refere aos principais grupos profissionais. Para a comunidade britânica, a profissão mais representativa é a de professor 9,9%, seguida da de diretor geral e gestor executivo de empresas com 5,0% (INE, 2012: 18).

3.2. Evolução da Imigração chinesa em Portugal

De acordo com os dados mais recentes do Serviço de Estrangeiro e Fronteiras, até 2014, o número de cidadãos chineses legalmente residentes em Portugal era 21402, representando 5% do número oficial de estrangeiros em Portugal.¹² No entanto, para indagar a proporção do número dos imigrantes ilegais da China em Portugal, a Polícia Portuguesa fez uma pesquisa por amostra nas zonas onde a população chinesa está mais concentrada. Como resultado entre os 2675 chineses pesquisados, contaram-se 169 imigrantes ilegais. A proporção ronda os 6,3% (Yu, 2013: 6). Estes dados permitem calcular que atualmente o número total de chineses em Portugal (imigrantes legais com documentação e imigrantes ilegais) seja cerca de 22,750. Note-se que este número não incluiu os chineses com nacionalidade portuguesa, doutra forma o número total provavelmente excede 23 mil.

Os chineses vieram para Portugal já há centenas de anos. Portugal pode ser visto como uma estação de transferência de cultura oriental para cultura ocidental. Mais especificamente, de acordo com a linha temporal, podemos dividir a evolução histórica das relações dos imigrantes chineses com Portugal em quatro fases, as quais se situam entre: os anos 20 do século XX até aos anos 70; desde os anos 70 até aos anos 80; dos 80 até ao início do século XXI; e desde 2012 até agora. Cada uma das fases possui uma origem específica de imigrantes chineses e características específicas.

¹² SEF, Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo, 2014, p.10, http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf (consultado em 27/07/2015).

3.2.1 Dos anos 20 aos anos 70 do século XX: Os primeiros chineses em Portugal

A primeira fase da vinda dos imigrantes chineses para Portugal pode situar-se entre os anos 20 e os anos 70, período no qual a segunda guerra mundial foi um ponto de relevante. Apesar de os portugueses terem o governo de Macau desde os Descobrimentos, 1553 até 1999, o fenómeno de migração dos chineses começou bastante tarde e, em nossa perspectiva, em época muito recente. Antes da Segunda Guerra Mundial, os chineses que chegaram à Europa foram maioritariamente os trabalhadores laborais de contrato temporário, cujos lugares de trabalho foram principalmente as cidades portuárias, como Londres, Liverpool, Roterdão, Amsterdão, Hamburgo, Antuérpia, Barcelona e Porto. Houve marinheiros chineses vindos da costa sudeste da China para assinar contratos de trabalho com os patrões das companhias de navios europeus. Estas companhias utilizaram os trabalhadores estrangeiros para enfraquecer as influências de sindicatos laborais europeus. Após o período de contrato, a maioria destes trabalhadores chineses voltavam para o seu país, apenas poucos (menos de 2%) conseguiram permanecer nos países para onde tinham emigrado. Os que aí permaneceram começaram a dedicar-se a negócios pequenos em outras cidades. Durante a Segunda Guerra Mundial, muitos países europeus estiveram envolvidos na guerra, mas Portugal que fica no canto sul da Europa tomou uma posição neutra e felizmente não foi afectado directamente pela guerra. Vários imigrantes chineses ficaram nos seus países de acolhimento a lutar ao lado da população local contra a Alemanha nazi e também houve alguns que decidiram fugir para os países não envolvidos na guerra, como Portugal.

Segundo a pesquisa da Ana Matias (2010), os primeiros chineses chegaram a Portugal (e também a Espanha), alegadamente viajando em barcos a vapor, em embarcações mistas de carga e passageiros, tendo como objectivo ir para outros destinos europeus, tais como a França, a Itália e a Holanda. Através dos registos dos anos 1921 e 1922 do Arquivo do Governo Civil do Porto, consegue-se perceber que eles se instalaram na área do Porto e a maioria deles vieram de “Qingtian”, na Província Zhejiang da China¹³. As atividades predominantes registadas e praticadas por estes imigrantes foram as de comerciantes, estucadores e a de montador de material em carris de comboios, destacando-se como zona habitacional onde eles se concentravam, a área perto da estação ferroviária de S. Bento. Além destes

¹³ Os primeiros chineses que chegaram à Europa foram os comerciantes vindo do sul da província Zhejiang, maioritariamente da cidade Wenzhou e da vila Qingtian. Os seus motivos para viajar para a Europa não foram registados, mas provavelmente estariam relacionados com os trabalhadores a contrato que lá estavam desde a Primeira Guerra Mundial. De acordo com os documentos existentes, eles vieram através da Sibéria, vieram também por barco através de Marselha. Na Europa, muitos deles primeiro chegaram a Moscovo e a Paris, e como tempo foram-se espalhando por todos os países da Europa.

registos, nada mais se sabe sobre estes chineses, a não ser que viviam todos perto do trabalho. Na década de 30, eram um pequeno grupo de chineses que se movimentava do porto para ruas das grandes cidades, principalmente Lisboa, vendendo as carismáticas gravatas: “bonitas e balatas”; o chamado “filão das gravatas”. Deste modo, os anos 30 do século XX foram determinantes para a instalação do comércio chinês de norte a sul de Portugal, tendo sido este o “motor de expansão” da presença de comunidades chinesas em Portugal. Nos anos 40, a comunidade ascendia já a um número razoável e na zona centro do país, desenvolveu-se o negócio da revenda. Muitos tornaram-se nos seus próprios patrões e os seus filhos começaram a frequentar as escolas portuguesas. Dez anos passados e numa Europa que acabava de sair da guerra, as gravatas dão lugar à bijutaria (anéis, colares, alfinetes entre outros artigos para senhora); um comércio que se internacionalizou com artigos vindos da então Checoslováquia, Alemanha e Áustria, países saídos do pós-guerra. Este era o novo comércio chinês (fabricado e escoado a partir do Porto) que florescia e aliciava os espíritos mais burgueses. As famílias chinesas entraram deste modo noutros negócios e da venda de gravatas pela rua que proporcionou o aumento de empregados e a expansão e internacionalização de redes de negócio, passaram a vender em lojas de pequeno comércio. Posteriormente, abriram armazéns de revenda, que serviam para a sustentabilidade económica dos abastecimentos dos vários comércios. É neste contexto de vagas familiares e conterrâneas que continuaram a chegar a Portugal no início dos anos 60, ajudando a aumentar o negócio, reconvertendo os seus objectivos e ampliando-os, sendo que os rendimentos conseguidos proporcionaram a possibilidade de alguns imigrantes chineses de sucesso comprarem as suas vivendas e os seus carros. Os vários armazéns que entretanto surgiram eram todos frutos da geração dos anos 30. Depois, as gerações seguintes aos poucos iniciariam o fim da era das gravatas, da revenda e dos armazéns. A realidade era diferente, os filhos tinham mais escolaridade, tiraram cursos superiores em Medicina, Engenharia e Economia, e outros, com cursos comerciais seguiam a gestão dos negócios de seus pais, aparecendo os primeiros restaurantes chineses em Portugal. Inicia-se então a fase seguinte que se associa à era dos restaurantes (Matias, 2010: 78-84).

3.2.2 Dos anos 70 aos anos 80 do século XX: A descolonização, os chineses imigrados de Moçambique para Portugal

Os chineses emigraram para Moçambique desde 1858 (Espírito Santo, 2009: 56), a alta taxa demográfica da China, aliada às más condições socioeconómicas e à fraca densidade populacional em Moçambique, juntamente com a existência de contactos comerciais entre a China e a África desde o século XIX, foram os principais motivos

para este fluxo migratório.

Por volta dos anos sessenta o número de chineses em Moçambique era de cerca de dois mil indivíduos, que estavam instalados em várias cidades, sendo as principais, a da Beira e a capital, Lourenço Marques.

A comunidade chinesa em Moçambique esteve bastante bem inserida no que diz respeito à sociedade de acolhimento, nomeadamente pelo conhecimento aprofundado da língua portuguesa, pela sua inserção nos vários ramos de atividade, comercial, agrícola, administrativa, contabilística, bancária, industrial, entre outros. Também os casamentos e as naturalizações de alguns foram uma vantagem para a inserção na sociedade portuguesa. Por isso, quando vieram para Portugal não sentiram o mesmo tipo de dificuldades que outros chineses oriundos ou da Europa ou das províncias chinesas destes últimos fluxos migratórios. O conhecimento da cultura portuguesa, a inserção no mercado de trabalho não étnico e a sua forte relação com os portugueses, de onde resultaram os descendentes mestiços, foram um “conhecimento de causa” importante para a integração em Portugal (Matias, 2010: 84-87).

Com a descolonização em 1975, abre-se em Portugal o ciclo de imigração liderada pela comunidade africana que, ao contrário do repatriamento, terá continuidade até aos dias de hoje (Rodrigo & Correia & Pinto & Pinto & Cruz, 2013: 90). Aquando do processo de descolonização (de 30 de Novembro de 1976 a 30 de Abril de 1977) e da independência de Moçambique, a comunidade chinesa diminuiu bastante, ficando “desmembrada”. A avaliar pela informação da resolução do Conselho de Ministro nº 171177, ponto 1, apesar de a Portugal apenas terem chegado 26 famílias chinesas oriundas de Moçambique, é sabido que muitas acabaram por optar migrar para outros destinos.

Neste mesmo período, vieram também para Portugal grupos de chineses oriundos de vários pontos da China, em especial de Zhejiang, mas que não se encontravam tão aptas e integradas na sociedade de acolhimento, como a comunidade chinesa vinda de Moçambique. Os motivos dessa diferença são: a falta do conhecimento da língua versus o conhecimento da mesma; a tendência para a economia étnica versus a integração nas atividades laborais do país de acolhimento e da economia nacional; os diferentes valores culturais e religiosos versus a integração e assimilação da comunidade de chineses de Moçambique à religião católica.

De qualquer modo, a comunidade que veio de Moçambique tem servido muitas vezes

de ponte entre as comunidades chinesas que chegam a Portugal e a sociedade de acolhimento, facilitando desse modo os contactos entre as partes. (Matias, 2010: 89)

3.2.3 Dos anos 80 ao início do século XXI: O boom da imigração chinesa

Desde os anos 80 até ao início do século XXI, o número de população de imigrantes chineses em Portugal teve um crescimento explosivo e isso tem a ver com os contextos históricos de ambas partes, China e Portugal. Em 1978, a China estabeleceu uma nova política de plano nacional chamada “Reforma e Abertura”, que literalmente significa “reforma para o doméstico e abertura para fora”. O estabelecimento desta política mudou completamente a situação fechada da China Continental, desde 1949, fazendo a economia chinesa entrar em uma nova fase de desenvolvimento rápido. Após dez anos de “Revolução Cultural”, de 1966 a 1976, a economia chinesa ficou à beira do colapso, com o enorme deficit fiscal nacional, povo pobre e baixa força produtiva. A situação piorou com o facto do partido comunista perder a sua credibilidade perante a população, o que gerou uma crise política. Depois de Deng Xiaoping subir e começar a controlar o PCC politicamente, ele tentou efetuar uma reforma abrangente em todo o país, especificamente tornando o sistema anterior da China de economia de plano para uma economia de mercado. Para o exterior empreendaram-se políticas abertas tais como reduzir os impostos, cortar as limitações de alfândega, encorajar mais empresas estrangeiras a investir e criar fábricas na China, permitindo-lhes empregar mão-de-obra barata nacional, etc. Simultaneamente, começava-se a encorajar mais chineses a estudar no estrangeiro e também a encorajar mais estrangeiros a entrar na China para trabalhar. Em 1985, a China reduziu também as restrições que limitavam as saídas do país, o que gerou um aumento do número dos emigrantes chineses. Como antes de 1985, a China sempre teve gestão e controle rigoroso aos movimentos migratórios e a partir daí, a população começou a ter liberdade de entrada e saída, de certa forma eles também decidiram imigrar para países com melhores condições de vida. Desde os anos 80, houve muitos imigrantes chineses a entrar na Europa.

Por outro lado, em Fevereiro de 1979, a República Popular da China estabelece oficialmente relações diplomáticas com Portugal, o que determinou a vinda em grande número de imigrantes chineses. Em 1999, Portugal terminou e transferiu a soberania de Macau para o governo chinês, o que também causou um grande fluxo de macaenses para Portugal.

Em suma, a comunidade chinesa em Portugal, dos anos 80 do século XX até ao início do século XXI vai aglutinar características das fases anteriores e pode ser

dividida em cinco subgrupos, que correspondem às seguintes proveniências:

a) A maioria dos chineses vêm das “terras tradicionais de emigrantes” na China, que são as Províncias da costa sudeste como Zhejiang, Guangdong e Fujian. A forma como organizaram o seu processo de migração também é muito tradicional, isto é, dependente dos suportes e das garantias dos amigos e parentes que já estavam no país de destino. A primeira maior origem é Zhejiang, que já mencionei antes, cujas cidades como Wenzhou e Qingtian registo o maior número de migrantes, ficam no sul e perto do mar. Ali houve, pois, uma tradição, talvez subconsciente da população de viajar, sobretudo para o estrangeiro a trabalhar e ganhar dinheiro; esta tradição continua a ser mantida até hoje. A segunda maior província de origem de emigrantes é Guangdong (Cantão). Os pioneiros cantoneses que no início migraram para o estrangeiro eram também marinheiros, como se referiu acima. No início, eles concentravam-se nas grandes cidades portuárias europeias e, após a segunda guerra mundial, mudaram-se para outros sítios e países da Europa. Evidentemente que alguns chegaram em Portugal e estabeleceram-se com as suas famílias. Nesta fase posterior, as suas actividades profissionais em Portugal eram principalmente ligadas ao comércio como os zhejiangenses. A terceira maior região que é origem de emigrantes é Fujian, principalmente o norte da província. Estes migrantes também apareceram em Portugal, mas muito mais tarde do que os zhejiangenses e cantonenses. Começa-se a registar a sua presença e as suas actividades a partir de finais dos anos 80; curiosamente a maioria destes imigrantes estavam em Portugal forma ilegal. Estas três origens da China possuem uma característica comum que é a ligação à terra de origem onde existe uma cultura de emigração, donde resulta um efeito em cadeia, isto é, as novas gerações continuam a copiar os modos de emigrar dos primeiros e procuram melhores condição de vida; tal como nas gerações anteriores, as suas famílias oferecem garantias e suportes.

b) O segundo subgrupo de imigrantes chineses em Portugal é constituído pelos descendentes dos retornados de Moçambique. Distinguindo-se com todos outros subgrupos dos imigrantes chineses, as gerações seguintes nasceram e cresceram em Portugal ou em regiões onde se fala português, por isso, este subgrupo geralmente tem o português como língua materna ou possui um elevado nível de domínio da língua portuguesa, como L2. Além disso, partilham também com os valores culturais semelhantes aos dos portugueses, o que, lhes torna mais fácil a integração social.

c) O terceiro subgrupo de imigrantes chineses são os que se encontravam

anteriormente em países do norte da Europa e que vendo a economia destes países saturada, procuram novos locais para estabelecer os seus negócios, considerando Portugal como um novo nicho económico. Em Portugal, assistiu-se, assim, a um aumento de lojas chinesas e restaurantes chineses, que são negócios preferenciais para esta comunidade. Inicialmente esta população concentrava-se maioritariamente nas grandes cidades portuguesas (como Lisboa, Porto, Faro, por exemplo, mas, com o tempo, a comunidade dispersou-se para outros locais do país, não só em Portugal continental, (mesmo no interior), como também nas regiões autónomas da Madeira e dos Açores (Santos, 2011: 16).

d) A quarta origem dos chineses em Portugal é Macau. Historicamente, Macau tendo sido a pedra angular no relacionamento lusófono com a China e também um factor relevante de aproximação entre os dois países. Desde os anos 90, já houve mais e mais macaenses a imigrar para Portugal e cá a se estabelecerem.

e) Em quinto lugar, por último mas não menos importante, há que considerar os estudantes de intercâmbio. De facto, a presença de estudantes chineses de intercâmbio em Portugal é um fenómeno muito recente. Um passo importante nesse sentido foi dado com a visita do primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao a Portugal em 2005: refira-se por exemplo o estabelecimento do Instituto Confúcio em Portugal (em parceria com a Universidade do Minho) e o compromisso das autoridades chinesas em aumentar o ensino do português na China, em colaboração com o Instituto Português do Oriente, sediado em Macau, e com o Instituto Camões (Pereira, 2006: 68). Entretanto, segundo os dados da Embaixada de Portugal em Pequim, a proporção de número dos estudantes chineses em Portugal versus o dos estudantes portugueses na China é de 100 para 7.

A maioria dos chineses que imigraram para Portugal a partir da década de 1980, inicialmente dedicavam-se ao negócio da restauração, mais tarde apareceram os armazéns e posteriormente a lojas. Geograficamente, começaram por se instalar nos centros urbanos, principalmente em Lisboa, mas hoje em dia, apesar dessa prevalência se manter, encontram-se distribuídos por todo o país, como se pode constatar pela presença dos seus restaurantes e principalmente lojas em todo o país (Igreja, 2011: 3).

3.2.4 De 2012 até hoje: *Golden Visa* e Investimento

(Organizado segundo as notícias de jornais e informações online)

Como já foi referido acima, a criação da Autorização de Residência para Investimento (ARI), também designada como “Visto dourado” ou “Golden Visa” teve impacto nos fluxos migratórios da China para Portugal. De facto, este programa veio favorecer a existência de imigrantes de investimento em Portugal, à semelhança do que sucede em outros países da Europa. Este programa foi lançado pelas autoridades portuguesas em Outubro de 2012 e tinha como principal objectivo atrair investimento para Portugal e, consequentemente, criar emprego, para os investidores estrangeiros de países não pertencentes à União Europeia. Para os cidadãos de países terceiros é um caminho rápido para obterem uma autorização de residência permanente válida em Portugal e que lhes permite também viajar livremente na maioria dos países europeus, no espaço Schengen.

No contexto da União Europeia, a medida de introdução dos vistos dourados é boa, porque atrai investidores a Portugal, mas é duvidoso no que respeita à compra de bens imobiliários. Segundo a notícia do Jornal Mundo Lusíada, o pedido de vistos dourados é, na sua esmagadora maioria, de chineses, seguindo-se a Rússia, o Brasil e Angola. Chineses compradores exigem às imobiliárias ou mediadores uma espécie de “renda garantida” de 6 % a 8 % sobre o valor de compra, durante 5 anos. Esta é uma percentagem elevadíssima atendendo à barateza do dinheiro na Europa. Também haverá o perigo de branqueamento de capitais (Justo, 2014).

De facto, na segunda metade de 2014, uma investigação da unidade contra a corrupção da Polícia Judiciária culminou na detenção de onze suspeitos pelos crimes de corrupção, peculato, branqueamento de capitais e tráfico de influências. Entre os detidos estão altos funcionários da Administração Pública: o diretor do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o presidente do Instituto de Registos e Notariado e as secretárias-gerais dos ministérios do Ambiente e da Justiça. Há ainda funcionários destes ministérios detidos por suspeitas de colaborarem num esquema ilícito. Há também três cidadãos chineses entre os intermediários, o Instituto dos Registos e Notariados (IRN), Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, imobiliárias com o segmento apartamentos de luxo e escritórios de advogados. Os “vistos dourados” passam por todas estas entidades mas, segundo a investigação da PJ, havia quem estivesse a receber dinheiro ilícito para fazer acelerar o processo, ou só mesmo para ganhar dinheiro.¹⁴

¹⁴<http://observador.pt/explicadores/o-que-e-e-como-funciona-um-visto-gold/12-o-que-e-que-levou-as-detencoes-de-altos-responsaveis-do-estado/> (acesso em 03/08/2015) .

Desde o estabelecimento das políticas de vistos dourados em Outubro de 2012 até ao Outubro de 2014, segundo os dados do SEF, já houve 1775 vistos atribuídos a estrangeiros que querem investir em Portugal, entre os quais 1681 adquiriam uma propriedade, 91 por transferência de capital e 3 por terem criado uma empresa que garanta, pelo menos, 10 postos de trabalho. Todos eles investiram um total de 1076 milhões euros (104 milhões por transferência de capital e 972 milhões na compra de património imobiliário). Entretanto, após as alterações à legislação, a velocidade de aprovação de visto dourado foi afectada; até 31 de Maio de 2015, os dados oficiais mostram que já foram emitidos 2384 vistos dourados, o capital de investimento total foi 1,448 mil milhões de euros e os que obtiveram vistos por compra de imobiliário ocupam 95% do número total, foi a grande maioria de investidores. E recentemente, após as novas políticas tornaram-se efectuadas, os procedimentos de visto dourado voltaram à normalidade. Estão cada vez mais normalizados e padronizados. Segundo os dados mais recentes, até 31 de Julho de 2015, no total já emitidos 2430 vistos, 80,53% foram atribuídos a chineses.

O Programa “Golden Visa” trouxe sem dúvida um grande montante de investimento para Portugal, ao mesmo tempo também trouxe um grande número de imigrantes chineses. Creio que daqui a uns anos, a sociedade dos imigrantes chineses de Portugal vai mudar muito, a chegada dos novos imigrantes chineses vai trazer novas áreas de indústria e nova vitalidade de mercado consumidor para a comunidade chinesa. De outra perspectiva, nos últimos anos, além destes investimentos pessoais para trocas de vistos, a China também tem feito vários outros grandes investimentos diretos em Portugal. Em 2011, o incremento nas trocas comerciais entre a China e Portugal atingiu cerca de dois mil milhões de euros. Mais especificamente, em Portugal já existem várias empresas portuguesas a operar nos mercados, cujo capital é detido em parte ou em mais de 50% por sociedades chinesas, como é o caso da ZTE Portugal – Projectos de Telecomunicações, Unipessoal, Lda., Huawei Tech. Portugal – Tecnologias de informação, Lda. ou a APMCQ – Automotivo Playback Modules Portugal, Unipessoal Lda. Outro exemplo de grande investimento chinês em Portugal foi da empresa China Three Gorges na privatização da EDP, com a aquisição de 21,35% da Energias de Portugal, o que levou o governo chinês a dar o seu aval a múltiplos financiamentos à economia portuguesa e à entrada de vários bancos chineses em Portugal. Quanto à REN-Rede Elétrica Nacional, os chineses da StateGrid são compradores até 25% da empresa portuguesa, a percentagem máxima de acesso à fatia de 40% – 592,21 milhões de euros – que Portugal colocou à venda (Portugal Global, 2012). Os investimentos da China Three Gorges e da StateGrid no total excedeu os 4 mil milhões de euros, ocupando quase um terço de montante total do investimento que a China investiu na Europa em 2012. Se contarmos com o

negócio de Sinopec ao comprar 30% de ações de Petrogal Brasil por 4,8 mil milhões de dólares americanos, a China já investiu em Portugal, ou por Portugal, quase 9 milhões dólares americanos (Petrogal Brasil é um subgrupo debaixo de Galp Portugal). As transacções de Sinopec e de China Three Gorges foram as duas maiores transacções registadas mundialmente em 2012 do “Dragon Index” (EY, 2014: 5). A China tem investido muito em Portugal e sem dúvida que as comunicações e ligações económicas entre os dois países vão aumentar continuamente, bem como a vinda de imigrantes de trabalho da China para Portugal também vai aumentar, o que naturalmente irá ter consequências na forma como estes migrantes se integram no mercado laboral e na sociedade de acolhimento.

3.3. Os Imigrantes Chineses em Portugal

Hoje em dia, o número total dos chineses em Portugal é mais de 20 mil, quanto às suas origens e conjuntos, podemos dividi-los em quatro subgrupos: os que são oriundos de Macau, os comerciantes da Província Zhejiang, os estudantes de intercâmbio e os investidores.

3.3.1. Os macaenses em Portugal

Após o estabelecimento de relações diplomáticas, em Fevereiro de 1979, os contactos entre Portugal e a República Popular da China foram dominados, até 1999, pela questão de Macau. O acordo de 1979 estabeleceu que o estatuto do território poderia ser objecto de negociações. O processo de transição terminou com a cerimónia da transferência em 20 de Dezembro de 1999 (Pereira, 2006: 65). Desde 1999, economicamente Macau tem experimentado um crescimento económico explosivo dada a priorização do seu modelo de desenvolvimento na indústria do jogo, aproveitando o facto de ser o único local em território chinês onde o jogo de fortuna e azar é autorizado (Gonçalves, 2006: 20). Politicamente, à semelhança de Hong-Kong, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) mantém o atual sistema político e económico, gozando de um elevado grau de autonomia. Reitera-se assim a confiança das autoridades chinesas no princípio “um país, dois sistemas” (Lee, 1999: 13). Além disso, após a transferência de soberania, o governo central da China designou Macau como a plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Foram realizadas em Macau três conferências ministeriais e estabelecidos o Secretariado Permanente do Fórum de Macau, o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e a

Feira Internacional de Macau (MIF). Nestas duas décadas, Macau tem-se desenvolvido a um ritmo estável.

Actualmente calcula-se que vivam em Portugal cerca de 5 centenas de famílias macaenses, descendentes de luso-descendentes de Macau. Após a transferência do território de Macau para a China (1999), devido à instabilidade política e económica, vários macaenses e descendentes de portugueses decidiram vir para Portugal. Este grupo de “retornados” trouxe consigo mais-valias, conseguindo dinamizar as relações comerciais com a China, já que com eles vieram também contactos internacionais de clientes e fornecedores, aproveitando desta maneira o período de crescimento económico português na segunda metade da década de 1990 (Espírito Santo, 2009: 58)

Neste grupo existem dois tipos de cidadãos: os que embora com passaporte português não abdicaram da origem chinesa e os macaenses, portugueses de Macau, muitos deles professando a religião católica. O que melhor os distingue é a facilidade de comunicar em português, não obstante muitos macaenses “mestiços sino-descendentes”, não serem considerados portugueses em Portugal, mas sim chineses. Apesar disso, eles encontram-se bastante integrados na sociedade portuguesa, estando geograficamente dispersos pelo país, muitas vezes casados com portugueses e naturalizados (Matias, 2010: 96-97).

3.3.2. Os comerciantes da Província Zhejiang e o fenómeno da “migração em cadeia”

A chegada a Portugal de chineses foi marcada por cidadãos vindos da Província de Zhejiang, que depois se tornou o maior grupo de imigrantes chineses em Portugal. Inicialmente, eles dedicavam-se ao negócio da restauração e mais tarde apareceram os armazéns e, posteriormente, a lojas. Na distribuição geográfica, existe uma tendência de concentração destes comerciantes encontrando-se mais de 3/4 localizados em três distritos principais: Lisboa, Porto, e Faro -, que em conjunto representavam 76,1% da comunidade chinesa em Portugal (Neves & Trindade, 2008: 173). Porém, com o tempo, esta tendência está a enfraquecer e aparecem cada vez mais comerciantes chineses em todo o país, mesmo nas pequenas cidades e aldeias portuguesas.

Então porque é que vieram tantos imigrantes chineses de uma província chinesa? O que há de especial em Zhejiang? De facto, Zhejiang tem sido tradicionalmente a terra natal dos emigrantes. Como já dissemos antes, desde os anos 20 do século XX ou

mais cedo (não registado), as pessoas de Zhejiang vieram para a Europa de barco, fixando-se aí. Em consequência disso, amigos e parentes dos primeiros a vir para a Europa decidiram também enveredar pelo caminho da emigração. Assim, formou-se uma rede de “migração em cadeia”. Rede de “migração em cadeia” é uma rede social especial formada com base em diferentes relações sociais, entre as quais se destacam as relações familiares (consanguinidade), as relações com o exterior (migração) e as relações profissionais (indústria). Na aldeia tradicional de imigrantes Qingtian de Zhejiang, ir para estrangeiro quase que se pode considerar como uma tradição local, quase todos os jovens decidem emigrar. Na aldeia apenas ficaram os mais idosos e os miúdos. Nestes tipos de aldeias, as atividades económicas locais caíram e vive-se muito das rendas e remessas do exterior. De notar, que é também nestas regiões que se coloca a questão da educação das crianças que recusam um pouco os conhecimentos que lhes são fornecidos nas escolas, porque são considerados insuficientes para terem sucesso no mercado de trabalho estrangeiro.

Podemos chamar esta tradição de imigração nesta área como uma “cultura de imigração em cadeia”, ou seja, as pessoas destas zonas estão estreitamente ligadas aos parentes e amigos no estrangeiro, mas estão relativamente isoladas em relação aos ambientes sociais, económicos e culturais circundantes. Podemos dizer que o “sonho de ser patrão” é a motivação base desta cultura de migração. O objectivo inicial deles ao participarem no movimento de migração em cadeia é a esperança de se tornarem patrões de alguma loja, fábrica ou restaurante, enriquecerem e serem respeitados pela sua comunidade. Talvez seja por causa disso, que os imigrantes novos conseguem trabalhar em condições duras e com salários baixos quando recém-chegados ao estrangeiro. Embora muitos deles não cumpram os seus desejos, continuam a aparecer muitos outros imigrantes, mesmo sabendo das dificuldades e dos fracassos dos seus antecessores. O “sonho de ser patrão” não oferece um caminho específico e realístico para os imigrantes, mas serve como uma direcção para muitos deles.

A migração em cadeia e a sua cultura atraíram muitos imigrantes chineses no seu círculo. Aos olhos dos muitos imigrantes que já estão no estrangeiro as pessoas nativas e os imigrantes que vêm de outras zonas da China são todos “forasteiros”, pelo que por vezes eles não querem cooperar com estes “forasteiros”, nem querem comunicar ou contactar com eles. Os recém-chegados ao país de acolhimento podem usufruir de uma rede social já estabelecida onde podem procurar várias posições de trabalho e ter uma rápida integração dentro deste círculo social e cultural. Por isso, socialmente eles expandem as suas redes de relações, pois nunca saem fora destes círculos, o que lhes reduz as oportunidades de uma mais rápida

integração linguística e cultural, em Portugal. Os novos imigrantes são trazidos pelos velhos, mas quer os velhos, quer os novos, todos eles vivem e trabalham nos seus pequenos grupos e não querem procurar novas oportunidades e novos contactos (“guanxi”) fora do seu círculo, por isso, quando um mercado de um sítio ou de uma cidade está demasiado saturado, os novos imigrantes que querem ser “patrão”, para perseguir este seu sonho optam por ir para outros países ou cidades à procura novas oportunidades. Isto foi o grande impulsionador da ramificação dos comerciantes chineses por toda a Europa, dando ainda mais um significado cultural à expressão “migração em cadeia” (Pieke & Benton, 1998: 31).

No que toca a setores, as gerações chinesas anteriores envolveram-se maioritariamente em restauração, comércio do couro e fabricas de vestuário, o que, curiosamente provocou um dito “com as três facas pode viajar pelo o mundo”; aqui as três facas são chopper (almoço), as tesouras (costura) e lâmina de barbear (Barber). Nos últimos 20 anos, com a chegada dos novos imigrantes, o número total de imigrantes e as suas poupanças também cresceram e por isso a economia dos imigrantes chineses entrou numa nova fase de crescimento. Uma parte dos imigrantes chineses saem das indústrias tradicionais saturadas e começam a desenvolver outras indústrias, que contam com maior valor acrescentado e maior qualificação, especialmente, em comércio de importação e exportação, imobiliário, produtos eletromecânicos, turismo e cultura, que tem crescido rapidamente. Ao mesmo tempo, há vários imigrantes chineses a mudarem os seus modos de operação de negócio, abandonando o modelo de uma loja individual, gerida pela família, optando por criar uma cadeia de lojas, supermercados chineses, mercados grossistas especializados e companhias de grupo, etc. Após a “Reforma e Abertura”, especialmente no século XXI, o sector da manufactura chinesa desenvolveu-se em grande escala e Zhejiang tornou-se um dos centros de indústria chinesa, vendo os seus produtos a ser vendidos para todo o mundo. É fácil de perceber que a quantidade de imigrantes provenientes desta província foi bastante vantajoso para os negócios internacionais. Criando a comunicação com as redes comerciais e juntamente com os seus profundos conhecimentos locais ajudaram à grande internacionalização dos produtos de Zhejiang. De acordo com as estatísticas, no total há 1,445 milhões de imigrantes de Zhejiang espalhados em 129 países e regiões do todo o mundo, entre os quais há mais de 500 mil que se sediaram na Europa (Qiao & Bao, 2010: 204). Em Portugal, os chineses oriundos da China continental ocupam 83 % do número total, dentro do qual 73 % são de Zhejiang. A sua distribuição é concentrada em três grandes zonas: a grande Lisboa (50 %), grande Porto (16 %) e Faro (14 %).

Os comerciantes zhejiangenses já formaram um sistema comercial completo em Portugal, formando o que parece uma sociedade pequena que depende de si, coopera entre si e faz concorrência a si própria. Até agora, em Portugal já há de 5 mil a 7 mil lojas a retalho chinesas, lojas por grosso chinesas e restaurantes chineses. Eles ligam os mercados de produtos chineses com os mercados de venda portuguesa, sendo uma pequena ligação na circunstância da economia mundial, ou até mesmo, sino-portuguesa. Os comerciantes de Zhejiang compram directamente dos grandes grossistas da China e depois vendem às pequenas lojas portuguesas que, por sua vez revendem os produtos aos consumidores portugueses, completando o processo de comercialização. Nesta rede de venda chinesa, os comerciantes de Zhejiang demonstram grande apetência para o negócio, seja na verificação de produtos, testagem de amostras, negociação de preços, ou mesmo a dar credibilidade aos seus produtos. Movendo-se com uma grande organização, para responder às abrangentes necessidades do mercado hoje em dia, estas redes chinesas estão presentes um pouco por todo o Portugal. Em consequência disso existe um grande conjunto de chineses que se ligaram de uma forma mais próxima ou não a Portugal, a qual chamamos de comunidade chinesa em Portugal (Yu, 2013: 6-7).

3.3.3. Os estudantes de intercâmbio

Os estudantes chineses de intercâmbio constituem outro conjunto de imigrantes chineses em Portugal. Desde os anos 80 do século XX, a China tem enviado estudantes para universidades e institutos estrangeiros. Desde aí, o número dos estudantes de intercâmbio tem aumentado consistentemente. Ora, depois do século XXI, o número dos estudantes chineses de intercâmbio sofreu um crescimento considerável. Desde 2008, a taxa de crescimento dos estudantes chineses no estrangeiro ronda os 20 % , a China tornou-se o país com mais estudantes de intercâmbio (Wang, 2014: 28-29).

Quanto ao intercâmbio académico e cultural entre a China e Portugal, passos importantes nesse sentido foram dados com a visita do primeiro-ministro chinês Wen Jiabao a Portugal em 2005: o já referido o estabelecimento do Instituto Confúcio em Portugal e o compromisso das autoridades chinesas em aumentar o ensino do português na China, em colaboração com o Instituto Português no Oriente, sediado em Macau e com o Instituto Camões. Mas, existe ainda um enorme vazio no estudo e conhecimento da língua e da cultura chinesa em Portugal que, a longo prazo, é importante colmatar. A Fundação Oriente tem desempenhado um papel relevante nesta área, mas muito permanece por fazer. Incentivar a cooperação científica e

tecnológica entre os dois países deve igualmente constituir um objectivo prioritário, na linha aberta pela criação do centro Portugal-China da História da Ciência, promover maior intercâmbio de estudantes é também importante para o futuro. E assim começando a dinamizar ainda mais a cooperação académica e cultural entre a China e Portugal (Pereira, 2006: 68).

Até agora, na China há 23 universidades que incluem a especialidade de língua portuguesa: quatro em Macau (Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau e Universidade de São José) e dezanove na China continental (Universidade de Pequim, Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, Universidade da Comunicação da China, Universidade de Estudos Internacionais de Pequim, Universidade de Negócios e Economias Internacionais, Universidade de Línguas e Culturas de Pequim, Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai, Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin, Instituto de Comunicações de Hebei, Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian, Jilin Huaqiao Universidade de Línguas Estrangeiras, Universidade Normal de Harbin, Universidade de Estudos Estrangeiros de Guangdong, Universidade de Estudos Internacionais de Sichuan, Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an, Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang, Universidade de Estudos Estrangeiros de Hebei, Universidade Jiaotong de Lanzhou, Universidade da Comunicação da China, Nanjing).

O número de universidades chinesas que já têm relações de intercâmbio de estudantes com Portugal também é notável: Universidade de Macau - Universidade de Coimbra / Universidade de Lisboa, Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim - Universidade de Coimbra, Universidade de Línguas e Culturas de Pequim - Universidade de Minho, Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai - Universidade de Lisboa, e Universidade de Estudos Estrangeiros de Tianjin - Universidade de Minho / Universidade de Lisboa, etc. As situações dos programas de intercâmbio das universidades mencionadas acima geralmente envolvem estudantes de licenciatura que, quando frequentam o terceiro ano ou o quarto ano, deslocam-se a uma universidade de intercâmbio portuguesa para estudar meio ano ou um ano, fazendo no regresso a equivalência dos créditos académicos que obtiveram em Portugal. O mesmo se verifica da parte dos alunos portugueses que fazem o intercâmbio com várias universidades chinesas. Além disso, ainda há muitos estudantes chineses de mestrado e de doutoramento que estão em Portugal. Eles normalmente concentram-se nas cidades universitárias, tais como Lisboa, Aveiro, Coimbra, Porto e Braga. Eles também têm a sua organização estudantil "Associação de Estudantes Chineses em Portugal", que frequentemente organiza muitas

atividades.

Por outro lado, em Portugal também existem vários institutos e universidades a ensinar chinês. Actualmente, em Portugal já se abriram três Institutos Confúcio; o primeiro na Universidade de Minho (2006), segundo na Universidade de Lisboa (2008) e o terceiro na Universidade de Aveiro (2015). Estes institutos já têm influência no norte, no centro e no sul de Portugal, espalhando a língua e cultura chinesa. E além dos institutos Confúcio, ainda existem várias escolas de chinês em Portugal, cujos estudantes são maioritariamente os filhos dos imigrantes chineses de Portugal. Entre as escolas de chinês, a maior é a de Lisboa. Esta escola foi criada em 2000 e até agora já tem 15 anos de experiência e qualificação de ensino. Inicialmente, apenas tinha turmas com 10 alunos, todavia, agora já há mais de 400, contribuindo imenso para a educação da segunda ou terceira geração dos imigrantes chineses de Portugal.

Mesmo que os intercâmbios académicos entre Portugal e a China tenham começado muito tarde, têm-se desenvolvido muito rápido. Com o tempo, já há mais e mais estudantes chineses a vir para Portugal a seguir o caminho da obtenção de uma formação e qualificação. As comunicações linguísticas e culturais favorecem ambas as partes a cooperar e desenvolver mutuamente, sendo uma fundação básica da relação bilateral. Além disso, o desenvolvimento de um sistema de ensino da língua e cultura chinesas a estrangeiros, bem como a criação de escolas chinesas em Portugal, está a permitir que se crie uma geração mais nova de imigrantes chineses, que consegue estar mais próximos da comunidade de acolhimento, que por sua vez, também tem mais oportunidades de se aproximar da língua e cultura chinesas.

3.3.4. Os migrantes de investimento e a sua indústria

Desde o estabelecimento do programa “Golden Visa” em Outubro de 2012 até 31 de Julho de 2015, segundo os dados mais recentes, já houve 2430 investidores a obter vistos deste tipo, entre os quais os chineses ocupam 80,53% do número total. Esta autorização de residência não só aumentou as oportunidades de imigração para os investidores, mas também gerou em Portugal uma indústria “Golden Visa”. Desde os Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, às Finanças, aos Registos e Notariado, às empresas imobiliárias, empresas de construção, as agências intermediárias e os escritórios dos advogados, todos formaram uma grande cadeia com lucros consideráveis. Nestes curto espaço de tempo de três anos, Portugal já registou centenas de novas empresas imobiliárias e agências, várias empresas de seguros também adicionaram novos serviços para os investidores deste tipo e muitas

empresas de advogados que já dinamizaram as suas plataformas electrónicas para promover os novos serviços de consulta jurídica e serviços de pedido de título de residência, associado a outros serviços jurídicos de contratos em cinco anos. Um tratado de visto gold, de facto, requer a cooperação de várias entidades sem as quais não seria possível o bom funcionamento deste projeto. Este programa já trouxe para Portugal um total de 1,5 mil milhões de euros, promovendo em grande medida o desenvolvimento da economia portuguesa.

No entanto, estes quase 2 mil imigrantes de investimento constituem um grupo de “imigrantes novos”. Na verdade, eles distinguem-se dos imigrantes chineses anteriores na medida em que pertencem às elites chinesas, quer do ponto de vista da sua formação como da sua capacidade económica. A emigração destes chineses vai causar, de certeza, uma perda considerável de talentos e riquezas para a China. As motivações da sua migração são complexas e incluem, por exemplo, a garantia das suas posses, as más expectativas do futuro nos investimentos domésticos na China, a procura de melhor vida no estrangeiro e de uma melhor educação para os seus filhos. Além destas razões, a bolha imobiliária da China e o estabelecimento de políticas de limitações de preço imobiliário chinês também aumentaram o risco no investimento doméstico. Além disso, com a valorização do RMB, transferir e investir o capital para estrangeiro é considerado como uma das melhores maneiras de garantia dos valores de capital. Mas, a chegada deste tipo de imigrantes também elevou bastante o preço do mercado de imobiliário português.

Entre estes imigrantes novos existe um grande número de imigrantes que saem por causa da educação dos filhos. Tendo como principal objectivo a educação, a imigração de investimento está dependente da realização do seu objectivo e ao mesmo tempo também da forma como conseguem garantir o seu capital. De acordo com a pesquisa mencionada no segundo capítulo,¹⁵ entre as atitudes da classe rica chinesa sobre a imigração, a educação dos filhos ocupa uma posição de destaque com 58 %. Ao mesmo tempo que a “imigração por educação” se torna popular, no conjunto de imigrantes novos em Portugal regista um novo fenómeno nestas famílias, que leva a deslocações periódicas entre o país de origem e o país de acolhimento. Este tipo de imigrantes é designado nos *mídia* chineses como “astronautas” ou “vaivém”, por causa dos seus trabalhos e as suas ligações estreitas com a China, eles sempre voam entre o país de emigração e o país de acolhimento; porém, os seus filhos ficam maioritariamente no país de acolhimento, por causa da frequência do sistema educativo, vivendo e estudando de forma muito independente e autónoma.

¹⁵ Cf. p. 35, nesta dissertação.

Como estão longos períodos com os pais ausentes, eles também têm um nome: “miúdos de paraquedas”. O aparecimento deste fenómeno é uma consequência da imigração de investimento e há perguntas que vale a pena fazer, tais como: Que valores de vida vão ter estas crianças quando crescerem? Como é que eles se definem a si próprios? Qual é a sua identidade? Será que se sentem portugueses ou chineses? No futuro, os frutos desta circunstância imigratória serão específicos e necessitarão de atenção.

3.4. A análise das características de imigrantes chineses em Portugal

O número total dos imigrantes chineses em Portugal já excedeu 20 mil. Quais as características que podemos distinguir dos outros imigrantes? Neste capítulo, analiso as características dos imigrantes chineses em Portugal, principalmente dentro das três perspectivas: análise das informações dos imigrantes chineses de Portugal (população, escolaridade, situação económica...), os seus sectores de actividade económica e a forma como se relacionam e distinguem os primeiros imigrantes e os imigrantes mais recentes.

Quadro V: A População Estrangeira em Portugal 2011

República Popular da China			A		
População Residente		2011	2001		
Total		11458	2176		
Homens		5943	1164		
Mulheres		5515	1012		

Principais municípios de residência		Nº	%		
Total		11458			
Lisboa		2123	18,53		
Sintra		479	4,18		
Vila do Conde		402	3,51		
Porto		356	3,11		
Benavente		344	3,00		

Idade média		Nº	%		
		31,1			

Estado civil legal		Nº	%		
Total		11458			
Solteiro		4392	38,33		
Casado		6798	59,33		
Divorciado		161	1,41		
Viúvo		107	0,93		

Vivência em união de facto		Nº	%		
		380			
Vive em união de facto		380			
Não vive em união de facto		4432			

Nível de ensino completo da população entre os 15 e os 64 anos		Nº	%		
Total		9444			
Inferior ao básico 3º ciclo		4295	45,48		
Básico 3º ciclo		2974	31,49		
Secundário e pós-secundário		1846	19,55		
Superior		329	3,48		

Principal meio de vida da população com 15 ou mais anos		Nº	%		
Total		9618			
Trabalho		7283	75,72		
Reforma/pensão		137	1,42		
Subsídio de desemprego		12	0,12		
Outros subsídios temporários		24	0,25		
Cargo da família		1716	17,84		
Outro		446	4,64		

Condição perante atividade económica		Nº	%		
Total		11458			
Activa		7403	64,61		
Empregada		7287	63,60		
Desempregada		116	1,01		
Inactiva		4055	35,39		
<15 anos		1840	16,06		
Estudantes		622	5,43		
Domésticos		561	4,90		
Reformados		194	1,69		
Outra situação		838	7,31		

Principais profissões da população empregada		Nº	%		
Total		7287			
Vendedores em lojas		3100	42,54		
Directores e gerentes, do comércio a retalho e por grosso		1586	21,76		
Cozinheiro		659	9,04		

Principais ramos de atividade económica da população empregada		Nº	%		
Total		7287			
Comércio a retalho, excepto de veículos automóveis e motociclos		5031	69,04		
Restauração e similares		1521	20,87		
Comércio por grosso, excepto de veículos automóveis e motociclos		189	2,59		

Principais religiões da população com 15 ou mais anos		Nº	%		
Total		9618			
Sem religião		3787	39,37		
Outra não cristã		1541	16,02		
Outra cristã		533	5,54		

Fonte: A População Estrangeira em Portugal 2011, www.ine.pt (acesso em 20/08/2015).

Segundo as informações sobre a população chinesa em Portugal acima indicadas e referentes aos Censos 2011 (INE, 2012: 29), podemos ver que em nesse ano, a população chinesa registada em Portugal era 11.458, o que em comparação com 2001, registava um aumento de 80%. o município com mais população chinesa era a capital Lisboa; a idade média dos imigrantes chineses em Portugal era de 31,1 anos, o que significava que a maioria dos imigrantes eram jovens adultos em idade activa. Quanto ao estado civil, mais de metade da população era casada e já tinha famílias e

outros quase 40 % estavam solteiros. Quanto à escolaridade, a maioria (76,97 %) tinha um nível de básico 3º ciclo ou inferior ao básico 3º ciclo, sendo que a percentagem de indivíduos com formação superior era apenas de 3,48 %. Daqui se conclui que na época a maioria tinha uma escolaridade em geral baixa. Relativamente ao meio de vida e condição perante atividade económica, a maioria dos imigrantes chineses de Portugal estavam a trabalhar e as suas profissões concentravam-se em: vendedores de lojas (42,54 %), diretores e gerentes do comércio a retalho e por grosso (21,76 %) e cozinheiro (9,04 %). No mesmo estudo, apurou-se que quanto às religiões, a maioria declarou não ser religiosa.

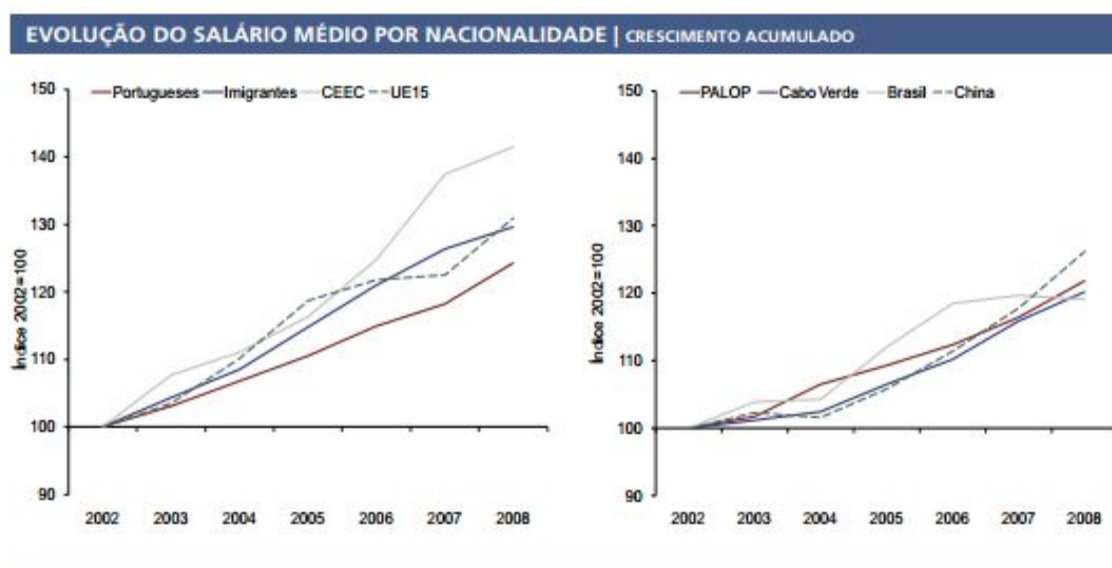
Gráfico XI:



Gráfico XII:



Gráfico XIII:



Fonte: Sónia Cabral&Cláudia Duarte, Os Imigrantes no Mercado de Trabalho Português, 2011.

De acordo com os gráficos sobre a situação dos salários dos imigrantes em Portugal, entre 2002 e 2008, os imigrantes chineses são o grupo com o nível mais baixo de salário em média e com a maior percentagem dos que recebem os salários mínimos. Quanto à evolução do salário médio por ano, mesmo que o grau do crescimento do salário chinês fique num nível médio-alto, em comparação com as outras nacionalidades de imigrantes, por causa do valor de base baixo este crescimento acaba por não ser significativo.

Nas últimas décadas, o maior motivo do desenvolvimento da sociedade dos imigrantes chineses em Portugal está associada à marca "made in China". Vários comerciantes chineses em Portugal estão envolvidos em importação, exportação, vendas a retalho e vendas a grosso dos produtos chineses, sendo a maior parte da economia deles e os sectores que mais se têm desenvolvido. Além destas áreas, a restauração chinesa tem igualmente uma forte presença em Portugal, sendo um sector com futuro a longo prazo, pois a comida chinesa já se integrou na vida do dia-a-dia dos portugueses. Uma pesquisa feita em 2007 mostrava que mais de 600 restaurantes chineses tinham iniciado atividade em Portugal (Zhao, 2007: 2). Em 2015, o número deve estar entre os 600 e os 800. Nos últimos anos, apareceram muitos restaurantes chineses de classe alta, cuja comida é de requinte e autêntica e a decoração do restaurante também é de bom gosto, atraindo muitos consumidores locais. Por outro lado, os restaurantes chineses também estão espalhados em todo o

lado de Portugal, continuando um caminho de massificação e adaptando-se aos hábitos da restauração portuguesa. Nos sectores de manufatura de vestuário, os negócios dos chineses de couro, sapatos e vestuário também registou um desenvolvimento em Portugal, especialmente, desde os anos 90 do século XX. Os chineses procuraram fazer muitas produções de rotulagem, ocupando rapidamente o mercado português pelo seu preço baixo. Contudo, com a promoção dos sectores da manufatura da China Continental surgiu concorrência entre os produtos dos chineses locais e os da China, levando a que a vantagem dos produtos chineses manufacturados em Portugal se desvanecesse. Por isso, vários complexos fabris deste género começaram a alterar as suas opções e a vender produtos feitos na China, ou seja, importavam os produtos da China a um preço muito baixo e depois mudavam a etiqueta e a marca para revender em Portugal a um outro preço. Uma outra tendência no desenvolvimento da sociedade chinesa de Portugal é o aumento dos supermercados e lojas chinesas: de tamanho pequeno, cerca de dez metros quadrados e com apenas uma caixa de pagamento até a grandes superfícies, com cerca de centenas de metros quadrados com várias caixas de pagamento. É de frisar o escalonamento deste módulo de negócios, intensificando as influências dos produtos chineses. Uma nova geração de imigrantes também trouxe uma nova escola de gestão e operação, emprestando novos modos de vendas modernas, promovendo os supermercados chineses e levando-os a evoluir para uma direcção mais global, multifuncional e diversificada.

Além dos sectores tradicionais mencionados em cima, com a chegada dos novos imigrantes, apareceram novas indústrias como agências de viagens, bancos, imobiliário, etc. Alguns chineses de Portugal trabalham nas empresas portuguesas que têm cooperação com os chineses, mais integrados na sociedade local. Existem também alguns que estão ainda muito dependentes das relações com os chineses locais, ou com a China. Seja qual for o sector todos têm tido o seu desenvolvimento. No entanto, como as semelhanças das tipologias de negócios, dos canais de importação e dos modos de venda dos comerciantes chineses e também por causa da limitação do mercado português, iniciou-se uma forte concorrência entre os círculos comerciais chineses, especialmente na restauração, importação, exportação e venda a retalho. Como tal, a economia tradicional dos chineses precisou de uma transformação qualitativa e de inovação produtiva para melhorar a sua estrutura do sector.

Quando falamos de imigrantes chineses de Portugal, podemos dividi-los em dois grandes grupos: os primeiros imigrantes e os imigrantes novos. O primeiro grupo refere-se aos que vieram para Portugal antes dos anos 80 do século XX, que já

caracterizamos acima, por exemplo, os comerciantes de Zhejiang. Neste grupo incluem-se também os que vieram de Moçambique, depois de 1975, entre os quais incluem os descendentes luso-chineses. No segundo grupo estão os imigrantes novos que vieram para Portugal depois dos anos 80, e que incluem indivíduos oriundos de diferentes regiões, que já referimos acima: os comerciantes das terras natais tradicionalmente dos imigrantes da China por exemplo Zhejiang, Shandong, Fujian e Guangdong; os retornados de Macau depois dos anos 90; os estudantes e trabalhadores de intercâmbio; e os imigrantes de investimento, que vieram a partir de 2012.

Existem muitas diferenças entre os primeiros imigrantes e os novos. Primeiro, nas suas identidades: os primeiros, em geral, tem uma escolaridade relativamente baixa e a sua situação económica e financeira também se apresentam em níveis médio-baixo; pelo contrário, os novos imigrantes são maioritariamente das classes altas da China, ou seja, pelo menos da classe média alta e têm uma escolaridade alta. Também os seus motivos para emigrar são completamente diferentes; entre as razões para emigrar dos primeiros destacava-se ganhar dinheiro para depositar numa conta de poupanças e uma vida mais fácil e estável; os imigrantes novos têm várias outras motivações, além da economia, há também a educação, investimento e a saúde, bem como as questões ambientais.

É interessante notar que entre os imigrantes novos existem diferenças, especialmente nas suas identidades e grupos a pertencem, no entanto, elas não são tão relevantes como aquelas que permitem distinguir os primeiros imigrantes e os novos. Mais especificamente há classe média e classe rica. De facto, podemos dizer que “as imigrações da classe rica não são as mesmas imigrações de motivações intelectuais e/ou estudantis, apenas os imigrantes de classe média é que as encetam” (Tan & Li, 2013: 4). A classe média geralmente possui uma vida estável e um rendimento bom na China, oscilando entre os 30 e os 45 anos de idade, e a maioria refere como uma das motivações principais para a sua saída da China a educação dos seus filhos. Um traço típico da cultura chinesa: “tudo o que se faz é em prol do futuro dos filhos”. Muitos deles desistem de uma vida doméstica estável só para os filhos crescerem num ambiente mais aberto e com mais escolhas no seu futuro. Em contrapartida, a classe rica da China normalmente possui outras motivações entre as quais se destacam as razões profissionais ou outras diretamente relacionadas a manutenção de ligações mais estreitas com a China, aliadas à necessidade de viajar entre países várias vezes. Por isso, aparecem os fenómenos dos “pais astronautas” e dos “miúdos pára-quedas”, que já referimos antes.

Também o grau de integração social dos indivíduos destes grupos é muito variado. Os imigrantes mais antigos eram maioritariamente oriundos do campo da Zhejiang, com escolaridade relativamente baixa e com profissões que se concentravam em áreas muito específicas: empregados de restaurante ou trabalhadores do armazém. As actividades laborais e o seu baixo nível económico de certa forma limitavam o seu quotidiano aos seus pequenos círculos sociais, que são normalmente restritos e fechados, o que limitou de certa forma a aprendizagem e o uso da língua de acolhimento, bem como o conhecimento da cultura portuguesa. Pode mesmo dizer-se que de certa forma assumiram uma posição de uma certa marginalidade em relação à sociedade portuguesa.

Em contrapartida, a comunidade dos imigrantes novos destaca-se pelos conhecimentos de língua portuguesa e de outras línguas estrangeiras, nomeadamente o inglês (por exemplo, os estudantes de intercâmbio, os trabalhadores de empresas chinesas em Portugal e os que são oriundos de Macau, etc.), o que lhes permite a comunicação e interação com a comunidade de acolhimento e que somado à sua posição económica e escolaridade, ajuda à integração social, ficando em posições socioeconómicas relativamente altas e em melhores condições do que os primeiros imigrantes. Podemos dizer que com a chegada destes novos imigrantes, o estatuto social dos imigrantes chineses em Portugal também está a subir.

Em resumo, há no total duas novas tendências na comunidade chinesa de Portugal: o número total dos imigrantes chineses está a aumentar e a sua tipologia tornou-se mais diversificada; a qualificação dos imigrantes chineses está a melhorar, entram mais elites chinesas e a integração desta comunidade com a comunidade de acolhimento está a intensificar-se.

Nos últimos 20 anos, com o aumento do número de chineses em Portugal e com o crescimento da economia dos grupos de chineses, alguns comerciantes bem-sucedidos começaram a registar e estabelecer as associações e grupos organizados dentro da comunidade chinesa em Portugal. Desde o aparecimento da Associação dos Chineses em Portugal, em 1990, até agora já existem mais de 30 associações, que se dividem em três tipos principais:

① Por atividade laboral carreira: Associação Geral dos Comerciantes Chineses em Portugal e Comunidade do Comércio Chinês de Portugal.

② Região de origem na China: Comunidade de Chineses de Wezhou em

Portugal, Comunidade de Chineses de Fujian em Portugal e Comunidade de Chineses de Shandong em Portugal.

③ Interesses e religião: Associação dos Artistas Chineses em Portugal, Comunidade Cristã Chinesa em Portugal e Comunidade Budista Chinesa em Portugal.

Todas as comunidades fortalecem as relações entre os seus membros e outros e ao mesmo tempo oferecem ajuda aos chineses pobres, bem como disponibilizam oportunidades de emprego para os novos imigrantes. Em suma, estas associações desempenham um papel positivo no desenvolvimento da sociedade chinesa em Portugal.

Capítulo 4 A integração linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa

Com o aumento do número de imigrantes chineses em Portugal, a sua integração na sociedade portuguesa tornou-se também muito importante. Para investigar a situação da integração linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa, fizemos dois questionários um para os chineses e um para os portugueses, de modo a comparar os resultados destes dois grupos. Esta pesquisa foi feita na zona do Martim Moniz em Lisboa, que é uma região comercial de grande concentração de imigrantes chineses em Portugal.

As questões colocadas tiveram como ponto de partida as seguintes perguntas: Como é que os chineses se sentem sobre a sua integração linguística e cultural em Portugal? Como é que a população portuguesa encara os imigrantes chineses e a cultura chinesa? Neste capítulo, analisam-se os resultados e reproduzem-se as repostas aos dois questionários no anexo final.

4.1. A situação de integração linguística dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa

No questionário sobre a situação de integração linguística e cultural dos imigrantes chineses, foram recolhidas 50 amostras. Segundo as respostas destes 50 participantes, a idade média deles é de 27,68, aproximando-se com a idade média dos imigrantes chineses totais de Portugal (31,1). As principais origens são de Zhejiang (36%), Guangdong (16%), Macau (8%) e Shanghai (8%). O seu tempo de residência varia bastante, sendo o período mais curto identificado meio ano e o mais longo 20 anos. As profissões destes participantes são: estudante, empregado de empresa, proprietário individual, dono de restaurante e outras. Entre eles, há muitos que nasceram na China e depois vieram para Portugal em idade adulta (68%), outros nasceram na China e depois vieram para Portugal antes da idade adulta (28%) e há ainda poucos que são da segunda geração dos imigrantes chineses, que nasceram e foram criados em Portugal (4%).

Em geral, quanto às línguas usadas e aprendidas, todos os participantes sabem chinês, que é a língua materna de todos os inquiridos. Há alguns que também sabem

português, mas naturalmente todos acham que o seu domínio do chinês, a sua língua materna, é melhor do que o do português. A única outra língua estrangeira que foi por eles mencionada é o inglês, mas apenas 8 % dos participantes revelaram ter conhecimentos de língua inglesa, considerando igualmente o seu nível de inglês inferior ao do chinês.

Quando inquiridos quanto ao seu nível de conhecimento da língua portuguesa, 52% de participantes escolheram os níveis A1-A2 (muito básico, apenas têm conhecimento das expressões de cumprimentos simples) e apenas 16% escolheram o nível C1 (muito flexível), outros 16% escolheram o B2, associando este nível a competências entre satisfação das necessidades de vida e um uso flexível, mas que ainda é necessário melhorar. Houve 8% que escolheram o nível B1, como o nível que apenas satisfaz as necessidades diárias. Houve 8% escolheram um nível 'zero', dizendo que não têm conhecimento sobre a língua. É interessante é que ninguém escolheu o nível C2, o nível académico.

Quanto à pergunta "Acha que o seu nível do português é suficiente para as suas atividades em Portugal? Além disso, ainda tem desejo de aprender mais?" 56% dos participantes escolheram "não é suficiente e ainda tenho desejo para estudar mais". 16% escolheram "não é suficiente, mas já não tenho desejo de estudar mais" e outros 16% "é suficiente, mas ainda tenho desejo de estudar mais". Os restantes (12%) consideraram que "é suficiente e não tenho desejo de estudar mais". Pode concluir-se que os domínio da língua portuguesa da maioria dos imigrantes chineses não é suficiente para eles e que a maioria gostaria de aprender mais para melhorar as suas competências na língua de acolhimento.

Na perspectiva dos grupos de imigrantes chineses a residir em Portugal, que caracterizámos no capítulo anterior, é interessante analisar os resultados dos questionários que permitem, associar os diferentes grupos de imigrantes chineses a diferentes situações de integração linguística.

Os comerciantes de Zhejiang (adultos) geralmente possuem um nível baixo da língua portuguesa, segundo as respostas deles nos questionários, em geral, o seu nível da língua portuguesa situa-se entre o A1 e o A2, sendo que a maioria deles considera que os seus conhecimentos de português não são suficientes e ainda querem aprender mais. Todavia, na prática, por causa do tempo, do trabalho e da família reconhecem que é difícil estudar língua portuguesa.

Pelo contrário, os níveis da língua portuguesa dos estudantes de intercâmbio são

muito mais altos, pois avaliam os seus conhecimentos geralmente acima do nível B1 e alguns deles consideram mesmo que se situam no nível C1. É interessante que os funcionários de empresas também consideram que têm baixo nível de português, no entanto, resolvem as suas dificuldades de comunicação falando inglês em vez de português com colegas portugueses. Isto é possível por causa da sua escolaridade e profissionalismo.

Os descendentes de segunda geração que considerámos neste estudo são ainda jovens e apresentam níveis da língua portuguesa que se situam em níveis médios e altos, porém o seu nível de chinês é geralmente muito baixo e muitos deles não sabem ler ou escrever os caracteres chineses. No caso específico destes participantes, o questionário foi realizado sob a forma de entrevista oral, dadas as suas dificuldades em ler o questionário em chinês. Também participaram neste estudo alguns estudantes macaenses: todos avaliaram os seus conhecimentos da língua portuguesa nos níveis B1 e B2. Se considerarmos que o seu tempo de residência em Portugal é de apenas um ano, isto, denota, de uma maneira clara a influência da situação multilingue do território de Macau e da eficácia do sistema de ensino/aprendizagem da língua portuguesa que lá existe, em diversas instituições, nomeadamente, nas instituições de ensino superior.

Em suma, o nível geral da língua portuguesa dos imigrantes chineses em Portugal ainda é muito baixo entre alguns grupos e para uma melhor integração na sociedade portuguesa eles precisam de um melhor nível da língua de acolhimento para comunicar de forma mais eficaz. Como se disse acima, são exceção os chineses que já nasceram em Portugal, os estudantes de intercâmbio, especialmente, os que vieram de Macau.

4.2. A situação de integração cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa

Para compreender a situação de integração cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa, também coloquei algumas perguntas relacionadas com este assunto no questionário para os imigrantes chineses.

De um modo geral, pode perceber-se através das respostas da população chinesa que o grau de aceitação pela sociedade portuguesa em relação aos imigrantes

chineses é alto; no entanto, por diferentes razões, o grau de integração dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa é relativamente baixo.

À pergunta “Na sua vida do dia-a-dia, tem contacto frequente com os portugueses?”, há 52 % de participantes chineses que escolheram “frequentemente” e os restantes 48 % optaram por “muito pouco”; aqui há valores muito próximos entre as duas opções. Quanto à pergunta de escolha múltipla: “Quais são as razões pelas quais tem contactos com os portugueses?” - 44 % dos participantes chineses frisaram as “necessidades de emprego” e 48 % escolheram a “necessidades de estudo”. Já 32 % evidenciam as relações de amizade e uma minoria (8 %) escolheu “outros”. É fácil perceber que os contactos entre os chineses e os portugueses têm principalmente os propósitos de trabalho ou de estudo. Avançando até à pergunta “em geral, qual é a sua impressão sobre os portugueses?” - nota-se que 72 % consideraram os portugueses “simpáticos e abertos, (...) fáceis para fazer amigos”, embora 24 % tenham optado por referir que os portugueses são “bem-educados, mas têm sentido de distância”, não sendo “fácil ser amigos deles”. Apenas 4 % referem “principalmente (...) impressões negativas, antipáticas e racistas (...)”. Conclui-se que as ideias dos imigrantes chineses sobre a população portuguesa são geralmente boas.

Quanto à questão “na sua vida em Portugal, já tem encontrado algumas situações que o façam sentir injustiçado ou discriminado?” 56 % dos inquiridos chineses escolheram “nunca” e 40 % dizem que “houve, mas pouco”; 4 % acham que “houve e é muito frequente”. Quando questionados sobre a sua vida em Portugal: “você acha que está bem integrado/a e aceite pela sociedade portuguesa?” 72 % consideram que individualmente “não está bem integrado/a, por causa das diferenças linguísticas e culturais, mas quer ser integrado/a e aceite pela sociedade portuguesa”. Apenas 16 % salientam que apesar de individualmente “(...) não está bem integrado/a”, tampouco “quer ser integrado/a em primeiro lugar”. Por fim, os restantes 12 % acharam que “sim, já está bem integrado/a, e os portugueses não são xenófobos”.

Quanto à outra pergunta de escolha múltipla: “Quais são as suas maiores dificuldades em Portugal?” - há mais de metade de participantes (52 %) a escolherem as dificuldades linguísticas; 36 % escolheram “dificuldades entre as duas culturas”; 32 % consideram que as dificuldades se prendem sobretudo com “diferenças de valores e de acções dos povos”. 4 % acham que “diferenças de hábitos e de comida” também são relevantes e outros 4 % escolheram “outras razões”, onde definiram, por exemplo, a eficiência e maneiras diferentes para fazer coisas. Podemos inferir que o

grau de integração dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa ainda é baixo, por diferentes razões, entre elas a língua a cultura e também o círculo fechado da rede social chinesa, mas a maioria dos imigrantes chineses ainda quer ser aceite e integrada na sociedade portuguesa.

Na questão “(...) qual acha que é o maior choque cultural entre os chineses e os portugueses?”, muitos participantes chineses deram opiniões interessantes, que apresentamos de forma resumida:

1. Diferença entre as línguas;
2. Diferença do ritmo de vida e das atividades de vida: os portugueses levam geralmente a vida mais relaxada, sabem gozar melhor os pormenores do dia-a-dia; enquanto que os chineses geralmente são mais ocupados e possuem um ritmo mais frenético;
3. Diferença entre os sistemas políticos e educativos dos países, o que gera diferenças entre gerações;
4. Diferenças na eficácia do trabalho e maneiras para resolver os problemas. Para o povo chinês o conceito de “regras” é relativamente mais fraco, isto é, eles têm uma maneira mais flexível de resolver os vários assuntos, sendo a regra apenas uma linha de guia; quanto ao povo português, regras são regras, por isso, são mais inflexíveis e comportam-se de acordo com o que as regras ditam. Isso tem aspectos bons e também aspectos maus, mas não se aplica para toda a gente, só à situação geral;
5. Diferenças dos hábitos do quotidiano e da gastronomia;
6. Diferenças de crenças e de religiões. Os chineses têm mais valores tradicionais de “confucionismo” e “budismo”; em Portugal, a principal religião do povo português é o cristianismo.

Quanto à questão “Na sua vida em Portugal, qual acha que é a maior semelhança entre os chineses e os portugueses?” As opiniões dos participantes foram as seguintes:

1. São ambos povos simpáticos, harmoniosos e hospitaleiros;
2. Em certos graus, são ambos povos pacientes, tranquilos e não radicais, relativamente mais tradicionais e têm atitudes moderadas;
3. A paixão pela gastronomia.

Quanto foram questionados sobre: “se fosse possível, como vê ter uma relação e

casar-se com um português?”, há 48 % de participantes chineses que não lhes importa “(...) ter relações”, contudo quanto ao casamento teriam de “ponderar mais”; há 28 % a considerarem que “não me importa, se as relações fossem adequadas consideraria o casamento” e o resto 24 % rejeitam este ponto dizendo: “não me irei casar com alguém português”. Na recolha das opiniões sobre esta pergunta em particular há que destacar que as respostas têm a ver com a idade dos participantes. Portanto, os mais jovens mesmo que convivam no círculo dos comerciantes chineses, referem, na sua maioria que “não se importa de ter relações ou se casar com os portugueses” ou “não se importa de ter relações com eles, mas vão ponderar mais quanto ao casamento”. Os imigrantes chineses com idades mais adultas, geralmente são mais tradicionais e fechados, e importam-se muito com as relações, pelo que olham com reserva os casamentos com os portugueses.

Se analisarmos os dados recolhidos tendo em conta os grupos de imigrantes chineses, a maioria deles têm como profissão comerciante e os seus contactos com os portugueses são parcos, quando existem é apenas por causa de trabalho. Todavia as suas impressões em relação ao povo português são maioritariamente boas, ou seja, podemos dizer que da perspectiva dos imigrantes chineses, a população portuguesa tem uma alta tolerância e boa aceitação dos imigrantes. Contudo, a falta de aprendizagem da língua portuguesa e as diferenças existentes entre as duas culturas criam por vezes dificuldades de comunicação entre os dois povos. No que diz respeito aos relacionamentos e aos casamentos, a comunidade dos comerciantes de Zhejiang tem uma opinião mais fechada e tradicional, que se diferencia muito da dos outros grupos de chineses. Por outro lado, os estudantes de intercâmbio têm mais contacto com os portugueses, principalmente por necessidades de estudo ou relação de amizade. Os trabalhadores nas empresas não têm muitos contactos com os portugueses, apenas por necessidades de trabalho, no entanto, também eles têm um pensamento relativamente mais aberto e a maioria deles não se importa com as relações e casamentos com portugueses. Este lote de pessoas detêm também, em geral, boas impressões do povo português. A segunda geração dos imigrantes chineses tem uma situação mais complexa de integração. Por um lado, a maioria deles considera que não estão bem integrados na sociedade portuguesa e, por outro lado, eles também têm uma grande dificuldade na construção da sua identidade enquanto chineses. O baixo nível de domínio da língua chinesa (a maioria só fala, não escreve, nem lê) e o nível médio-alto de língua portuguesa, eles convivem nos pequenos círculos de imigrantes chineses em Portugal, mas as suas identidades sociais são incertas e ambíguas. Os macaenses geralmente têm impressões boas em relação à população portuguesa e o seu nível de integração é relativamente mais alto, em comparação com os outros grupos de imigrantes chineses. Também as suas

opiniões sobre relações e casamento são mais abertas.

Em conclusão, do ponto de vista dos imigrantes chineses, o grau de aceitação dos imigrantes pela população portuguesa é relativamente alto, mas por causa das dificuldades de comunicação e por causa das diferenças culturais, a população dos imigrantes chineses não se conseguiu integrar bem na sociedade portuguesa, portanto, é preciso fazer mais esforços no que diz respeito ao diálogo, comunicação e à integração cultural.

4.3. O grau de aceitação pela população portuguesa

Para complementar o meu estudo e estudar o grau de aceitação dos imigrantes chineses pela população portuguesa fiz um outro questionário dirigido aos portugueses, questionando-os sobre as suas atitudes em relação aos imigrantes chineses. Foram também recolhidas 50 amostras. Este questionário foi feito em Lisboa, em diversos locais públicos, com participantes portugueses escolhidos aleatoriamente. Do total de participantes, 24 % têm idades entre os 15 e os 20 anos, 52 % entre os 20 a 30, 12 % têm idades entre os 30 e os 40 e outros 12 % têm idades entre os 40 e os 50. A idade média é 27,36, o que é uma média muito mais baixa do que a idade média atual da população portuguesa.¹⁶ No entanto, isto não afecta o estudo, pois o objectivo principal desta pesquisa é investigar as atitudes e opiniões da população portuguesa sobre os imigrantes portugueses.

Quanto ao “conhecimento sobre a China” (a primeira pergunta), 92 % dos inquiridos escolheu “apenas conheço as coisas mais básicas da China” (por exemplo, eles comem com os pauzinhos, já experimentei a comida chinesa, vi alguns filmes chineses ou sei o que é o kung-fu); outros 8 % expressaram que “tenho muito conhecimento, sou grande fã da China (conheço vários filmes e documentos chineses, gosto da música chinesa, conheço muito bem os costumes chineses e já lá fui)”. De notar que ninguém mostrou desconhecimento da China e do seu povo.

Quanto à aprendizagem da língua chinesa, há 52 % de participantes que não sabem “nada sobre chinês” e outros 48 % não sabem muito, apenas “os cumprimentos simples (como nihao, xiexie, etc.)”. Ninguém demonstrou saber muito e conseguir

¹⁶ Dados de Eurostat, 2014, <http://www.pordata.pt/Europa/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+idade+m%C3%A9dia-2265> (consultado em 24/08/2015).

“falar e comunicar sem problemas com os chineses”. Quando foram questionados sobre se “tem amigos chineses?”, há 64 % a dizerem que “têm poucos”, 28 % a dizerem que “não” e apenas 8% disseram que “têm muitos”. No que diz respeito aos contactos com os chineses, 64 % consideram que “às vezes (por exemplo, faço as compras nas lojas chinesas ou como num restaurante chinês)”, e surpreendentemente, 32 % de participantes indicaram “frequentemente (tenho amigos chineses ou colegas chineses na minha rede social)”. Sobram uns 4 % que dizem “quase nunca, só às vezes vi alguns chineses na rua e mais nada...”.

Quando questionados sobre a impressão geral que têm dos chineses que residem em Portugal, 80 % responderam que “geralmente são impressões boas, eles são simpáticos e trabalhadores”; 20% responderam “não tenho nenhuma impressão, não conheço bem este povo”. Na questão sobre o nível geral de domínio da língua portuguesa dos imigrantes chineses, 64% dos inquiridos consideram que “é mais ou menos, só dá para viver, mas porque a maioria deles abrem lojas e fazem negócios então acho que não precisam de nível alto da língua portuguesa”. Em contrapartida, 32% acham que “é muito bom, não há nenhum problema de comunicação” e só 4% acham que “é muito mau, têm muitas dificuldades para comunicar (têm dificuldades de pronúncia, não fazem a conjugação dos verbos, etc.)”.

Quanto ao gosto pela “cultura tradicional chinesa”, 64 % responderam que gostam, enquanto 36 % revelam desconhecimento desta cultura. Admiravelmente, as respostas à questão “aceita que os imigrantes chineses venham para Portugal? Qual é a sua atitude sobre os imigrantes chineses de Portugal?”, a totalidade respondeu: “aceito-os, eles também constituem uma parte para a nossa economia portuguesa, devemos tratá-los igualmente como os outros”.

Sobre o impacto positivo dos chineses em Portugal, os participantes portugueses deram algumas respostas interessantes, entre as quais:

1. Introdução de novos costumes e outra cultura para Portugal. Trazem também diferentes perspectivas e ideias para a vida portuguesa;
2. Os trabalhadores chineses favorecem o aumento do comércio e a melhoria da economia portuguesa;
3. A gastronomia chinesa enriquece a diversidade de oferta da comida em Portugal.

Quando questionados sobre o impacto negativo ou aspectos menos positivos dos chineses em Portugal, os participantes portugueses salientaram o seguinte:

1. A falta de comunicação por causa de língua;

2. Os círculos chineses são um bocado fechados, não é fácil aproximar-se;
3. O aumento do comércio chinês e os produtos chineses em Portugal, provocaram um choque ao comércio português;
4. efeitos negativos à indústria tradicional portuguesa, de forma directa ou indirecta, provocando a redução do comércio tradicional português;
5. Seria interessante que a comunidade chinesa diversificasse mais as suas atividades económicas. A proliferação de lojas chinesas, todas, com a mesma oferta, acaba por desvalorizar os produtos;
6. Com os preços baixos de produtos importados da China, provoca-se uma grande concorrência ao pequeno comerciante;
7. Alguns comerciantes chineses não pagam os impostos, acaba por ser injusto para os comerciantes de Portugal;
8. Alguns são um pouco desconfiados, acham que há pouco cuidado com a higiene na cozinha em alguns restaurantes chineses;
9. Choque cultural.

Em conclusão, a maioria da população portuguesa tem conhecimentos muito básicos sobre a língua e cultura chinesas e apenas uma pequena parte tem contactos frequentes com os imigrantes chineses. Mas, em geral, o grau de aceitação dos imigrantes chineses pela sociedade portuguesa é muito alto. Segundo o “British Council” e o “Migration Policy Group”, o índice de políticas de integração de migrantes (*migrant integration policy index*, MIPEX) de Portugal é relativamente alto, ficando em segundo lugar entre um total de 31 países europeus e da América do Norte (Yu, 2013: 4; MIPEX 2014).¹⁷ No entanto, no processo da integração dos imigrantes chineses em Portugal ainda existem vários problemas, tais como a comunicação, a concorrência no comércio, as ideias negativas sobre a higiene dos restaurantes chineses. Será necessário mais tempo e mais esforços comuns de ambos os países e dos seus povos a melhorar a situação de integração dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.

¹⁷ <http://www.mipex.eu/portugal> (consultado em 29/10/2015).

Conclusão

Desde as atividades iniciais da colonização humana até hoje, as migrações internacionais já têm uma longa história. Na sociedade moderna, com o desenvolvimento do processo de globalização, a migração internacional já se tornou um fenómeno social perceptível, que afecta diversos países, em vários aspectos. Segundo as diferentes características dos migrantes internacionais, podemos dividi-los em seis tipos principais, os quais são: migrantes de trabalho, migrantes de estudo, migrantes de reunião familiar, migrantes de investimento, refugiados internacionais e migrantes irregulares. De um modo geral, os fluxos de imigração são principalmente de países em desenvolvimento para países desenvolvidos e de países em desenvolvimento para países em desenvolvimento, que tenham um maior potencial económico e social. Diferentes comunidades de imigrantes têm diferentes causas e modos de migração, pelo que hoje em dia, num plano internacional já existem várias teorias sobre os estudos migratórios.

Quando aos estudos sobre as migrações internacionais houve um processo de desenvolvimento e maturação. A China entrou no centro das atenções de todos como um novo país de emigração, atraindo esta atenção devido ao elevado interesse e estudos académicos que têm vindo a ser desenvolvidos. Desde o estabelecimento da “nova China” (1949) até agora, existiram no total três fluxos emigratórios da China. De uma perspectiva regional sobre a distribuição, a Ásia e a América do Norte são os principais destinos tradicionais para os emigrantes chineses. No entanto, recentemente, com a chegada da crise da dívida, muitos países europeus começaram a estabelecer novas políticas de imigração para atrair investimento, o que consequentemente tem aumentado significativamente o número de imigrantes chineses na Europa. Segundo os dados estatísticos do Relatório sobre Migração Chinesa Internacional (2014) até ao fim de 2013, a população dos imigrantes chineses na Europa rondava os 3 a 3,6 milhões.

Portugal, sendo um país do sul da Europa, também recebeu um grande número de imigrantes chineses. De acordo com os dados mais recentes do Serviço dos Estrangeiros e Fronteiras, até 2014, o número de cidadãos chineses legalmente residentes em Portugal era 21,402, representando 5 % do número oficial de estrangeiros em Portugal. Na verdade, os chineses vieram para Portugal já há centenas de anos, existindo quatro fases na história dos imigrantes chineses em Portugal. A primeira fase situa-se no período entre os anos 20 e os anos 70 do século

XX, com a maioria dos imigrantes chineses oriundos de “Qingtian” e “Wenzhou” da Província Zhejiang na China. A segunda fase migratória chinesa foi dos anos 70 aos anos 80 do século XX, coincidindo com a descolonização em 1975 e com o ciclo de imigração liderado pela comunidade africana à qual se associou a vinda de elementos das comunidades chinesas da África, maioritariamente de Moçambique. Durante os anos 80 até ao início do século XXI, o número da população de imigrantes chineses em Portugal mostrou um crescimento notável, sendo este período considerado como a terceira fase. As suas origens podem ser divididas em cinco subgrupos, as quais são: os comerciantes vindo de Zhejiang, Guangdong e Fujian; os descendentes dos retornados de Moçambique; os imigrantes vindos de outros países da Europa para expandir os seus negócios; os imigrantes de Macau; e os estudantes e trabalhadores de intercâmbio. A quarta fase teve início em 2012 e prolonga-se até à atualidade, com o estabelecimento do programa de Autorização de Residência para Atividade de Investimento, também conhecido como programa dos ‘Vistos Gold’, que trouxe para Portugal um grande número de novos imigrantes chineses. Até 31 de Julho de 2015, segundo os dados mais recentes do SEF, já há 2430 investidores a obter vistos deste tipo, entre os quais os chineses ocupam 80,53 % do número total, ou seja, há quase 2 mil imigrantes chineses a vir para Portugal por causa deste tipo de visto e pelos investimentos que a ele se associam.

Com diferentes origens, motivações e profissões, os imigrantes chineses também têm algumas sub-comunidades diferentes. Entre os primeiros imigrantes (antes dos anos 80 do século XX) e os imigrantes novos (depois dos anos 80) existem grandes diferenças em vários aspectos. Primeiro, nas suas características sócio-económicas e perfis académicos: em geral, os primeiros têm escolaridade relativamente baixa, e a sua situação económica e financeira também se apresenta em níveis médio-baixo; os imigrantes novos são maioritariamente das classes altas da China, ou seja, pertencem pelo menos à classe média alta e têm uma escolaridade mais alta. Os seus motivos para emigrar são diferentes dos motivos dos primeiros imigrantes, que se poderiam resumir a ganhar dinheiro para depositar numa conta de poupanças e uma vida mais fácil e estável. De facto, os imigrantes novos têm em consideração, além da economia, também a educação, o investimento e a saúde, bem como as questões ambientais. É interessante que mesmo entre os imigrantes novos existam diferenças, em concreto nos seus perfis, mas não são tão marcadas como as que existiam entre os primeiros imigrantes e os novos. Mais especificamente esta distinção é a que se faz entre a classe média-alta e a classe rica. De facto, podemos dizer que “as imigrações da classe rica não são as mesmas imigrações de motivações intelectuais e/ou estudantis, apenas os imigrantes de classe média é que as encetam” (Tan & Li, 2013: 4). A classe média geralmente

possui uma vida estável e um bom rendimento na China e as suas idades estão geralmente entre os 30 e os 45 anos. Como vimos no nosso estudo, a motivação forte que os leva a imigrar é a educação dos seus filhos. Muitos deles desistem de uma vida doméstica estável só para os filhos terem um ambiente mais aberto e com mais escolhas no seu futuro. Já a classe rica da China normalmente possui outras motivações, em particular, também o trabalho e o investimento.

Como se pretendeu demonstrar, os graus de integração linguística e social dos imigrantes chineses também são muito variados. Os primeiros imigrantes tinham uma escolaridade relativamente baixa e as suas profissões são principalmente empregados de restaurante ou trabalhadores do armazém, o que limita os seus círculos sociais, vivendo geralmente em pequenos círculos sociais chineses, que são normalmente restritos e fechados. Já os imigrantes mais recentes geralmente têm bons conhecimentos de língua portuguesa (por exemplo, os estudantes de intercâmbio, os trabalhadores de empresa chinesa em Portugal e os descendentes de famílias oriundas de Macau, etc.), além de dominarem outras línguas estrangeiras, em particular, o inglês, o que lhes permite maior facilidade de comunicação que somada à sua posição económica e formação académica, ajudam à integração social. Os novos imigrantes chineses ficam em posições socioeconómicas relativamente mais altas e melhores do que os primeiros imigrantes. Como tal, com a sua chegada, o estatuto social dos imigrantes chineses em Portugal também está a aumentar.

Em resumo, há no total duas novas tendências na comunidade chinesa de Portugal: o número total dos imigrantes chineses está a aumentar e a sua tipologia tornou-se mais diversificada; a qualificação dos imigrantes chineses está a melhorar, entram mais elites chinesas e a integração da comunidade no país de acolhimento está a intensificar-se.

Quanto à integração linguística e cultural dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa, tentámos fazer um estudo por amostra que teve algumas limitações, pois infelizmente não conseguimos incluir no nosso estudo imigrantes chineses de investimento. Apesar de limitados, os dados recolhidos permitem-nos concluir que embora o grau de aceitação dos imigrantes chineses pela sociedade portuguesa seja relativamente alto, a falta de comunicação linguística e as diferenças culturais são ainda os factores mais condicionam a integração dos imigrantes chineses na comunidade de acolhimento. Além disso, no processo da integração dos imigrantes chineses em Portugal, também existem outros problemas, pelo que é necessário mais tempo e mais esforços de ambos, países e dos seus povos, para melhorar a situação de integração dos imigrantes chineses na sociedade portuguesa.

Bibliografia

1. Livros e artigos citados

AICEP Portugal Global, *Portugal - Ficha País*, Junho 2014.

Annan, Kofi A., *In Praise of Migration*, The wall street Journal, June 8, 2006.

Arango, Joaquín, *La Explicación Teórica de las Migraciones: Luz y Sombra*, Migración y Desarrollo, 2003

Bansak, Cynthia & Simpson, Nicole B. & Zavodny, Madeline, *The Economics of Imigration*, Routledge, Apr 24, 2015.

Beacco, Jean Claude, *The role of languages in policies for the integration of adult migrants*, concept paper prepared for the seminar “The linguistic integration of adult migrants”, Strasbourg, 26/27 June 2008.

Beacco, Jean Claude, *Adult Migrant Integration Policies: Principles and Implementation*, Language Policy Division, 2010.

Beacco, Jean Claude, & Little, David, & Hedges, Chris, *Linguistic Integration of Adult Migrants – Guide to Policy Development and Implementation*, Council of Europe, 2014.

Benton, Gregor, *The Chinese in Europe: Origins and Transformations*, Religions & Christianity in Today's China, vol.1, No.1, 2011.

Böhning, W. R, *Studies in International Labour Migration*, New York: St. Martin's Press, 1984

Cabral, Sónia & Duarte, Cláudia, *Os imigrantes no mercado de trabalho português*, Banco de Portugal (Boletim económico), Primavera 2011.

Carvalho, Mariana Béu, *O fascínio da China*, Jornal de letras, artes e idéias, Fevereiro 2010.

Castles, Stephen & Miller, Mark & Haas, Heinde, *The Age of Migration: International*

Population Movements in the Modern World, 5th edition, 2013.

Catarino, Pedro, *O futuro das relações económicas Portugal – China*, Câmara de Comércio e Indústria Luso-chinesa com Cesa – Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento, Dezembro 1999.

CONSELHO DA EUROPA, *Convenção Europeia dos Direitos Humanos*, 1953.

Costa, Francisco Lima da, *Fronteiras da identidade: o caso dos macaenses em Portugal e em Macau*, Sociologia, Problemas e Práticas, nº46, 2004.

Ding, Ning, *A comunidade chinesa em Portugal: a cerca de actividades económicas, associativismo, integração e a segunda geração*, Instituto de letras e ciências humanas da Universidade do Minho (dissertação do mestrado), 2012.

ESCAP (Economic and Social Commission for Asia and the Pacific), *Expert Group Meeting on ESCAP Regional Census Programme: Country Paper on International Migration Statistics – India*, 2006.

Espírito Santo, Ricardo Valentim de, *A questão de securização da imigração chinesa em Portugal no Quadro na União Europeia*, Faculdade de economia da Universidade de Coimbra (dissertação de mestrado), 2009.

Extramiana, Claire & Pulinx, Reinhilde & Avermaet, Piet Vau, *Linguistic Integration of adult migrants: Policy and Practice – Draft Report on the 3rd Council of Europe Survey*, Education Policy Division & Education Department, DGII & Council of Europe, Strasbourg, 2014.

EY, *Five Centuries of Global Guanxi – Portugal, Investment Opportunities for Chinese Companies*, 2014.

Gonçalves, Arnaldo M.A., *As relações políticas, diplomáticas e económicas de Portugal com a República Popular da China, mediadas por Macau*, Instituto Politécnico de Macau (IPM), 2006.

Gonçalves, Arnaldo M.A., *A política externa portuguesa para a China – 30 anos de relações bilaterais*, 2009.

Hall, Stuart, *A questão multicultural: da diáspora – identidades e mediações culturais*,

Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

Herman, Emma, *Migration as a Family Business: The Role of Personal Networks in the Mobility Phase of Migration*, International Migration vol. 44 (4), 2006.

Huddleston, Thomas & Niessen, Jan & Chaoimh, Eadaoin Ni & White, Emilie, *Migrant Integration Policy Index III Portugal*, British Council & Migration Policy Group & Council of Europe, 2011.

Igreja, Rui, *Chineses em Portugal: Integração e Relações com a Comunidade*, Universidade de Aveiro (trabalho de mestrado), 2011.

INE (Instituto Nacional de Estatística), *A população estrangeira em Portugal, 2011 – população estrangeira cresceu cerca de 70 % na última década*, 2012.

International Migration Statistics Papers, Series M, No.2 (United Nations publications, sales No.1953. XVII. 10).

IOM (International Organization for Migration), *World Migration Report*, 2013.

Jasso, Guillermina & Rosenzweig, Mark R., *No Child Left Behind? U.S. Immigration and Divided Families*, Sep 2013.

Justo, António da Cunha Duarte, *Vistos dourados e a corrupção que os assiste*, Jornal Mundo Lusíada, 20 Novembro 2014.

Koser, Khalid, *International Migration – A very short Introduction*, Oxford University Press, 2007.

Lechner, Frank, *Globalization Theories: World System Theory*, 2001.

Lee, Peng hong (presidente do IPIM – Instituto de Promoção do Comércio do Investimento de Macau), *Um olhar sobre o futuro de Macau*, 1999.

Marques, Rui, *Integração Cultural e Linguística*, 2005.

Martins, Marlene Moreira de Sousa, *O português dos chineses em Portugal: o caso dos imigrantes da área do comércio e restauração em Águeda*, Departamento de Línguas e Cultura da Universidade de Aveiro, 2008.

Massey, Douglas S., *Worlds in Motion*, Oxford: Clarendon Press, 1998.

Matias, Ana, *Imagens e Estereótipos da Sociedade Portuguesa sobre a Comunidade Chinesa – Interação Multiosecular via Macau*, Edição Alto-Comissariado para a imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), 2010.

Matias, Gonçalo Saraiva, *Migrações e cidadania*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Maio 2014.

Myrdal, Gunnar, *An International Economy, Problems and Prospects*, Harper & Brothers Publishers, 1956.

NAÇÕES UNIDAS, *Convenção de Genebra relativa ao Estatuto de Refugiados*, 1951.

Neves, Miguel Santos e Trindade, Maria Beatriz Rocha, *As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chineses em Portugal e a integração da China na economia global*, Revista migrações – número temático empreendedorismo imigrante, ACIDI, Outubro 2008.

Observatório da Emigração, *Emigração Portuguesa: Relatório Estatístico 2015*.

OI/ACIDI, *Reunificação Familiar e Imigração em Portugal*, 2005.

ONU (Organização das Nações Unidas), *Declaração dos Direitos Humanos*, 1948.

Patrício, Fátima Cristina das Neves, *A origem de Macau – Macau no centro das relações luso-chinesas* (mestrado estudos chineses – relações luso-chinesas), 2010.

Pereira, Bernardo Futscher, *Relações entre Portugal e a República Popular da China*, Relações internacionais, Julho 2006.

Peterson, W., *A General Typology of Migration*, American Sociological Review, 1958.

Pieke, Frank N., & Benton, Gregor, *The Chinese in Europe*, St. Martin's Press, New York, 1998.

Pinto, Isabel, *A comunidade chinesa em Portugal: uma outra face da lusofonia*, revista de estudos interculturais da CEI, Centro de Estudos Interculturais do Instituto

Superior de Contabilidade e Administração do Porto, 2014.

Piore, Michael J. & Doeringer, Peter, *International Labour Markets and Manpower Adjustment*, New York: D.C. Heath and Company, 1971.

PORDATA, *Retrato de Portugal*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Edição 2014.

Portes, Alejandro & Bach, Robert, *Latin Journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States*, Berkeley, University of California Press, 1985.

PORTUGAL GLOBAL, *Investimento chinês aposta em Portugal*, Fevereiro 2012.

Ramos, João de Deus, *Relações de Portugal com a China anteriores ao estabelecimento de Macau*, 1990.

Ravenstein, E.G., *The Laws of Migration*, Journal of the Statistical Society of London, vol.48, No.2, June 1885.

Rego, Conceição & Mendes, Maria Filomena, & Rebelo, José, & Magalhães Graça, *Perfil dos imigrantes em Portugal: por país de origem e regiões de destino*, Universidade de Évora e Instituto Politécnico de Setúbal, Estudos Regionais, Nº 24, 2010.

Reich, Michael & Gordon, David M. & Edwards, Richard C. , *Dual Labour Markets: A Theory of Labour Market Segmentation*, American Economic Review, May 1973.

Rodrigues, Dulce, & Correia, Tânia, & Pinto, Inês, & Pinto, Ricardo, & Cruz Cristina, *Um Portugal de Imigrantes, exercício de reflexão sobre a diversidade cultural e as políticas de integração*, 2013.

Sales, Rosemary, *Understanding Immigration and Refugee Policy: Contradictions and continuities*, (traduzido por Huang Chengxi), Policy Press, Bristol, 2007.

Santos, Boaventura de Sousa, *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, 3ª edição, 2005

Santos, Tânia Rita Silva dos, *A comunidade chinesa em Portugal: factores de risco, factores protectores e rede social*, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (dissertação de mestrado), 2011.

Sassen, Saskia, *Guest and Aliens*, New York Press, 1999.

Saville, Nick, *The Cycle of Migration – A frame work for considering the issues*, Cambridge, ESOL Examinations, 2009.

SEF (Serviços dos Estrangeiros e Fronteiras), *Relatório de Imigração – Fronteiras e Asilo*, 2014.

Segal, Ronald, *The Black Diaspora: Five Centuries of the Black Experience outside Africa*, New York, 1995.

Simões, Sónia, *Como funcionava a rede dos vistos gold?*, Observador, 14 Novembro 2014.

Stalker, Peter, *The Work of Strangers: A Survey of International Labour Migration*, International Labour Office, Geneva, 1994.

Stark, Oded, *The Migration of Labor*, Cambridge (mass), Blackwell, 1993

Taylor, J. Edward, *The New Economics of Labour Migration and the Role of Remittances in the Migration Process*, International Migration, vol.37, issue 1, March 1999.

Todaro, Michael, *The Urban Employment Problem in Less Developed Countries – Analysis of Demand and Supply*, (proquest, retrieved in Jan14, 2014) (original in 1968).

UN, *International Migration Report*, 2013.

UNESCO, *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*, 2002.

UNHCR (United Nations High Commisioner for Refugees), *Global Trends 2013*, 2013.

Wallerstein, Immanuel, *The Modern World System, Vol I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World – Economy in the Sixteenth Century*, New York/ London: Academic Press, 1974.

Walter, Hirsch, *Assimilation as Concept and as Process*, Social Forces, vol.21, Oct. 1942.

2. Livros e artigos citados de chinês

(Tradução da autora)

藏艳玲、许廷芝, 人口迁移在社会经济发展中的作用, 现代农业, 2013 (8)。

(Cang, Yanling & Xu Tingzhi, *Papel da Migração da População no desenvolvimento socio-económico*, Jornal de Agricultura Moderna, 2013(8).)

傅义强, 当代西方国际移民理论述略, 世界民族, 2007.

(Fu, Yiqiang, *Teorias ocidentais contemporâneas de Migração Internacional*, World Ethno-national studies, 2007.)

傅义强, 欧盟移民政策与中国大陆新移民, 暨南大学出版社, 2008.

(Fu, Yiqiang, *As políticas de imigração na Eu e os Imigrantes do Continente da China*, Editora da Universidade Jinan, 2008.)

郭玉聪, 福建省国际移民的移民网络探析兼评移民网络理论, 厦门大学学报(人文社会科学院), 2009.

(Guo, Yucong, *Pesquisa sobre as redes migratórias de migrantes internacionais da Província de Fujian*, Journal da Universidade Xiamen (faculdade de arte e ciência social), 2009.)

郝鲁怡, 欧盟国际移民法律制度研究, 人民出版社, 2011.

(Hao, Luyi, *Os Estudos sobre a Regime Jurídico da UE da Migração Internacional*, Editora de povo (China), 2011.)

刘程, 西方移民融合理论的发展轨迹与新动态, 河海大学学报, 2015.

(Liu, Cheng, *Caminho de desenvolvimento e as novas tendências teóricas de integração imigratória*, Jornal da Universidade Hohai (China), 2015.)

李传勇、李恬, 中国历史上的人口迁移, 四川师范大学学报, 1997 年 9 月.

(Li, Chuanyong & Li Tian, *os fluxos de emigração na história chinesa*, Jornal do Colégio Normal de Sichuan, setembro 1997.)

李靖堃, 列国志---葡萄牙, 社会科学文献出版社, 2006.

(Li, Jingkun, *Lie Guo Zhi --- Portugal (Guide to the world states---Portugal)*, Social Science Academic Press, 2006.)

李明欢, 20 世纪西方国际移民理论, 厦门大学出版社, 2000.

(Li, Minghuan, *Teorias de Migração Internacional no século XX*, Jornal da

Universidade Xiamen, 2000.)

李明欢, *欧洲华人社会剖析: 人口、经济、地位与分化*, 世界民族, 2009.

(Li, Minghuan, *Análise da Comunicação Chinesa na Europa: População, Economia, Estado e Diferenciação*, World Ethno-National Studies, 2009.)

李明欢, *国际移民政策研究*, 厦门大学出版社, 2011.

(Li, Minghuan, *Estudo sobre Políticas de Migração Internacional*, Jornal da Universidade Xiamen, 2011.)

李明欢, *欧洲华侨华人社会现状与发展趋势*, 欧洲华侨华人与当地社会关系丛书, 2011a.

(Li, Minghuan, *A Situação Actual e as Tendências de Desenvolvimento da Sociedade dos Imigrantes Chineses da Europa*, a relação entre os imigrantes chineses e a sociedade local, 2011a.)

李其荣, *欧洲华人社会的趋势变化和主要问题*, 欧洲华侨华人与当地社会关系丛书, 2011.

(Li, Qirong, *As mudanças e os problemas da sociedade chinesa na Europa*, a relação entre os imigrantes chineses e a sociedade local, 2011.)

乔卫、包涛, *中国侨乡侨情调查*, 中国国际广播出版社, 2010.

(Qiao, wei e Bao, Tao, *A investigação sobre a Situação de Terra Natal de imigrantes da China*, Editora do Rádio Internacional da China, 2010.)

邱立本, *国际移民的历史、现状与我国对策研究*, 华人华侨历史研究第一期, 2005.

(Qiu, Liben, *Estudo sobre a História e a Situação Actual de Migração Internacional e os nossos Contramedidas*, Estudo da História dos Imigrantes Chineses, 2005.)

谭敏、李龙, *第三次移民潮让中国“人财两失”?*, 广州日报, 2013.05.21.

(Tan, Ming e Li, Long, *O terceiro fluxo de emigração faz a China perder talento e riqueza*, Jornal Diário de Guangzhou, 2013-05-21.)

王辉耀, *中国国际移民报告 2014*, 社会科学文献出版社, 2014.

(Wang, Huiyao, *Relatório sobre Migração Chinesa Internacional 2014*, Editora Académica da Ciência Social, 2014.)

雁溪, *浅析欧洲华侨华人经济现状、发展趋势*, 2005.

(Yan, Xi, *Análise na Situação Económica e Tendência de Desenvolvimento dos*

Imigrantes Chineses na Europa, 2005)

姚秀芝, *海外华人参政新篇章*, 侨务工作研究, 2009.

(Yao, Xiuzhi, *Novas Participações Políticas dos Emigrantes Chineses no Estrangeiro*, estudo de emigrantes chineses, 2009)

于建华, *葡萄牙华人华侨纪实*, 葡华报出版, 2013.

(Yu, Jianhua, *Os chineses em Portugal*, Editora do journal luso-chinês, 2013.)

钟佳纯, *欧盟统一下葡萄牙移民政策研究*, 南华大学 (硕士论文), 2013.

(Zhong, Jiachun, *A Study on the Immigration Policy of Portugal in the Context of EU Integration*, Nanhua University(master thesis), 2013.)

张继焦, *亚洲的城市移民*, 知识产权出版社, 2009.

(Zhang, Jijiao, *A migração urbana da ásia*, Editora de propriedade intelectual, 2009.)

赵成, *欧洲六国华人生存状态扫描: 中餐馆仍是经济支柱*, 中国侨网, 2007.

(Zhao Cheng, *A Situação de Sobrevivência dos Imigrantes Chineses nos seis países europeus: a restauração ainda é o pilar económico*, Zhong Guo Qiao Wang, 2007)

庄国土, *东南亚华侨华人数量的新估算*, 厦门大学学报 (人文和社会科学院), 2009.

(Zhuang, Guotu, *Novas Estimativas do Número de Chineses no Sudeste da Ásia*, Jornal da Universidade Xiamen (Faculdade de letras e ciência social), 2009.)

庄国土, *华人华侨分布状况和发展趋势*, 侨务工作研究, 2010.

(Zhuang, Guotu, *A distribuição e as tendências de emigração chinesa*, estudo de emigrantes chineses, 2010.)

3. Sitografia:

http://www.sef.pt/portal/v10/PT.aspx/apoioCliente/detalheApoio.aspx?fromIndex=0&id_Linha=6269 (15/09/2015)

<http://www.un.org/en/events/migrantsday/> (20/09/2015)

http://www.jrsportugal.pt/images/memos/convencao_genebra_estatuto_refugiados.pdf (05/04/2015)

http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/migration/migrationreport2013/Full_Document_final.pdf (06/04/2015)

<https://zh.wikipedia.org/wiki/%E6%B1%89%E6%97%8F> (02/05/2015)

http://paper.people.com.cn/rmrb/html/2014-06/19/nw.D110000renmrb_20140619_6-04.htm (16/05/2015)

<http://www.scgti.org/zyx/%E4%B8%AD%E5%9B%BD%E5%9B%BD%E9%99%85%E7%A7%BB%E6%B0%91%E6%8A%A5%E5%91%8A2014-%E6%80%BB%E6%8A%A5%E5%91%8A.pdf> (18/05/2015)

<http://www.pordata.pt/Portugal/Emigrantes+permanentes+total+e+por+grupo+et%C3%A1rio-2522> (30/09/2015)

http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/legislacao/index.aspx?id_linha=4191&menu_position=4133#0 (26/10/2015).

<http://sefstat.sef.pt/evolucao.aspx> (15/06/2015)

<http://pt.mofcom.gov.cn/article/jmxw/201406/20140600630379.shtml> (28/06/2015).

<http://sefstat.sef.pt/distritos.aspx> (15/06/2015)

http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf (27/07/2015)

<http://observador.pt/explicadores/o-que-e-e-como-funciona-um-visto-gold/12-o-que-e-que-levou-as-detencoes-de-altos-responsaveis-do-estado/> (03/08/2015)

www.ine.pt (20/08/2015)

<http://www.pordata.pt/Europa/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+idade+m%C3%A9dia-2265> (24/08/2015)

<http://www.mipex.eu/portugal> (29/10/2015)

Anexos

Anexo I

关于华人移民在葡国语言和文化方面融合度的问卷调查

Questionário da Situação de Integração Linguística e Cultural dos Imigrantes Chineses

您好！为了完成《葡萄牙的中国移民及其在葡国社会中语言 and 文化的融合》硕士论文，本人撰写了此问卷调查，旨在了解中国移民在葡国社会的语言和文化融入情况。本问卷调查完全匿名，恳请您提供宝贵的意见，非常感谢您的帮助和配合！

Olá! Para elaborar a dissertação do mestrado “A Imigração Chinesa em Portugal e a sua Integração Linguística e Cultural na Sociedade Portuguesa”, organizei este questionário para conhecer a situação de integração linguística e cultural dos imigrantes chineses em Portugal. O questionário é respondido de forma anónima, a sua opinião é muito importante. Agradeço a sua ajuda e cooperação!

1. 您的年龄是 _____
(Qual é a sua idade?)
2. 您来自于中国哪里？（请具体到省份） _____
(De que região da China é que vem? Por favor escreva com detalhes até à unidade de província)
3. 您在葡萄牙居住时间有多久？（几年） _____
(Há quanto tempo reside em Portugal?)
4. 您现在从事的职业类型是？ _____ (Qual é a sua profissão?)
 - A. 学生 (estudante)
 - B. 公司职员 (empregado de empresa)
 - C. 个体业主 (proprietário individual)
 - D. 餐馆老板 (dono de restaurante)
 - E. 其他 _____ (outros)
5. 您的移民情况属于以下哪种？ _____ (Qual é a sua situação de imigração?)
 - A. 第一代移民， 在中国出生，成年后来葡萄牙

(a primeira geração, nascido/a na China e depois veio para Portugal na idade adulta)

B. 中途移民，在中国出生，于未成年之前来葡萄牙

(nascido/a na China e depois veio para Portugal antes da idade adulta)

C. 第二代以及之后的移民后裔，在葡萄牙出生和长大

(a segunda geração e seus descendentes; nascido/a e criado/a em Portugal)

6. 您的母语/第一语言是_____ (Qual é a sua língua materna?)

(另外可否在右边空白处写下您所会的所有语言种类以及按照对其熟悉应用程度排名)

(no lado direito por favor escreva todas as línguas que aprendeu, organizando-as de acordo com o seu conhecimento e competências; comece pelas que domina melhor)

A. 中文 (chinês)

B. 葡语 (português)

C. 其他_____ (outros)

7. 您对葡萄牙语的掌握情况是_____ (Qual é o seu nível da língua portuguesa?)

A. 如同当地人，口语、书写自如流畅 C2/ (+)

B. 应用自如 C1/ (+)

C. 还在学习中，处于已经能够满足生活需要和应用自如之间，但还需进一步的提高 B2

D. 会葡语的基本用语，已经能够满足生活需要 B1

E. 只会简单的问候，会的还太少 A1-A2

F. 完全不会 A0 / Não sei português.

8. 您认为您目前的葡语水平对于您在葡萄牙的生活是足够的吗？此外，您还有继续学习葡语的想法吗？_____ (Acha que o seu nível do português é suficiente para as suas atividades em Portugal? Além disso, ainda tem desejo de aprender mais?)

A. 是足够的，没有继续学习的想法 (é suficiente e não desejo estudar mais)

B. 是足够的，但还有继续学习的想法 (é suficiente, mas ainda desejo estudar mais)

C. 是不够的，但没有继续学习的想法 (não é suficiente, mas já não desejo estudar mais)

D. 是不够的，有继续学习的想法 (não é suficiente e ainda desejo aprender mais)

9. 您在日常生活中是否经常接触葡萄牙人? _____

(Na sua vida do dia-a-dia, tem contacto frequente com os portugueses?)

A. 经常 (frequentemente)

B. 很少 (muito pouco)

10. 您跟葡萄牙人的接触通常是什么原因? _____(可多选)

(Quais são as razões pelas quais tem contactos com os portugueses?)

Escolha Múltipla)

A. 工作需要 (necessidade de emprego)

B. 朋友关系 (relações de amizade)

C. 学习需要 (necessidades de estudo)

D. 其他_____ (outros)

11. 大体上葡萄牙人给您的印象是怎么样的? _____

(Em geral, qual é a sua impressão sobre os portugueses?)

A. 和蔼友善, 思想开放, 乐于与中国人交朋友 (simpáticos e abertos; é fácil fazer amigos)

B. 礼貌有教养, 但是不容易亲近, 不容易交朋友

(bem-educados mas têm sentido de distância; não é fácil fazer amigos entre eles)

C. 负面印象居多, 不友善, 对中国人有偏见

(principalmente tenho impressões negativas; são antipáticos e racistas em relação aos chineses)

D. 其他_____ (outros)

12. 您在葡萄牙的生活过程中, 有没有碰到过被不公平对待的情况或者让您感到收到歧视的情况? _____ (Na sua vida em Portugal, já tem encontrado algumas situações que o façam sentir injustiçado ou discriminado?)

A. 有过很经常 (houve e é muito frequente)

B. 有过不经常 (houve, mas pouco)

C. 从来没有 (nunca)

13. 在葡萄牙的生活中, 您觉得自己被葡国社会接纳和融入的情况是怎样的?

(Na sua vida em Portugal, você acha que está bem integrado/a e aceite pela sociedade portuguesa?)

A. 被非常好地接纳和融入进了葡国社会, 葡国人没有排外的感觉 (sim, já estou bem integrado/a e aceite pela sociedade portuguesa; os portugueses não são xenófobos)

B. 因为各种语言文化的原因感觉自己没有很好地融入葡国社会，而想被接纳和融入地更多 (não, por causa das diferenças linguísticas e culturais; quero ser integrado/a na sociedade portuguesa)

C. 因为各种语言文化的原因感觉自己没有很好地融入葡国社会，但是也没有想融入葡国社会的想法 (não, por causa das diferenças linguísticas e culturais, mas também não quero ser integrado/a na sociedade portuguesa)

14. 您在葡国生活遇到的最大的困难是什么? _____ (可多选)

(Quais são as suas maiores dificuldades em Portugal? Escolha Múltipla)

A. 语言不通，处处碰壁 (não sei português)

B. 文化差异，交流障碍 (diferenças entre as culturas)

C. 中葡行为方式的差异，处处受到牵制 (diferenças de valores e de ações dos povos)

D. 饮食习惯的不同 (diferenças de hábitos e de comida)

E. 感到经常受到不公待遇或者歧视感 (discriminação e racismo)

F. 其他_____ (outros)

15. 在葡萄牙生活期间，您觉得中国人在葡萄牙人最大的文化冲突是什么

(Na sua vida em Portugal, qual acha que é o maior choque cultural entre os chineses e os portugueses?)

在葡萄牙生活期间，您觉得中国人与葡萄牙人最相像的一点是什么

(Na sua vida em Portugal, qual acha que é a maior semelhança entre os chineses e os portugueses?)

16. 如果条件允许，您介意与葡萄牙人婚恋吗? (Se fosse possível, como vê ter uma relação e casar-se com um português?)

A. 不介意，恋爱合适的话会结婚

(não me importa, se as relações fossem adequadas consideraria o casamento)

B. 不介意恋爱，但结婚会慎重再三地考虑

(não me importa ter relações, mas quanto ao casamento tenho de ponderar mais)

C. 介意，不会与葡萄牙人恋爱结婚

(importa-me muito a questão das relações e nunca me irei casar com um português)

Anexo II

Questionário sobre as atitudes dos portugueses em relação aos imigrantes chineses

Olá! Para elaborar a dissertação do mestrado “A Imigração Chinesa em Portugal e a sua Integração Linguística e Cultural na Sociedade Portuguesa”, organizei este questionário para conhecer as atitudes dos portugueses em relação aos imigrantes chineses. O questionário será respondido de forma anónima, a sua opinião é muito importante. Agradeço a sua ajuda e cooperação!

1. Qual é a sua idade? _____
2. Tem muitos conhecimentos sobre a China? _____
 - A. Tenho muitos conhecimentos, sou grande fã da China (conheço vários filmes e documentos chineses, a música chinesa; conheço muito bem os costumes chineses e já lá fui);
 - B. Apenas conheço as coisas básicas da China (por exemplo, eles comem com os pauzinhos, já experimentei a comida chinesa, vi alguns filmes chineses ou sei o que é o kungfu);
 - C. Não conheço nada sobre a China e não tenho interesse em saber.
3. Sabe língua chinesa? _____
 - A. Sei muito, já consigo falar e comunicar sem problema com os chineses;
 - B. Não sei muito, só sei os cumprimentos simples (como nihao, xiexie, etc);
 - C. Não sei nada sobre chinês.
4. Tem amigos chineses? _____
 - A. Muitos
 - B. Poucos
 - C. Nada
5. Na sua vida do dia-a-dia, tem muitos contactos com os chineses?

 - A. Não, só às vezes vi alguns chineses na rua mais nada;
 - B. Às vezes (por exemplo, vou fazer as compras às lojas chinesas ou comer num restaurante chinês);

C. Frequentemente. Tenho amigos chineses ou colegas chineses na minha rede social.

6. Qual é a sua impressão geral sobre os chineses em Portugal?

A. Geralmente tenho impressões boas; eles são simpáticos e trabalhadores;

B. Não tenho nenhuma impressão, não conheço muito bem este povo;

C. Tenho impressões muito más sobre eles, por exemplo _____

7. O que é que acha sobre o nível geral de língua portuguesa dos imigrantes chineses? _____

A. Muito bom; não há nenhum problema de comunicação;

B. Mais ou menos, só dá para viver, mas porque a maioria deles abrem lojas e fazem negócios então acho que não precisam de nível alto de língua portuguesa;

C. Muito mau, têm muitas dificuldades para comunicar (têm problemas de pronúncia, não fazem a conjugação dos verbos, etc.).

8. Você gosta da cultura tradicional chinesa? _____

A. Gosto;

B. Não gosto;

C. Não conheço bem.

9. Aceita bem a vinda dos imigrantes chineses para Portugal ? Qual é a sua atitude em relação aos imigrantes chineses em Portugal?

A. Aceito-os, eles também constituem uma parte para a nossa economia portuguesa, devemos tratá-los como outros;

B. Não aceito, excluo-os, porque _____

C. Não me importo muito com isso, não tem muito a ver comigo.

10. Para si qual é o impacto mais positivo da presença dos chineses em Portugal?

E o mais negativo?